

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARINA FELIZARDO LAURÊNIO DE MELO

URBANISMO SOCIAL COMO FERRAMENTA PARA O
DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL

Recife
2019

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Marina Felizardo Laurênio de Melo

**URBANISMO SOCIAL COMO FERRAMENTA PARA O
DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para a
Graduação no Curso de Arquitetura e
Urbanismo, sob orientação da Profa. Dra.
Winnie Emily Fellows.

Recife
2019

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M528u Melo, Marina Felizardo Laurênio de.
Urbanismo social como ferramenta para o desenvolvimento sócio-espacial / Marina Felizardo Laurênio de Melo. - Recife, 2019.
112 f. : il. color.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Winnie Emily Fellows.
Trabalho de conclusão de curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2019.
Inclui bibliografia

1. Arquitetura. 2. Urbanismo social. 3. Desenvolvimento sócio-espacial. I. Fellows, Winnie Emily. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2019-299)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Marina Felizardo Laurênio de Melo

**URBANISMO SOCIAL COMO FERRAMENTA PARA O
DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como exigência parcial para a Graduação no
Curso de Arquitetura e Urbanismo, sob
orientação da Prof.^a Dr.^a Winnie Emily Fellows.

Aprovada em _____ de 2019

BANCA EXAMINADORA

Pedro Henrique Cabral Valadares, FADIC
Primeiro examinador

Ana Carolina Puttini Iannicelli, UFPE
Segunda examinadora

Winnie Emily Fellows, FADIC
Orientadora

Recife

2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Geruza e Ricardo, que sempre me apoiaram e me deram o suporte necessário para atingir os meus objetivos. Além deles, também a toda a minha família e amigos, que direta ou indiretamente me ajudaram nessa jornada.

Gostaria de agradecer especialmente a minha orientadora e professora, Winnie Fellows, por todo aprendizado, incentivo e dedicação durante esse curso.

Obrigado também aos professores que aceitaram o convite a participar da minha banca: Pedro Valadares e Carolina Puttini, que por eles tenho grande admiração, bem como a todos que foram meus professores no decorrer do curso.

No mais, aqueles que me ajudaram e apoiaram principalmente no decorrer desse ano, seja direta ou indiretamente, minha sincera gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a experiência da cidade de Medellín quanto ao uso do Urbanismo Social como ferramenta para o desenvolvimento sócio-espacial, possuindo como questão norteadora “em que medida o Urbanismo Social pode contribuir para o desenvolvimento sócio-espacial de uma comunidade ou cidade?” A hipótese adotada é que esse desenvolvimento pode ocorrer na medida em que transformações físicas e sociais em conjunto promovam a integração socio-territorial e resgatem a autoestima dos moradores das áreas objeto de intervenção. Como apoio teórico, buscou-se os conceitos de urbanismo por Choay (2003), Urbanismo Social por Echeverri ([201-]), e desenvolvimento sócio-espacial por Souza (2002). Para essa pesquisa, foi utilizado como método de abordagem, o método hipotético dedutivo de Bunge (1980), e como método de procedimento o estudo de caso, em forma de uma análise exploratória. Como técnicas de pesquisa, foram utilizadas pesquisa bibliográfica, através dos autores já citados anteriormente, trabalhos acadêmicos, sites jornalísticos, questionário “online” para a população de Medellín, entrevista presencial com o arquiteto envolvido nos projetos para a cidade, e entrevista obtida por mídia digital com o ex-secretário de cultura e desenvolvimento social de Medellín. Concluir essa pesquisa permitiu a confirmação da hipótese adotada, sendo observado que a transformação do espaço público, quando realizada com qualidade e construída com o objetivo de integrar a cidade, tem a capacidade de gerar sentimentos de dignidade, admiração e orgulho pela comunidade, bem como alterar a percepção da mesma em relação a cidade.

Palavras-chave: Urbanismo. Urbanismo Social. Desenvolvimento sócio-espacial. Medellín.

ABSTRACT

This research aims to analyze the experience of the Medellín's city with the use of Social Urbanism as a tool for socio-spatial development, having as a guiding question "to what measure can Social Urbanism contribute to the socio-spatial development of a community or city?" The hypothesis adopted is that this development could happen if physical and social transformation together can promote socio-territorial integration and restore the self-esteem of the residents of the areas of intervention. As theoretical support, it sought the concepts of urbanism by Choay (2003), Social Urbanism by Echeverri ([201-]), and socio-spatial development by Souza (2002). For this research, it was used as a method of approach the hypothetical deductive method of Bunge (1980), and as a procedure method, the case study, in the form of an exploratory analysis. As research techniques, was used bibliographic research, through the authors previously mentioned, academic papers, journalistic websites, online questionnaire for Medellín's population, face-to-face interview with the architect involved in the projects for the city, and digital media interview with Medellín's ex secretary of culture and social development. Concluding this research allowed the confirmation of the hypothesis adopted, being observed that the transformation of public space, when it is realized with quality and built with the objective of integrating the city, has the ability to creating feelings of dignity admiration and pride by the community, and change the perception of the city by the same.

Keywords: Urbanism. Social Urbanism. Socio-spatial development. Medellín.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (1970).....	17
Figura 2 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (1990).....	17
Figura 3 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (2018).....	18
Figura 4 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (2030).....	18
Figura 5 – Gráficos da população urbana e rural na Ásia e America Latina e Caribe, 1950 - 2050.....	20
Figura 6 – Taxa de homicídio na Colômbia 1975 – 2005.	22
Figura 7 – Porcentagem da população em áreas urbanas e rurais na Colômbia.	23
Figura 8 – Deslocamento forçado do campo para cidade devido a violência. Colômbia: 1985-2005.	24
Figura 9 – Projeto “New Harmony” por Robert Owen, Indiana, 1838.	32
Figura 10 – Lá cité industrialle, idealizada por Tony Garnier.....	35
Figura 11 – Esquema da implantação da cidade industrial, Tony Garnier.	35
Figura 12 – Morávia, República Tcheca, projeto de Camillo Sitte.	37
Figura 13 – Diagrama da cidade-jardim de Howard.	37
Figura 14 – Broadacre, implantação geral de Frank Loyd Wright.....	38
Figura 15 – Broadacre de F.L. Wright, maquete digital realizada por estudantes.	39
Figura 16 – Desenho a mão da Marina City, por K. Kikutake.	40
Figura 17 – Marina City, por K. Kikutake.	40
Figura 18 – Correntes do urbanismo (com base em Choay, 2005) do século XIX a 1965.	45
Figura 19 – Caracterização dos modelos e correntes.	45
Figura 20 – Localização geográfica da cidade de Medellín.	53
Figura 21 – Divisão territorial de Medellín, área urbana e rural.	54
Figura 22 – Divisão territorial da área urbana de Medellín.	54
Figura 23 – Vila de Nossa Senhora de Candelária de Medellín, 1675.	57

Figura 24 – Vila de Medellín, 1770.	57
Figura 25 – Capital (1826-1915).....	58
Figura 26 – Cidade transbordando (1948-1970).....	58
Figura 27 – Crescimento e valorização (1970-1985).....	58
Figura 28 – Mancha urbana de Medellín (Atualidade).....	58
Figura 29 – Principais indicadores de pobreza e qualidade de vida, Medellín 2002-2011.	59
Figura 30 – Variação do PIB, taxa de desemprego e pobreza. Medellín 2002-2011.	61
Figura 31 – Folha de jornal com anúncio da morte de Pablo Escobar.	65
Figura 32 – Parque dos Pés Descalços.	67
Figura 33 – Parque dos Desejos.	67
Figura 34 – Linha do tempo dos principais marcos históricos de 1540 a 2003.	69
Figura 35 – La transformación de Medellín.	70
Figura 36 – Investimentos por comuna e corregimiento, 2012.....	73
Figura 37 – Projetos Urbanos Integrados.....	74
Figura 38 – Pirâmide invertida da mobilidade.....	75
Figura 39 – Metrocable.....	76
Figura 40 – Ônibus da frota Metroplús.	77
Figura 41 – Curiosidade sobre o Tranvía.	77
Figura 42 – Estação de bicicletas EnCicla.	78
Figura 43 – Linhas e pontos dos transportes públicos da área urbana de Medellín.....	78
Figura 44 – Escada rolante (vista interior).....	79
Figura 45 – Escada rolante (vista externa).....	79
Figura 46 – Localização dos Parques Biblioteca.....	80
Figura 47 – Santo Domingo.....	81
Figura 48 – La Quintana.....	81
Figura 49 – La Ladera.	81
Figura 50 – San Javier.	81
Figura 51 – San Cristóbal.....	81
Figura 52 – San Antonio de Prado.	81
Figura 53 – Guayabal.....	81

Figura 54 – Doce de Octubre.	82
Figura 55 – Belén.	82
Figura 56 – UVA De La Imaginación.	83
Figura 57 – UVA De La Esperanza.	83
Figura 58 – UVA Los Sueños.	83
Figura 59 – UVA De La Alegria.	83
Figura 60 – UVA De La Armonia.	83
Figura 61 – UVA Nuevo Amanecer.	83
Figura 62 – UVA La Libertad.	84
Figura 63 – UVA San Fernando.	84
Figura 64 – UVA Los Guayacanes.	84
Figura 65 – UVA Mirador San Cristóbal.	84
Figura 66 – UVA De La Cordialidad.	84
Figura 67 – UVA El Poblado.	84
Figura 68 – UVA El Encanto.	84
Figura 69 – UVA Aguas Claras.	84
Figura 70 - Localização das UVAs.	85
Figura 71 – Parque Explora.	86
Figura 72 – Centro Cultural (área externa).	87
Figura 73 – Centro Cultural (área interna).	87
Figura 74 – Unidade Esportiva Granizal: antes da intervenção.	88
Figura 75 – Unidade Esportiva Granizal: depois da intervenção.	88
Figura 76 – Parque De La Candelaria: antes da intervenção.	88
Figura 77 – Parque De La Candelaria: depois da intervenção.	88
Figura 78 – Parque De La Imaginación Villa Del Socorro: antes da intervenção.	88
Figura 79 – Parque De La Imaginación Villa Del Socorro: depois da intervenção.	88
Figura 80 – Antigo lixão.	89
Figura 81 – Depois da intervenção: Parque Moravia.	89
Figura 82 – Parque Moravia.	90
Figura 83 – Parque Moravia.	90
Figura 84 – Planta baixa e corte do projeto do Paseo Andaluzia.	91
Figura 85 – Antes e depois da intervenção do Paseo Andaluzía.	91

Figura 86 – Ponte Mirador.....	92
Figura 87 – Rua 106: antes da intervenção.....	92
Figura 88 – Rua 106: depois da intervenção.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados do questionário.	95
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Medellín: Indicadores socioeconômicos de comunas e corregimientos.....	61
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. URBANIZAÇÃO ACELERADA E SUAS CONSEQUÊNCIAS	15
2.1. Urbanização acelerada no mundo	15
2.2 Histórico do processo de urbanização na Colômbia	20
3. O URBANISMO E SUAS TIPOLOGIAS	27
3.1. Surgimento e controvérsias	27
3.2. Tipologias do urbanismo: do Pré-Urbanismo à Filosofia da Cidade	29
3.3. Urbanismo Social.....	46
4. DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL	49
4.1. Socioespacial ou sócio-espacial?	49
4.2. Desenvolvimento como mudança social positiva.....	50
5. URBANISMO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL EM MEDELLÍN, COLÔMBIA	53
5.1. A cidade de Medellín	53
5.2. O Urbanismo Social	63
5.2.1 Seus precursores	63
5.2.2. “Trocando a pele a partir do Urbanismo Social”	70
5.2.3. A percepção dos usuários e participantes do projeto.....	93
6. CONCLUSÃO.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
Apêndice A - Roteiro do questionário online para a população residente em Medellín.....	110
Apêndice B - Roteiro para entrevista com Carlos Mario Rodriguez	112

1. INTRODUÇÃO

Diante da problemática do êxodo rural, que levou milhares de pessoas a procurarem melhores condições de trabalho, locais mais seguros e com menos violência, Medellín foi uma das principais cidades da Colômbia a sofrer com esse inchaço populacional, fazendo com que a cidade dobrasse de tamanho em pouco tempo. Essa urbanização acelerada desalinhada com o crescimento econômico e industrial, gerou várias consequências, principalmente, sociais e espaciais tendo como exemplo a insuficiência de empregos em diversos setores, falta de habitações de qualidade, fragmentação socioespacial do território, surgimento de áreas periféricas, entre outros.

Esses sérios problemas que a cidade enfrentou, deixaram claro a urgência para se pensar em soluções para esses núcleos urbanos, de maneira que fosse garantia a todos, um espaço dotado de infraestrutura, educação, cultura e lazer com segurança. Diante dessa necessidade, o urbanismo, que desde o seu surgimento e em toda sua história, foi uma ferramenta de organização do território, vê-se agora em mais uma oportunidade para unificar uma cidade fragmentada. Nesse contexto, o Urbanismo Social surge como uma ferramenta para o desenvolvimento sócio-espacial, e construção de uma cidade melhor.

Sendo assim, a questão que se coloca é em que medida, o Urbanismo Social pode contribuir para o desenvolvimento sócio-espacial de uma comunidade ou cidade? A hipótese adotada é que esse desenvolvimento é possível na medida em que transformações físicas e sociais em conjunto promovam a integração socio-territorial e resgatem a autoestima dos moradores das áreas objeto de intervenção.

O interesse nessa pesquisa surgiu com o desejo de querer entender em que medida o Urbanismo Social pôde contribuir para o desenvolvimento sócio-espacial da cidade de Medellín. Através de quais instrumentos pode-se melhorar a qualidade de vida e transformar a própria sociedade? De que forma eles são aplicados? Para quem são aplicados? E principalmente, analisar os fatores que levaram ao êxito ou ao fracasso dessa experiência.

A curiosidade sobre essas questões começou após um breve conhecimento sobre a experiência de transformação urbana e social ocorrida em Medellín, tendo

sido comprovado que houve melhorias na qualidade de vida das comunidades, redução de criminalidade, violência, drogas, entre outros.

Devido a esses fatores, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar até que ponto o urbanismo pode contribuir para o desenvolvimento socio espacial de uma comunidade ou uma cidade. Possuindo como objetivos específicos, entender o processo da urbanização acelerada e suas consequências; pesquisar as tipologias do urbanismo; entender o conceito de desenvolvimento sócio-espacial; analisar a experiência da cidade de Medellín quanto ao uso do Urbanismo Social como ferramenta para o desenvolvimento sócio-espacial; e pesquisar depoimentos das comunidades beneficiadas por essas transformações, na forma de questionário e entrevistas.

Como apoio teórico, buscou-se os conceitos de urbanismo por Choay (2003), Urbanismo Social por Echeverri ([201-]), e desenvolvimento sócio-espacial por Souza (2002).

Para essa pesquisa, foi realizado como método de abordagem, o método hipotético dedutivo de Bunge (1980), e como método de procedimento o estudo de caso, em forma de uma análise exploratória. Como técnicas de pesquisa, foram utilizadas pesquisa bibliográfica, através dos autores já citados anteriormente, trabalhos acadêmicos, sites jornalísticos, questionário “online” para a população de Medellín, entrevista presencial com o arquiteto envolvido nos projetos para a cidade, e entrevista obtida por mídia digital com o ex-secretário de cultura e desenvolvimento social de Medellín.

A pesquisa foi estruturada em seis capítulos, sendo o primeiro, a atual introdução. O segundo, focado na urbanização acelerada e suas consequências, aborda o crescimento populacional das cidades fazendo um comparativo em relação ao mundo todo, e posteriormente isolando apenas o caso da Colômbia. O terceiro discute o surgimento e as controvérsias do urbanismo, suas tipologias: do pré-urbanismo até a filosofia da cidade, finalizando o capítulo com o surgimento e conceito do Urbanismo Social. O quarto capítulo, diz respeito ao conceito do que é desenvolvimento sócio-espacial, como também o porquê dessa grafia. O quinto é dividido em duas partes, a primeira aborda a cidade de Medellín quanto a suas características; e o segundo, que ainda se subdivide em três partes, explica os antecedentes do Urbanismo Social na primeira parte; depois, como foi a fase de “troca de pele” da cidade, mas precisamente, como esse urbanismo foi utilizado para

melhorar a qualidade de vida e aumentar a justiça social; e por fim, a percepção dos moradores e pessoas envolvidas nos projetos. O sexto e último capítulo, corresponde à conclusão, quando são feitas as vinculações cabíveis entre a pesquisa empírica e os conceitos que deram suporte à pesquisa, e é apresentada uma reflexão final sobre os resultados alcançados.

2. URBANIZAÇÃO ACELERADA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

2.1. Urbanização acelerada no mundo

O homem desde seus primórdios e durante toda a sua evolução, reúne-se com seus semelhantes por diversos objetivos, como religião, produção de alimentos, segurança pessoal, entre outros. Tais agrupamentos e aglomerados se transformaram em aldeias, vilas, até chegar no modelo de cidade mais complexa que conhecemos hoje. Essa evolução ocorreu em três estágios:

O **primeiro estágio é o pré-urbano** e se liga à sociedade gentílica, consistente em pequenos grupos homogêneos e autossuficientes, dedicados inteiramente à busca de alimentação. Podemos acrescentar que esses pequenos grupos, referidos por Sjoberg, são de base familiar, constituindo clãs ou gentes, cujo processo evolutivo provocaria o aparecimento de agrupamentos mais complexos, como as frátrias, as tribos e confederações de tribos, que, situando-se num espaço físico permanentemente, gerando excedente da produção de alimentos e condicionando, mais tarde, a especialização do trabalho com o surgimento da propriedade privada e de uma classe dirigente, dão origem à cidade, consoante síntese de Fustel de Coulanges, que concorda, em essência, com Morgan [...]. **O segundo estágio começa com o aparecimento da cidade** e corresponde, no esquema de Sjoberg, à **sociedade pré-industrial**, quando já se dispunha da metalurgia, do arado e da roda, elementos capazes de multiplicar a produção e facilitar as distribuições; conta-se também com a palavra escrita [...]. A cidade, então, —era uma ilha urbana no meio de um mar rural. **O terceiro estágio é o da cidade industrial moderna**, associada a uma organização humana complexa, caracterizada pela educação de massa, um sistema de classes fluido e um tremendo avanço tecnológico que usa novas fontes de energia. (gns). (SILVA, 2010 apud CRONWELL, 2018, p.18).

Os primeiros grupos humanos eram compostos da base familiar e independente do que ocasionou a união desses diversos grupos, posteriormente formaram o modelo de cidade que temos hoje. A partir disso, segundo Coulange (2009 apud CRONWELL, 2018):

Pouco importa procurar a causa que determinou que várias tribos vizinhas se unissem. A união foi ora voluntária, ora imposta pela força superior de uma tribo, ora pela vontade potente de um homem (COULANGE, 2009 apud CRONWELL, 2018, p.18).

O processo de crescimento das cidades dado pelo aumento populacional em núcleos urbanos sobre os rurais, gerou-se de modo tão rápido, que ficou conhecido como urbanização acelerada (processo na qual a população em núcleos urbanos

crece em relação ao meio rural), a qual gerou sérias consequências sociais e espaciais. Ainda é válido ressaltar que o processo de urbanização e o crescimento da mancha urbana dessas cidades não é algo simples, são características que demonstram como uma sociedade habita e produz nela.

Silva (2014), comenta sobre a urbanização acelerada, que:

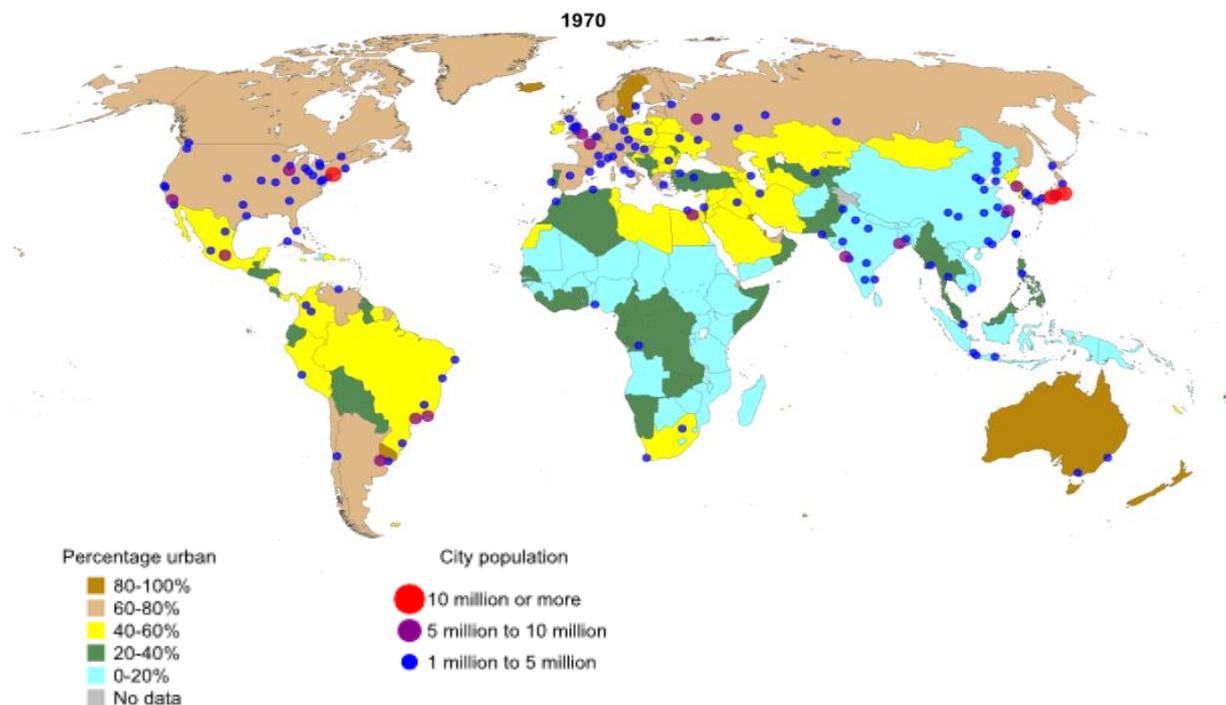
Durante o século XX, o processo de urbanização se generalizou, espalhando-se por toda a superfície do planeta. Vale lembrar que até meados deste século o fenômeno da urbanização era lento e circunscrito aos países que primeiro se industrializaram, os chamados países desenvolvidos. Nos países em desenvolvimento, a urbanização se intensificou a partir de 1950, graças ao crescimento da industrialização (SILVA, 2014, p. 21).

Ainda sobre esse fenômeno, as Figuras 1 a 4 deixam evidente o crescimento populacional nas áreas urbanas em escala mundial a partir dos anos de 1970 com previsão de crescimento até 2030. A partir dessas figuras, é possível identificar tanto o crescimento das cidades como o crescimento percentual da população urbana que nelas vivem.

Segundo dados da United Nation (2018), em 1970, eram poucas as aglomerações urbanas com população entre 5 e 10 milhões de habitantes e em número menor ainda, as aglomerações com mais de 10 milhões de habitantes. A grande maioria das aglomerações abrigava uma população entre 1 e 5 milhões de habitantes nesse ano. O percentual de população urbana sobre a população total, na maioria das aglomerações estava entre 40% e 60%.

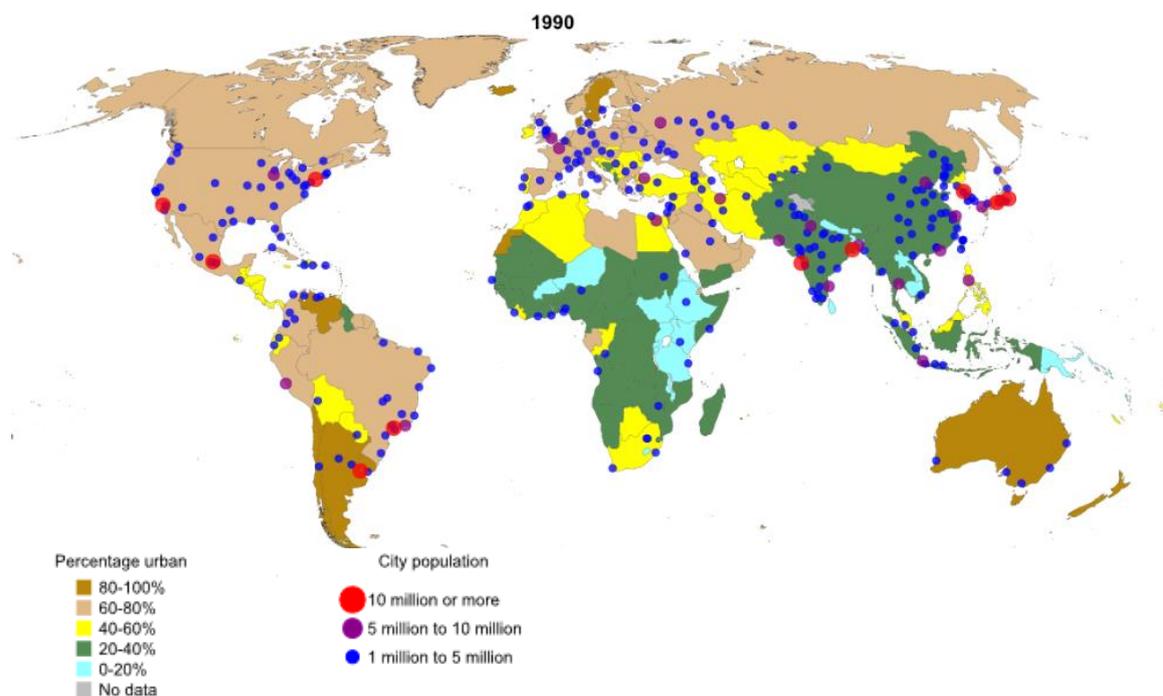
Em 1990, cresceram tanto o número de aglomerações urbanas com mais de 10 milhões de habitantes, como o percentual da população urbana sobre a população total, que passa a ser entre 60% e 80% na maioria das aglomerações. Em 2018, a população urbana da maioria das aglomerações passa a representar entre 80% e 100% da população total, especialmente nos países das Américas do Norte e do Sul. Para 2030 a previsão é que a concentração da população urbana entre 80% e 100% atingirá um número ainda maior de aglomerações e que haverá também um número ainda maior de aglomerados com população acima de 10 milhões de habitantes.

Figura 1 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (1970).



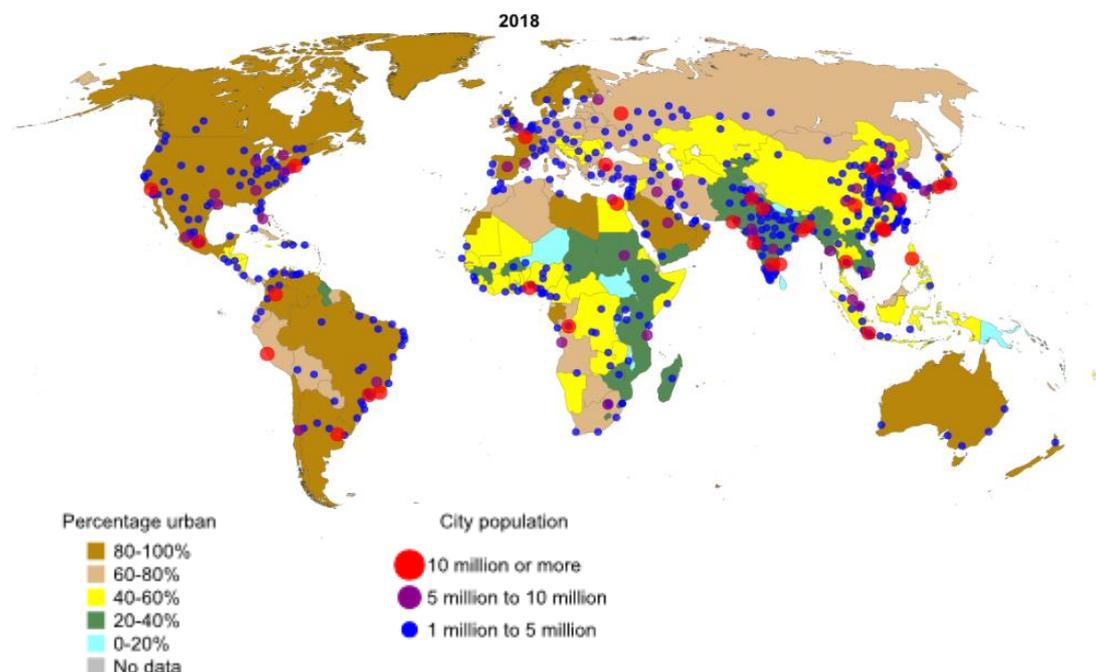
Fonte: World Urbanization Prospects 2018. © 2018 United Nations.

Figura 2 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (1990).



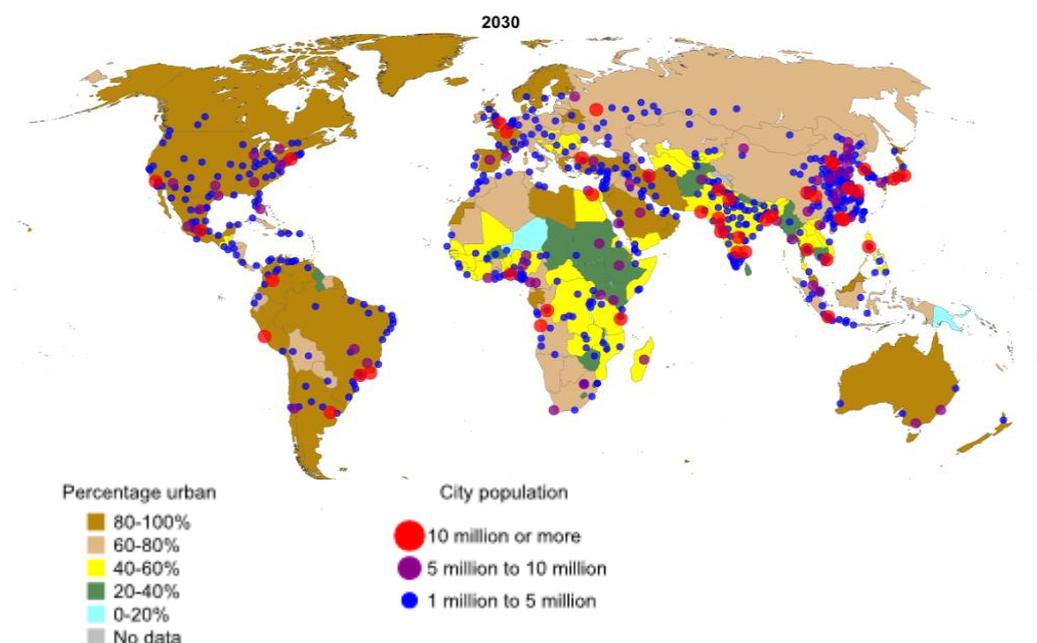
Fonte: World Urbanization Prospects 2018. © 2018 United Nations.

Figura 3 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (2018).



Fonte: World Urbanization Prospects 2018. © 2018 United Nations.

Figura 4 – Mapa sobre a percentagem urbana e aglomerações urbanas por classe de tamanho (2030).



Fonte: World Urbanization Prospects 2018. © 2018 United Nations.

Apesar da urbanização ter sido progressiva mundialmente, nota-se que os países de Terceiro Mundo, independente dos fatores motivacionais, são os que ainda

possuem atualmente o maior aumento populacional. Segundo Santos (1981 apud PIRES [200-?]):

O fenômeno da urbanização é, hoje, avassalador nos países do Terceiro Mundo. A população urbana dos países desenvolvidos (tomadas apenas às cidades com mais de vinte cinco mil habitantes) é multiplicada por 2,5 entre 1920 e 1980, enquanto nos países subdesenvolvidos o multiplicador se aproxima do 6. (SANTOS, 1981 apud PIRES, [200-?]).

Dado isso, torna-se errôneo associar esse crescimento populacional a países desenvolvidos, cujo crescimento econômico e industrial de certa forma acompanharam a urbanização. Os países da América latina, onde todos são considerados países subdesenvolvidos, são exemplos disso, o crescimento de suas populações ocorreu de maneira mais rápida que nos países da Europa e América do Norte, contudo, foi observado que tal crescimento não foi acompanhado da mesma forma quando comparado ao crescimento econômico.

Castels (1978 apud MONTEIRO E OJIMA [2014]), afirma que além dessa interpretação errônea que se dá ao crescimento populacional e econômico, cada região, país ou cidade é formada a partir de diversos processos históricos que levaram conseqüentemente a sua situação atual, seja para ser considerado desenvolvido ou subdesenvolvido.

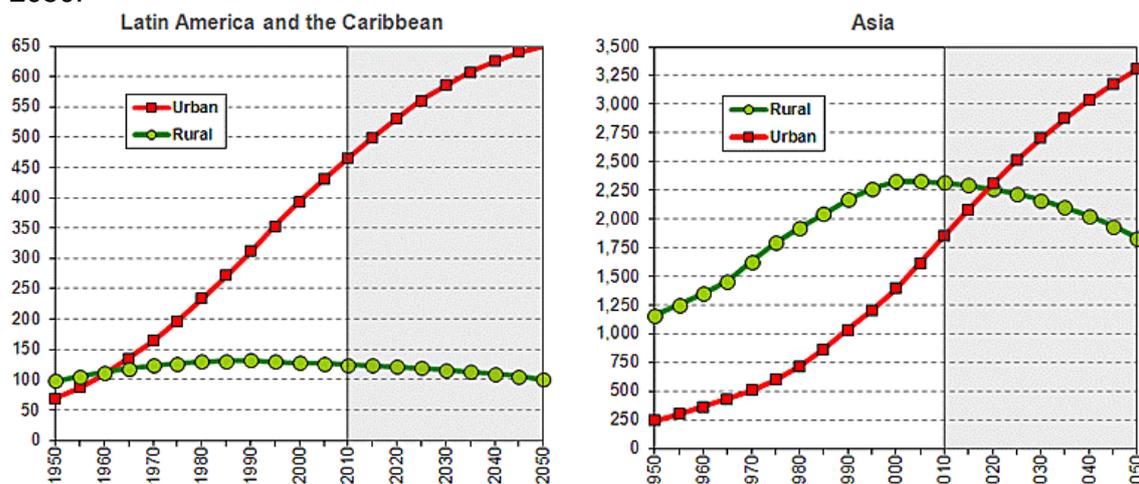
Se trata de uma interpretação errônea considerar a urbanização como uma consequência do crescimento econômico e da industrialização ou supor que a grande urbanização seja indício do desenvolvimento. Para compreender o processo é necessário integrar a essa análise a análise do chamado subdesenvolvimento, que ao declarar o status de desenvolvimento aos outros países deve-se entender que não se trata de uma sequência diferente do mesmo desenvolvimento, mas diferentes maneiras de expansão de uma estrutura histórica. Onde o capitalismo preencheu de diferentes maneiras as estruturas em cada sociedade e dessa forma os países subdesenvolvidos devem também ser lembrados como países explorados, dominados e economicamente dependentes. (CASTELS, 1978 apud MONTEIRO e OJIMA, 2014, p.3)

Devido a isso, o crescimento e a urbanização das cidades devem ser entendidos como algo singular de cada país, sendo que cada um sofre influência do capitalismo em diferentes escalas e objetivos, configurando uma expressão e dinâmica social individual de cada cidade.

Ainda nos países da América Latina, a rapidez e a intensidade dessa urbanização são questões centrais para se entender a mesma sociedade. A Figura 5 mostra o comparativo entre a urbanização na América do Latina e na Ásia, podendo

observar que em 2010 a América Latina já possui maior população urbana e com maiores tendências a crescer, em contrapartida, a Ásia ainda está na fase de transição da população rural para a urbana.

Figura 5 – Gráficos da população urbana e rural na Ásia e America Latina e Caribe, 1950 - 2050.



Fonte: Monteiro e Ojima, 2014, p.4.

A Figura 5 serve para dar ênfase ainda mais na teoria de Castels (1978 apud MONTEIRO E OJIMA [2014]), uma vez que podem ser vistos dois exemplos de populações, mas que por diversos motivos, sejam econômicos ou sociais, o processo de urbanização se deu em dinâmicas diferentes uma da outra. Ainda sobre essa teoria, Monte-mor (2010 apud MONTEIRO E OJIMA [2014]) afirma:

Essas modificações são faces correlatas de um processo de mudança qualitativa e quantitativa pelo qual passa a sociedade e que se reflete na forma que a população faz as suas escolhas. Dessa maneira está afetada desde seu comportamento reprodutivo, sua forma de moradia e como desfruta dos serviços e das condições oferecidas pela cidade e essas escolhas se relacionam com a forma física da cidade. (MONTE-MOR, 2010 apud MONTEIRO e OJIMA, 2014, p. 4).

Dessa forma, fica claro que as configurações espaciais e o aumento populacional de cada Nação são derivadas de vários fatores, inclusive das escolhas e comportamento de cada sociedade, pois essas escolhas irão refletir na forma física da cidade.

2.2 Histórico do processo de urbanização na Colômbia

Antes de analisar de fato o crescimento populacional urbano na Colômbia, é valido ressaltar alguns fatores históricos que levaram a esse crescimento e consequente urbanização das principais cidades do país.

Ainda hoje o país apresenta estruturas sociais com traços do período colonial e da violência de épocas passadas. Segundo Aparecido (2002 apud PIRES ([200-?]) os movimentos atuais possuem características similares aos movimentos anteriores, como por exemplo a “Guerra dos 1000 dias” durante os anos de 1899 a 1902, onde morreram mais de 200.000 pessoas, e anos depois o “La Violência” (guerra que se deu entre os donos de terras e a população rural) entre 1948 e 1950 onde foram mais de 300.000 mortos. Nesse último período, visando estabelecer a paz diante de uma polarização bipartidária, líderes liberais e conservadores uniram-se em busca de uma solução, criando assim, a principal força política da Colômbia, a Frente Nacional. Contudo, em oposição a essa união, houve o surgimento de grupos de guerrilhas de vertentes liberais e ideologias socialistas, sendo os principais, o Exército de Libertação Nacional (ELN), o Movimento Revolucionário 19 de Abril (M-19) e, principalmente, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

Criada com ideais socialistas, as FARC é a principal organização ainda existente na Colômbia. O grupo foi criado pelo liberal Pedro Antonio Marín e na época em que surgiu, visava promover principalmente a distribuição igualitária de terras, a reforma agrária, o fim de governos corruptos e de relações com os Estados Unidos. Segundo Presse (2017) no início da organização ela chegou a operar em 242 municípios, totalizando mais de 40% do território, em comparação, em 2017, essa quantidade de áreas dominadas cai para 26 zonas, reduzindo em 90% do espaço que anteriormente ocupava. Essa redução de domínio do grupo aconteceu devido a ajuda econômica que os Estados Unidos ofereceram ao Exército Nacional, o qual contribuiu para a expulsão das FARC de regiões centrais para regiões próximas à fronteira com países vizinhos. Esse acontecimento, aliado a morte de Mono Jojoy em 2010 (um dos líderes das FARC), contribuiu ainda mais para enfraquecer a força do grupo, que de 18 mil guerrilheiros só restou hoje aproximadamente 8 mil.

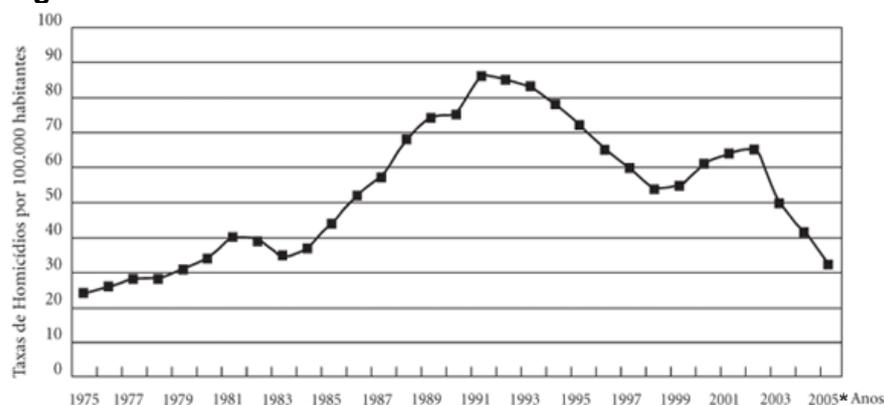
Outro fator que contribuiu para o enfraquecimento das FARC, foi o crescimento da violência derivada da prática de sequestros e contrabando de drogas ilícitas, que se tornou o principal meio de obtenção de recursos econômicos. Além disso, a organização, devido a esse meio de ser financiado, ficou considerada como terrorista e uma ameaça ao Estado Colombiano.

Na época, em contrapartida as guerrilhas e a fraqueza do governo contra as mesmas, houve a criação na década de 80 da Autodefesa Unida da Colômbia (AUC) por paramilitares da extrema direita, a qual desde 2006 foi desmobilizada, contudo, surgindo simpatizantes como o *Black Eagle* (desde 2016 desativado) e as Bandas Criminais (Bacrim) também conhecidos como paramilitares.

Além disso, a disputa por terras no país entre a população camponesa e indígena ainda é confundida com o processo de colonização. Com o auxílio de leis federais, os camponeses conseguiram ter maior representatividade e fortalecimento político, fundando em 1947 a organização Federação Camponesa e Indígena, que acabou se tornando vítima de grandes violências e como consequência disso, teve sua organização destruída. Com o fim da organização e sem meios para se defender, milhares de camponeses acabaram expulsos de suas terras, dando lugar as plantações que visavam o comércio externo. Ainda sobre isso, Pires ([200-?], p.5) afirma que “o controle das terras está nas mãos de poucos, bem como o controle dos recursos tem estreita relação com os conflitos e as desigualdades sociais presentes no país”.

Alguns fatores históricos como a violência e as disputas por terra influenciaram o modo de viver na Colômbia e fizeram com que a população nos centros urbanos crescesse consideravelmente mais do que na parte rural do país, sendo ainda possível evidenciar traços dessa história se repetindo atualmente. A década de 70 caracterizou-se como um período de maior transferência de populações das áreas rurais para as áreas urbanas, entendendo-se como êxodo rural. (Figura 6).

Figura 6 – Taxa de homicídio na Colômbia 1975 – 2005.

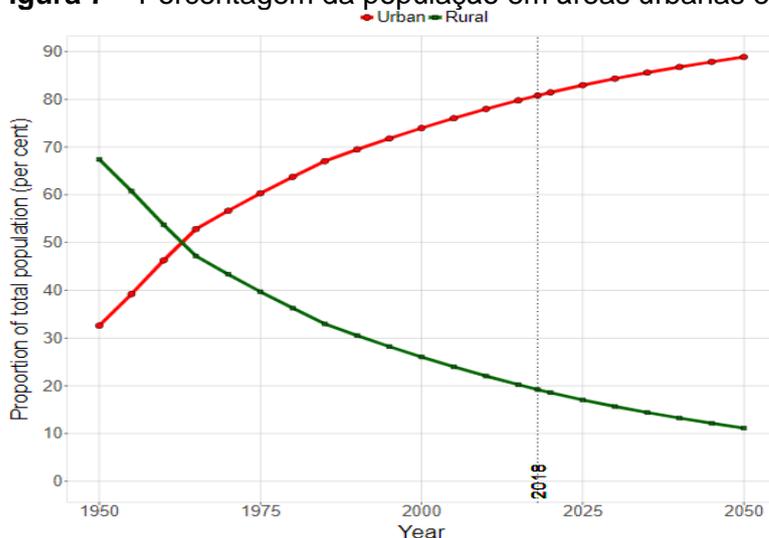


Fonte: Dados do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses, Polícia Nacional e CINEP.

Fonte: Pires ([200-?], p. 4)

Como podemos observar na Figura 7, o número de pessoa em áreas urbanas cresce constantemente, em contrapartida, em áreas rurais decresce na mesma velocidade.

Figura 7 – Porcentagem da população em áreas urbanas e rurais na Colômbia.

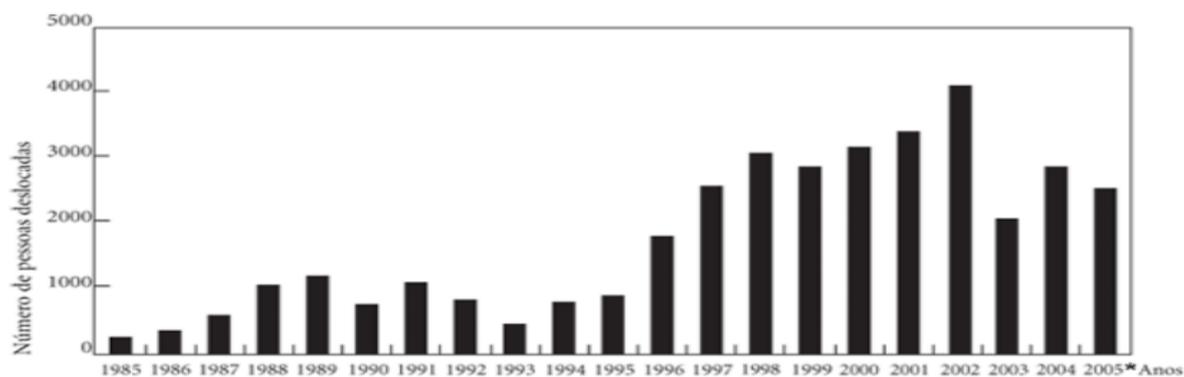


Fonte: World Urbanization Prospects 2018. © 2018 United Nations.

Também, segundo Pires ([200-?], p 4), “a Colômbia apresentou uma das mais elevadas taxas de urbanização da América Latina. A proporção da população vivendo em áreas urbanas aumentou de 31% para cerca de 60% entre 1938 e 1973”.

Ainda em relação a influência da violência no processo do êxodo rural, tendo os grupos já citados (AUC, ELN, FARC) como grandes contribuidores históricos, foi a partir da década de 1970 que a produção de entorpecentes e drogas ilícitas tiveram um consequente aumento, culminando na formação de máfias e grupos armados, como o famoso Cartel de Medellín, o Cartel de Cali, Los Pepes, e a consequente fuga de famílias camponesas para a cidade a procura de proteção contra a violência, gerada por esses grupos, e a procura por mercado de trabalho. Segundo dados da Consultoria para os Direitos Humanos e Deslocamento (CODHES), o crescimento urbano devido a violência derivada dos cartéis teve seu ápice em 2002, e que, segundo Pires ([200-?]), aconteceu durante o final do governo de André Pastrana, como é mostrado pela Figura 8.

Figura 8 – Deslocamento forçado do campo para cidade devido a violência. Colômbia: 1985-2005.



Fonte: Pires ([200-?], p. 5)

Ainda em relação a Figura 7, pode-se observar que a maioria desse número de pessoas se deslocou nos últimos anos e segundo Pires ([200-?]), essa maioria são adolescentes menores de 18 anos. No geral, de acordo com a mesma fonte, em 2015, 310 mil pessoas se deslocaram de 750 municípios, comprometendo ainda mais outras regiões que recebem essa migração. Ainda sobre essa população:

90% dos expulsos são de origem rural ou semi-rural e um terço tinha ou tem terras no seu local de origem; 50% vem se instalar nos cinturões de miséria das grandes cidades; 9,2% correspondem a comunidades afro-colombianas, e 3,4% a comunidades indígenas (PIRES [200-?], p.5)

Segundo Pinto (2002 apud PIRES [200-?]), essa população migratória também pode levar o nome de “refugiado”, e em relação ao sentido do termo, enquanto em outros lugares é dado com origem em perseguições de raça, religião, grupo social, ideologias políticas, nacionalidade, entre outros, na Colômbia, elas são “refugiadas” apenas por fugirem da violência.

(...) na Colômbia as pessoas são refugiadas por fugirem da violência e morte. Antes de tentar asilo em outro país, as pessoas buscam uma alternativa interna e se mudam para outro estado ou para uma cidade mais distante onde imaginam estar livres da guerra (PINTO, 2002 apud PIRES, [200-?], p.6)

Ainda sobre esse crescimento populacional, Pires ([200-?]) cita outro fator motivacional para haver essa migração: a Segunda Guerra Mundial, que foi capaz de trazer grandes investimentos industriais, mas poucos investimentos agrícolas, o que culminou em um desequilíbrio econômico entre o urbano e o rural.

As zonas rurais possuem as mesmas estruturas agrárias desde a época da colonização, com as melhores e maiores terras nas mãos das elites, e os colonos

ocupando as terras menos favorecidas. Essa distribuição contribuiu para aumentar o número da população economicamente ativa do setor agropecuário de 1,9 para 2,7 milhões, em contra partida, diminuindo o número de camponeses.

De acordo com Pires ([200-?]):

O camponês da Colômbia tem contra si além do latifúndio, a guerra civil e o capital internacional que necessita da terra e não necessariamente de toda a mão de obra camponesa disponível (PIRES, [200-?], p 4)

Além disso, o cenário político da Colômbia é um agravante dessas condições, pois:

O cenário político colombiano é o palco ideal para o agravamento das causas da violência urbana: o “inchaço” das grandes e médias cidades, pobreza, crescente exclusão escolar e profissional, facilidade em adquirir armas de fogo e a presença de forças em confronto. Um outro agravante deste quadro de violência é a crise humanitária que assola o país, onde os direitos humanos são constantemente desrespeitados. (PIRES, [200-?], p.7)

Para entender melhor como a população nas cidades aumentou, é válido analisar a expansão territorial do país, que atualmente o terceiro maior da América Latina. As áreas metropolitanas que mais sofreram com essa migração e consequente expansão foram cidades como a de Cali, Barranquilla, Medellín e Bogotá, que possuíam em 1951 em torno de 500 mil habitantes e atualmente possuem mais de 2 milhões.

Por fim, esse crescimento populacional não é acompanhado pela infraestrutura urbana, sendo possível identificar insuficiência de empregos em diversos setores, falta de habitações de qualidade, entre outros. Essas pessoas acabam sendo empurradas pelo desemprego a um consequente empobrecimento, colaborando para o aumento nos índices de violência. Além disso, ainda é possível evidenciar o crescimento de áreas periféricas e de favelas.

Os sérios problemas que o país enfrentou e que contribuíram para o crescimento das taxas de densidade urbana, deixaram claro a urgência para se pensar em soluções para esses núcleos urbanos, de maneira que fosse garantia a todos, um espaço dotado de infraestrutura, salubridade, educação e segurança. Diante dessa necessidade, viu-se no urbanismo uma oportunidade para mudança, viu-se uma ferramenta para se alcançar um desenvolvimento sócio-espacial e a partir disso, a construção de uma cidade melhor. Para melhor entendimento dessa questão,

será discutido nos capítulos a seguir, o urbanismo e suas tipologias e o conceito de desenvolvimento sócio-espacial.

3. O URBANISMO E SUAS TIPOLOGIAS

3.1. Surgimento e controvérsias

O Urbanismo possui diversas versões e controvérsias sobre onde e como surgiu, sendo entendida ora como uma ciência, ora como uma disciplina e ora como uma técnica para intervenção nas cidades que passaram por uma urbanização acelerada. Sobre isso, no entendimento da Sociedade Brasileira de Urbanismo – SBU (2019):

O Urbanismo surgiu entre o final do séc. XIX e o início do séc. XX, com a necessidade de intervenções nas cidades que sofriam com o grande aumento da população, em função do êxodo rural, da insalubridade, dos problemas de habitação e de circulação, à época da revolução industrial. A sua maturidade teórica só foi alcançada em meados do século XX. O termo urbanismo teria surgido com o seu atual significado em 1868 quando o engenheiro Ildefonso Cerdá escreveu a Teoria General de la Urbanización. Contudo, existem outras versões para o surgimento do termo Urbanismo. Segundo Bardet (1990) este termo surgiu por volta de 1910, na França, no Bulletin de la Société Géographique, para denominar uma “nova ciência” que se diferenciava das artes urbanas anteriores por seu caráter crítico e reflexivo e pela sua pretensão científica sendo, epistemologicamente, o estudo da cidade (urbe, do latim significa cidade).

Ainda segundo a SBU (2019),

Outra versão para o surgimento do termo é a de que teria surgido em 1910 num congresso realizado em Londres, onde se reuniram todos os pioneiros do urbanismo. Foi nesse ano que teria se utilizado pela primeira vez o termo urbanismo e que se realizou a primeira exposição de urbanismo, que teve lugar em Berlim (CHOAY, 1965).

Para Simões Junior (2014), esses congressos e exposições internacionais de Urbanismo funcionaram como principais difusores de um novo ideário sobre entendimento e intervenção nas cidades, e que era à época, um campo disciplinar ainda em formação. O referido autor lembra que os primeiros fóruns de discussão, na segunda metade do século XIX, ainda vinham atrelados a um evento mais importante (Exposições Universais), como a *Exposition Universelle de Paris* de 1889; a *Chicago World's Fair*, em 1893; as *Expositions Universelles de Bruxelas e Paris*, em 1898 e 1900.

Só em 1903, a discussão sobre urbanismo atingiu sua “maturidade e expressão independente, como a exposição e seminário de urbanismo e gestão municipal

ocorrido em Dresden, em 1903 (*Erste Stadtebauausstellung zu Dresden*)” (SIMÕES JUNIOR, 2014, p.1, grifo do autor).

Ao longo de toda primeira década do século XX, ainda segundo o mesmo autor, esses congressos teriam sido os únicos fóruns onde se encontravam e debatiam os urbanistas, e que eram naquela época, administradores municipais, engenheiros e arquitetos. “A difusão a partir de manuais e livros especializados era ainda incipiente e só havia uma revista especializada, a *Der Städtebau*, pouco acessível internacionalmente, por ser redigida em alemão”. (SIMÕES JUNIOR, 2014, p.1, grifo do autor). Dois encontros ainda são destacados pelo autor, após o evento de 1903:

[...] o *VII International Congress of Architects*, realizado em Londres no ano de 1906, que contou com a presença de importantes urbanistas como o alemão Joseph Stübben, o belga Charles Buls e o inglês Raymond Unwin. § Quatro anos mais tarde, essa mesma cidade sediaria um dos mais importantes eventos do período, a *Town Planning Conference*, em outubro de 1910, que conseguiria reunir a plêiade dos urbanistas da época, representando países de todos os continentes. § Nesse mesmo ano em Berlim e em Dusseldorf, outros dois encontros, em março e setembro, já tinham discutido os planos apresentados no concurso para a Grande-Berlim, acompanhados de uma exposição onde constavam trabalhos elaborados para as cidades de Budapeste, Estocolmo, Munique, Colônia, Londres, Paris, Viena, Chicago e Boston, a *Internationale Stadtebausstellung*. § Por fim, o ano de 1913 viria marcar a realização dos últimos encontros significativos desse período. Coincidentemente, todos realizados na Bélgica e Holanda, dos quais o mais importante foi sem dúvida o *Premier Congrès International et Exposition Comparée des Villes*, onde estiveram presentes Joseph Stübben e Charles Buls. § Em todos esses encontros, podemos referenciar a presença de alguns brasileiros, com participações esporádicas, como Saturnino de Brito, Afrânio Peixoto, Arthur Motta e Victor da Silva Freire. (SIMÕES JUNIOR, 2014, p.1, grifos do autor).

O ano de 1910, prossegue o autor, passou a ser considerado como o ano decisivo para a internacionalização do urbanismo, pois além de exposições e congressos, aconteceram importantes conferências, entre as quais, “a *Internationalen Wohnungenkongress* (junho, Viena) e a *Town Planning Conference*, organizada pelo Royal Institute of British Architects (RIBA) em outubro de 1910 em Londres” (SIMÕES JUNIOR, 2014, p.1, grifos do autor). Essa última teria sido a mesma à qual se referiu Choay (1965), como marco para o surgimento do termo urbanismo. Para Simões Junior (2014), “[...] a *Town Planning Conference* foi o evento que melhor permitiu a difusão do ideário urbanístico entre países europeus e americanos no período anterior a 1914”. E ainda para Bardet (1959, apud CHOAY, 2003, p. 2, nota de rodapé), “[...] a

palavra urbanismo parece ter aparecido pela primeira vez em 1910 no *Bulletin de la Société geographique de Neufchatel*, ao correr da pena de P. Clerget” (grifo do autor).

Apesar da grande divulga o e difusão que o urbanismo sofreu no século XX e da sua origem permanecer com grandes controvérsias,   importante sua reflexão pois a partir disso, pode-se entender como o termo ganhou populariza o e, como será visto no próximo capítulo, como conseqüentemente o urbanismo foi alvo de defini es e críticas.

3.2. Tipologias do urbanismo: do Pr -Urbanismo   Filosofia da Cidade

Como analisado no item anterior, o urbanismo   um campo do conhecimento que teve sua origem baseada em diferentes versões e controvérsias. Por isso, Choay (2003) entende que o termo deve ser antes de mais nada, definido. Diz a referida autora:

Absorvido pela linguagem corrente, designa através dela tanto os trabalhos do gênio civil quantos os planos de cidades ou as formas urbanas características de cada época. De fato, a palavra “urbanismo”   recente. G. Bardet remonta a sua cria o a 1910. O dicionário Larousse define-a como “ciência e teoria da localiza o humana”. Este neologismo corresponde ao surgimento de uma realidade nova: pelos fins do século XIX, e expansão da sociedade industrial d  origem a uma disciplina que se diferencia das artes urbanas anteriores por seu caráter reflexivo e crítico, e por sua reflexão científica. Nas páginas seguintes, “urbanismo” será empregado exclusivamente nesta concep o original (CHOAY, 2003, p. 2).

Com isso, a autora faz uma identifica o das principais classifica es ao longo do tempo e dentro de cada uma delas, diferentes “modelos”, procurando o significado de cada uma, evidenciando os erros, as raízes e seus fundamentos, tomando por objeto as ideias que forneceram a base ao urbanismo. São estas classifica es e seus modelos:

- Pré-Urbanismo
 - ✓ Pr -Urbanismo Progressista
 - ✓ Pr -Urbanismo Culturalista
 - ✓ Pr -Urbanismo Sem modelo
- Urbanismo
 - ✓ Urbanismo Progressista
 - ✓ Urbanismo Culturalista

✓ Urbanismo Naturalista

- Tecnotopia
- Antrópolis
- Filosofia da Cidade

O **Pré-Urbanismo** teve por gênese, a crítica à cidade industrial, resultante do processo acelerado de urbanização trazido com a revolução industrial, fenômeno observado inicialmente em cidades inglesas, seguido de cidades da França e da Alemanha. Novas funções urbanas, cidades fragmentadas, classe trabalhadora em situação de penúria. Choay diz sobre os pensadores da época:

(...) reúnem-se para denunciar a higiene física deplorável das grandes cidades industriais: o habitat insalubre do trabalhador, frequentemente comparado com covis, as grandes distâncias que separam do local de trabalho do de habitação (...), os lixões fedidos amontoados e a ausência de jardins públicos nos bairros populares (...) (CHOAY, 2018, p.6).

Ou seja, as correntes do pré-urbanismo defendem principalmente aspectos higienistas, motivados pela falta de infraestrutura e insalubridade nas cidades industriais. Junto a essas características, une-se a defesa da lógica funcional (Habitar, Circular, Trabalhar, Cultivar o corpo e o espírito – abordada mais tarde em 1930 na Carta de Atenas).

Surgem dois modelos dentro dessa categoria de pré-urbanismo em função das diferentes propostas de ordenamento urbano e ainda um pré-urbanismo sem modelo. São eles: o Pré-Urbanismo Progressista, o Pré-Urbanismo Culturalista e o Pré-Urbanismo sem modelo.

Para entender os dois modelos do pré-urbanismo, é necessário ressaltar que os pensadores do final do século XVIII e começo do XIX viram os problemas da cidade industrial como uma espécie de desordem, como diz Choay (2018) “eles não imaginaram que o desaparecimento de uma ordem urbana determinada implica o surgimento de uma ordem outra”. Ainda segundo a autora:

(...) Indústrias e industrialismo, democracia, rivalidade de classe, mas também o lucro, exploração do homem pelo homem, alienação no trabalho (...). Os mesmos pensadores que ligam com tanta lucidez os defeitos da cidade industrial ao conjunto das condições econômicas e políticas do momento, (...) recusam-se a considerar essas taras como o inverso de uma nova ordem, de uma nova organização do espaço urbano (...) (CHOAY, 2018, p.6).

Em oposição ao sentido de desordem, os modelos pré-urbanistas, (progressista e culturalista), visam o ordenamento urbano de forma utópica, procurando projetar a ideia de cidade ideal, de cidade futura. Vejamos cada um desses modelos.

O Pré-Urbanismo Progressista

Definido a partir das obras de Rober Owen, Charles Fourier, Victor Considérant, Etienne Cabet, Pierre-Joseph Prodhon, Benjamim Ward Richardson, Jean Baptiste Godin, Julio Verne e Herbert-George Wells. O espaço nesse modelo é amplamente aberto, rompido por vazios e verdes, como exige a higiene. E ainda o espaço urbano é traçado conforme as funções humanas, sendo definidos locais para habitar, para trabalhar (indústria, liberal, agrícola), para o lazer e para a cultura.

O modelo progressista é inspirado e tem como base o *indivíduo-tipo*, ou seja, as necessidades do homem poderiam ser, como afirma Choay (2018), “cientificamente dedutíveis”, ou seja, o racionalismo poderia ser capaz de prever a relação do homem com o meio e entre si, criando uma espécie de “ordem-tipo” que poderia ser replicável em qualquer lugar ou época. Sobre isso, acrescenta Considérant (1848 apud CHOAY, 2018):

Solução da bela e grande questão da arquitetura humana, calculada com base nas exigências da organização do homem, respondendo a integralidade das necessidades e dos desejos do homem, deduzida de suas necessidades, seus desejos e matematicamente ajustadas as grandes conveniências primordiais de sua constituição física (CONSIDÉRANT, 1848 apud CHOAY, 2018, p.8).

Em primeiro lugar, o modelo progressista ainda de acordo com Choay (2018) visa a **higiene** através do **espaço aberto**, com áreas verdes e vazios, sendo afirmado por Prodhon (1985 apud CHOAY, 2018, p. 9) que “o ar, a luz e a água devem ser igualmente distribuído por todos”, e ainda sendo este o “símbolo do progresso”. Além disso e em segundo lugar, o modelo visa a lógica funcional, o espaço urbano deve ser planejado de acordo com as funções humanas, classificando a cidade em áreas de habitat, trabalho, cultura e lazer, sendo disposto de maneira simples para que “atraiam” os olhos. Segundo Fourier (1845 apud CHOAY, 2018, p.9) “essa lógica funcional deve traduzir-se numa disposição simples que impressione imediatamente os olhos e os satisfaça”. Devido a esse desejo de impressão, que a beleza e a estética coincidem, procurando uma “geometria natural” ao invés das heranças e ornamentos

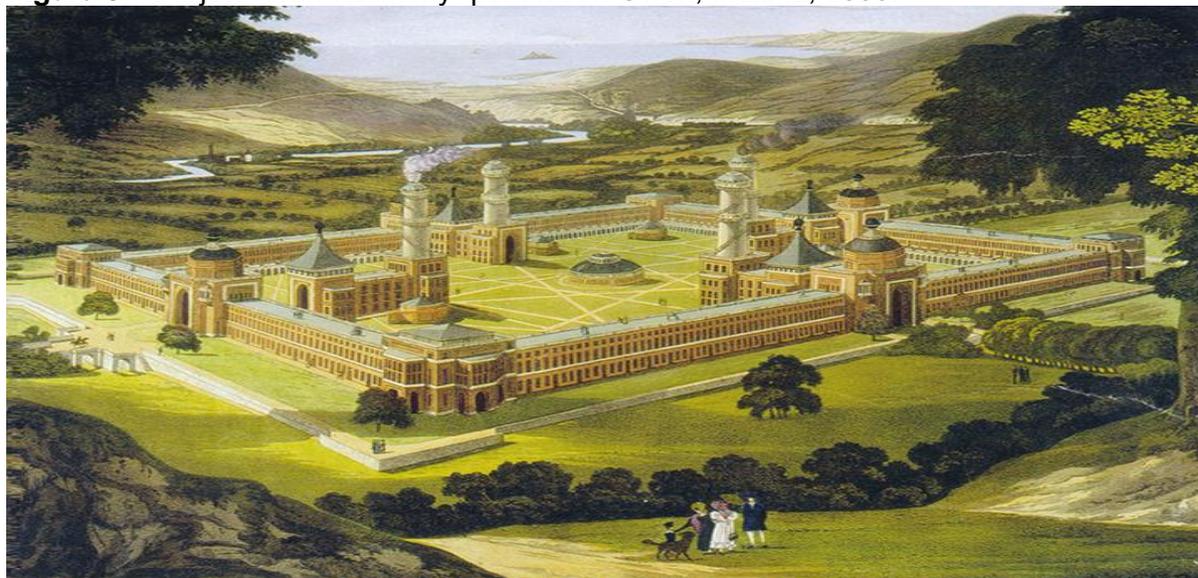
de épocas passadas, afirmando Choay (2018, p.9) “arranjos novos, simples e racionais, substituem as disposições e ornamentos tradicionais”.

Os edifícios também são idealizados em forma de protótipos, entre eles, sendo o mais importante o alojamento padrão, baseado na casa de Richardson definido por teto-terraço, cozinha-laboratório e pelos banheiros.

Contudo, todas essas determinações segundo Choay (2018) se configuram como “limitadoras e opressivas” pela sua rigidez.

Robert Owen, filósofo da época e do estilo, propôs o “New Harmony” como modelo de falanstério, que se configura a lógica funcional na vida dos operários, onde o habitat, o trabalho, a cultura e o lazer se localizam próximos (Figura 9).

Figura 9 – Projeto “New Harmony” por Robert Owen, Indiana, 1838.



Fonte: Salvi (2015, p.1)

O Pré-Urbanista Culturalista

O modelo culturalista tem como principais autores Ruskin e William Morris, e ao contrário do progressista que visa o indivíduo, aqui o objeto é o agrupamento humano, a cidade. Cada membro da cidade possui particularidades e originalidade, sendo o oposto do primeiro modelo, que prevê o *indivíduo-tipo*, de acordo com Choay (2018). Outro ponto abordado é a organicidade no traçado da cidade, Ruskin e Morris criticam a civilização industrial, pondo em paralelo uma série de conceitos descritos por Choay (2018): orgânico e mecânico, qualitativo e quantitativo, participação e indiferença. O conceito do culturalismo também é baseado na cultura, nas necessidades espirituais ao invés do material.

No modelo culturalista, a preeminência das necessidades materiais desaparece diante das necessidades espirituais (...). O planejamento urbano vai ser feito ali de acordo com modalidades menos rigorosamente determinadas. No entanto, para poder realizar a bela totalidade cultural, concebida como um organismo onde cada um mantém seu papel original, a cidade do modelo culturalista dele apresentar, também, um certo número de determinações espaciais e de características materiais (CHOAY, 2018, p.13).

Ou seja, apesar de não ser rigorosamente determinado, como no progressista, o modelo aqui abordado prevê a cidade “circunscrita no interior de limites precisos”, fazendo contraste com a natureza, conservando seu estado mais selvagem, logo, preconiza a irregularidade e assimetria, contemplando também dimensões menores e inspiradas nas cidades medievais, como diz Choay (2018).

Só uma ordem orgânica é suscetível de integrar as heranças sucessivas da história e de levar em consideração as particularidades da paisagem (CHOAY, 2018, p.13).

O estudo da Idade Média no Modelo Culturalista é abordado não só pela forma, mas também pela cultura, pela disseminação do artesanato, pela quebra dos padrões, dos protótipos, com construções diferentes das outras, com “requite arquitetural”.

O Pré-Urbanismo sem Modelo

Defendido por Engels e Marx e em oposição a outros pensadores políticos, a crítica à cidade que se faz aqui não recorre à desordem, a criação de uma cidade utópica baseada na criação de uma ordem sobre ela, como nos modelos progressistas e culturalistas. Faz-se aqui, a “expressão de uma ordem que foi a seu tempo criadora e que deve ser destruída para ser ultrapassada”, ou seja, é na cidade que está a história daquela civilização, da luta do proletariado. Bem como sugere o nome, *Sem Modelo*, não cabe aqui idealizar um modelo de cidade futura, e sim, deixar em aberto o futuro para transformações, caracterizando-se pelo pragmatismo. Afirmando assim Choay (2018): “as certezas e exatidões de um modelo são recusadas em benefício de um futuro indeterminado, cujos contornos só aparecerão progressivamente, na medida em que se desenvolver a ação coletiva”.

Engels não traz nenhuma solução para os operários, como no modelo progressista com os protótipos, a preocupação aqui é com os alojamentos, mas reduzida a um contexto urbano, instalando-os nas casas e nos bairros dos burgueses, segundo Choay (2018).

Além disso esses teóricos se fecham a determinações e certezas, preferindo o indeterminado. Marx e Engels encontram a partir dessa premissa, “uma imagem célebre acerca do futuro urbano: a “cidade-campo””, (CHOAY, 2018, p.16) na qual ainda segundo a autora, afirma ser um “resultado da supressão da diferença entre a cidade e o campo”, sendo essa “supressão da diferença” um desequilíbrio demográfico e das desigualdades econômicas ou culturais que separa o campo e a cidade, representando valor simbólico, e não, físico.

Urbanismo Progressista

A partir desse ponto, o pré-urbanismo já apresenta algumas características mais semelhantes ao urbanismo que conhecemos hoje. Deixando de ser obra de generalistas (historiadores, políticos, filósofos) com uma ação politizada e de caráter utópico, para ser visto por especialistas (principalmente arquitetos) com caráter despolitizado e ação baseada na prática.

A nova versão do modelo progressista ganha uma forma modernizada nesse contexto, tendo Tony Garnier (Lá cité industrielle – Figuras 10 e 11) como primeiro arquiteto. Além dele, têm-se também nomes como Benoit-Lévy, Gropius, Le Corbusier e Strumilin, segundo Choay (2018). Ainda de acordo com a autora, essa nova versão difunde sua ideia através do CIAM¹, onde foi produzida a Carta de Atenas.

Possuindo como principal foco a modernidade, os arquitetos veem na indústria e na arte da vanguarda, a chance para materializar esse foco, pois a modernidade se tornou um sinônimo de desenvolvimento. Diferentemente do pré-urbanismo progressista possuindo interesse na estrutura econômica e social, o urbanismo progressista se interessa nas técnicas e na estética, extraíndo as formas universais, a exemplo disso, a Bauhaus. A crítica também se volta para a ideia que a cidade não está compatível com essa era moderna do período, devendo ter sua concepção baseada na mecanização da indústria e da standardização, devendo até a beleza ser racional.

Assim, a indústria e a arte juntam-se em seu intento do universal e seu duplo desdobramento na escala mundial confirma os urbanistas progressistas na concepção do homem-tipo do pré-urbanismo: idêntico em todas as latitudes e no seio de todas as culturas, o homem

¹ Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), tinham preocupações com os problemas de habitação e em consequência o urbanismo. Foi elaborado nele também a Carta de Atenas. (CHOAY, 2018, p.21)

é, para Le Corbusier, “definido pela soma das constantes psicofisiológicas reconhecidas, inventariadas por gente competente (...)” (CHOAY, 2018, p.21).

Gropius, segundo Choay (2018), toma essa imagem de homem-tipo, para a criação de um espaço totalmente definido pelas funções, que possa ser instalado em qualquer lugar independente da topografia, sendo ao mesmo tempo eficaz e estético. Essa eficácia é vinculada com a higiene e com espaço, desdensificando o antigo espaço fechado, “para isolar no sol e no verde edifícios que deixam de ser ligados uns aos outros para tornar-se ‘unidades’ autônomas” (CHOAY, 2018, p. 21). O que irá, conseqüentemente trazer a abolição da rua em nome da higiene, “na medida em que simboliza em nossa época a desordem circulatória” (CHOAY, 2018, p. 22).

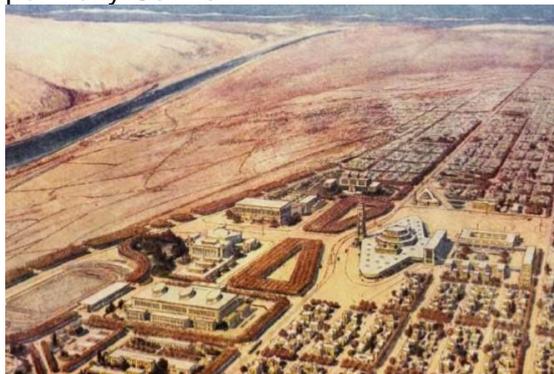
Ainda sobre o urbanismo progressista, Choay (2018) afirma:

É, entretanto, significativo que uma das palavras mais frequentemente utilizadas por este último seja “unidade”. Ele chega a afirmar com precisão que os “instrumentos do urbanismo tomarão a forma de unidades” (de habitação, de circulação etc.). Essa terminologia trai bem a atomização, o deslocamento da construção que agrupa no verde series de arranha-céus ou pequenas cidades verticais (CHOAY, 2018, p.25).

Outra palavra-chave ainda é característica desse modelo urbanístico: a eficácia. Que segundo a autora, justifica então a “inscrição irremediavelmente fixada, de cada uma das atividades humanas” (CHOAY, 2018, p.25), na qual Corbusier (1923 apud CHOAY, 2018, p.25) ainda diz “nada mais é contraditório... cada um bem alinhado em ordem e hierarquia ocupa seu lugar”.

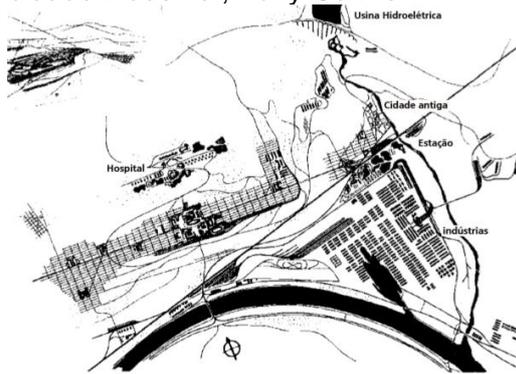
Tanto o traçado urbano quando a arquitetura, passam a ser geridos pela geometria simples, como afirma Corbusier (1923 apud CHOAY, 2018, p.25) “A cultura é um estado de espírito ortogonal”.

Figura 10 – Lá cité industrielle, idealizada por Tony Garnier.



Fonte: Monfré (2009, p. 97)

Figura 11 – Esquema da implantação da cidade industrial, Tony Garnier.



Fonte: Monfré (2009, p. 99)

Urbanismo Culturalista

O modelo culturalista ganha a forma do urbanismo antes do modelo progressista, sendo visto já em 1880 e 1890 nos planos teóricos e práticos da Alemanha e Áustria, como afirma Choay. De acordo com a autora, o modelo possui como autores o urbanista Camillo Sitte, bem como Ebenezer Howard e Raymond Unwin.

O Urbanismo Culturalista pode ser comparável ao modelo anterior. De acordo com Choay (2018, p.27) “a totalidade (a aglomeração urbana) prevalece sobre as partes (indivíduos), e o conceito *cultural* de cidade sobre a noção material de cidade”.

Além disso, o espaço, visto em ambos modelos (cultural e progressista) se opõem ponto a ponto, pois Howard estabelece para a cidade limites precisos, cinturões verdes impedindo a conurbação entre outras aglomerações, uma “*Garden-City*” (Figuras 12 e 13). Nesse modelo de cidade, os autores se apegam a individualidade para que os espaços possam ser variados, particularizados e diferenciados. “Cada cidade ocupa o espaço de modo particular e diferenciado; é a consequência do papel que os culturalistas atribuem a individualidade” (CHOAY, 2018, p. 27).

Dentro dessa ideologia, Sitte obteve maior destaque por ter escrito um tratado urbanístico intitulado “A construção das cidades segundo seus princípios artísticos”, no qual contribui para a construção de conceitos e teorias, bem como na prática. O tratado também analisa os elementos das cidades antigas, pois é através dela que se reconhece os elementos que trazem espontaneidade e sensibilidade ao meio urbano, como afirma Choay (2018):

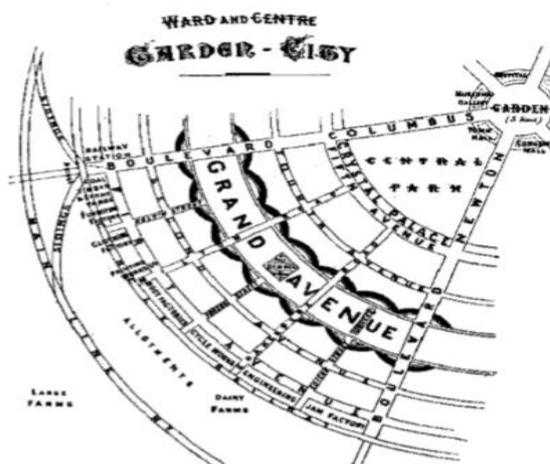
É ali que, incansavelmente, que estuda o traçado das vias de circulação, a disposição e as medidas das praças em sua relação com as ruas que tem acesso a elas, com os edifícios que as delimitam, com os monumentos que as enfeitam (CHOAY, 2018, p. 27).

A partir disso Sitte constrói uma “ordem espacial de modelo”, formando um espaço fechado e íntimo, através das ruas e das praças, pois, segundo Sitte (1918 apud CHOAY, 2018) “a rua ideal deve formar um todo fechado. Quanto mais as impressões forem nelas limitadas, mais o quadro será perfeito. Sentimo-nos a vontade se o olhar não pode perder-se no infinito”. Choay (2018) ainda afirma que o mesmo espaço necessita ser “imprevisível e diversos”, seguindo a forma da topografia, com sinuosidades, tirando qualquer princípio de simetria.

O clima mental desse modelo é tranquilizador, ao mesmo tempo confortável e estimulante; é favorável a intensidade e multiplicação das relações interpessoais, ainda que, no caso de Sitte, a pura estética seja resolutamente sacrificada, entendida no mesmo sentido vitalista encontrado em Ruskin e Morris (CHOAY, 2018, p.28).

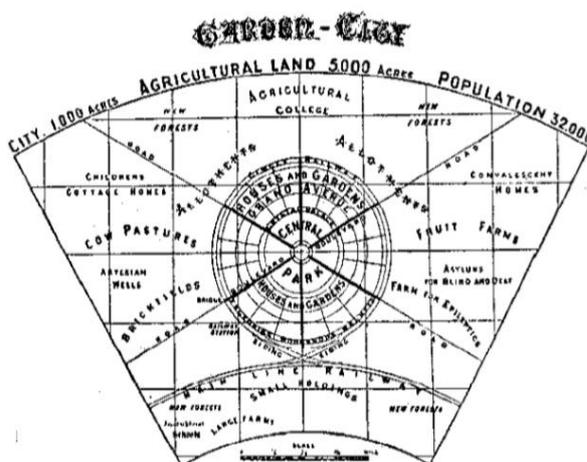
Devido a esses momentos de volta ao passado, o modelo é considerado nostálgico e podendo ainda ser utópico, visto que a cada época a sociedade encontra-se em diferentes realidades. Apesar disso, ainda é afirmando que é através da vontade de “recriar um passado morto”, segundo Choay (2018), que surge a base da ideologia do modelo aqui abordado.

Figura 12 – Morávia, República Tcheca, projeto de Camillo Sitte.



Fonte: Monfré (2009, p. 97)

Figura 13 – Diagrama da cidade-jardim de Howard.



Fonte: Monfré (2009, p. 99)

Urbanismo Naturalista

Sendo menos divulgado que as vertentes anteriores, o Urbanismo Naturalista é baseado na corrente anti-urbana americana, a qual se encontra dentro da ideia do urbanismo sem modelo, sendo inspirado pela nostalgia a natureza, negando a cidade industrial do século XIX, e recebendo uma nova denominação por F.L.Wright, “Broadacre-City” (Figura 14 e 15).

“A grande cidade industrial é acusada de alienar o indivíduo no artifício. Só o contato com a natureza pode desenvolver o homem a si mesmo e permitir um harmonioso desenvolvimento da pessoa como totalidade”. (CHOAY, 2018, p.30). Ou seja, é a partir da relação do homem com a terra que o mesmo irá alcançar seu pleno desenvolvimento, e é esse o princípio ideológico do novo modelo. Choay (2018) ainda

acrescenta que só é possível encontrar esse contato com a natureza e o consequente desprendimento com a industrialização através da democracia. Democracia está associada ao indivíduo poder realizar qualquer ação de acordo com sua vontade própria.

Segundo Choay (2018), para Wright:

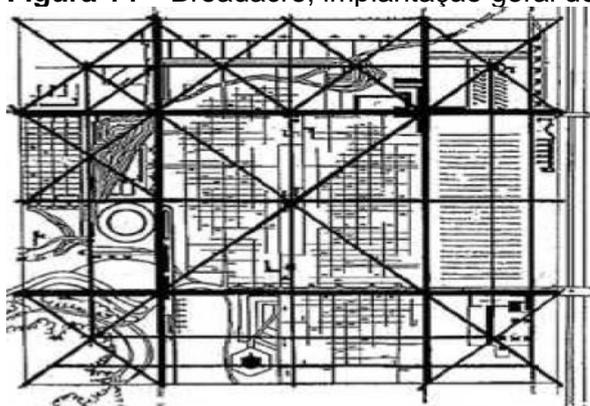
“Democracia” designa, para ele um individualismo intransigente, ligado a uma despolitização da sociedade em benefício da técnica: pois é finalmente a industrialização que permitirá eliminar as taras consecutivas a industrialização (CHOAY, 2018. p.30).

Por fim, o modelo se fixa na desconstrução da idealização da cidade em geral, para a criação de cidades em que as funções urbanas se encontram isoladas em formas de “unidades reduzidas”, com predominância vegetal, possuindo característica horizontal, ou seja, retira-se os modelos de alojamentos verticalizados. Tem-se então a formação de diversas células dispersas entre si, porém, interligadas por rotas terrestres e aéreas, pois como diz Wright (apud Choay, 2018, p. 30) “(...) um sistema acêntrico, composto de elementos pontuais inseridos numa rica rede circulatória. Broadacre é o modelo de uma porção qualquer de um tecido uniforme (...)”. Por fim, afirma Choay (2018):

Ele é ao mesmo tempo aberto e fechado, universo e particular. É um espaço moderno que se oferece generosamente a liberdade do homem. Os grandes trabalhos do gênio civil (...) que constituem sua rede circulatória conferem a Broadacre uma dimensão cósmica (CHOAY, 2018, p.31).

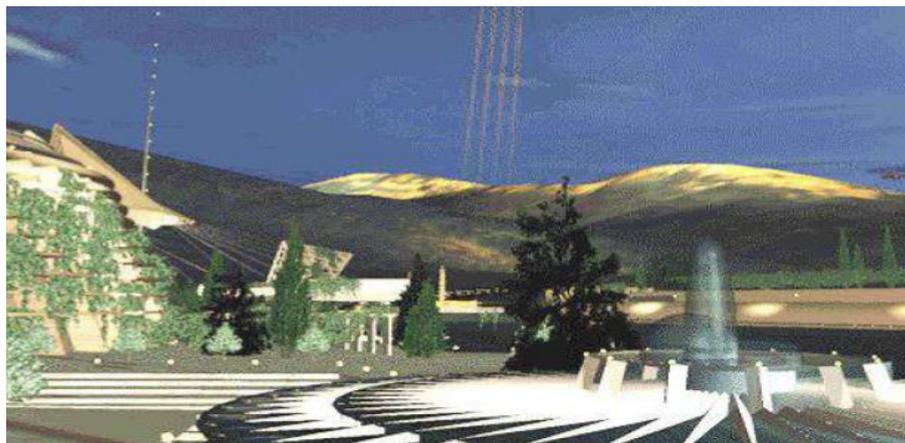
A arquitetura do modelo também se apresenta intrínseca com a natureza, subordinada a ela. Os edifícios seguem a topografia e organicidade natural, “se tornando uma parte integrante deles”, afirma Choay (2018, p.32).

Figura 14 – Broadacre, implantação geral de Frank Loyd Wright.



Fonte: Monfré, 2009, p. 109.

Figura 15 – Broadacre de F.L. Wright, maquete digital realizada por estudantes.



Fonte: Monfré, 2009, p. 117.

Tecnotopia

A palavra tecnotopia deriva das palavras *tecnologia* e *utopia*, e como a palavra diz, trata-se da idealização de uma tecnologia futura e utópica. E, segundo Choay (2018), o novo movimento teve como referência o Relatório Buchanan² e os urbanistas e arquitetos Eugene Hénard, e Iannis Xenakis.

O urbanismo progressista mesmo concebendo de modo novo o espaço global da cidade, não souberam assumir em sua plenitude as possibilidades que a técnica lhes oferecia e não realizaram a revolução tecnológica, que constituía um dos fundamentos da sua teoria (CHOAY, 2018, p.35).

Ainda de acordo com a autora,

Há alguns anos, uma série de técnicos, arquitetos e engenheiros tentou imaginar de modo radical a cidade do século XX, em função, *simultaneamente*, das novas técnicas de construção, e *do estilo de vida* ou das necessidades próprias ao homem do século XX (CHOAY, 2018, p. 35).

Para atingir essa meta, o movimento visava o uso de novos materiais de construções, bem como o incentivo de diferentes formas geométricas.

Além disso, também ficou conhecido por ter características tridimensionais ou de “urbanismo espacial”, devido a forma como as cidades se projetavam sob a superfície: “liberando a superfície terrestre pelo avanço no subsolo, no mar, na atmosfera (...) as quais se estendem na maior parte das vezes por solos artificiais e em meio climatizado”, afirma Choay (2018). Ou seja, esse “urbanismo visionário”

² Documento elaborado por um comitê de especialistas, a pedido do Ministério dos Transportes Britânicos, sobre o tráfego das cidades. (CHOAY, 2018, p. 255)

como também ficou conhecido, ao mesmo tempo que oferece a cidade o apelo visual pelas novas plásticas inovadoras, distancia o homem do contato com as áreas verdes, com o meio ambiente, impondo a tecnologia sob o ambiente natural.

Alguns exemplos de projetos inspirados nesse movimento são as cidades verticais de P. Maymont, a cidade-ponte de J. Fitzgibbon e a Marina City do japonês K. Kikutake. (Figuras 16 e 17).

Figura 16 – Desenho a mão da Marina City, por K. Kikutake.



Fonte: Holanda, 2012. Archdaily.

Figura 17 – Marina City, por K. Kikutake.



Fonte: Holanda, 2012. Archdaily.

Antrópolis

De acordo com Choay (2018),

O Urbanismo Progressista suscitou uma crítica radical que visa tanto a arbitrariedade de seus princípios quanto seu desprezo pelas realidades concretas, em nível de execução. Ela pretende reintegrar o problema urbano em seu contexto global, partindo das informações dadas pela antropologia descritiva (CHOAY, 2018, p.38).

A autora aborda na Antrópolis, uma crítica ao Urbanismo Progressista, visando aqui, um planejamento humanista, de cunho empírico, o qual se desenvolveu a partir da contribuição de outros atores fora do ramo especializado do urbanista, como juízes, sociólogos, psicólogos, historiadores. Para isso, são destacados por Choay (2018) seis autores, entre eles o filósofo Patrick Geddes, os urbanistas e escritores Janes Jacobs e Kevin Lynch, os historiadores Lewis Mumford e Marcel Poète, e o psiquiatra Leonardo Duhl.

Devido a esse cunho empírico e pela variedade de diferentes pontos de vista, pode-se destacar três abordagens metodológicas da Antrópolis, são elas:

1. *A localização humana como enraizamento espaço-temporal: um urbanismo da continuidade*: Essa forma, busca, por meio de um conjunto de profissionais, definir um contexto concreto da localização humana, criando uma perspectiva histórica para se entender o espaço e o tempo, tendo o presente como uma evolução do passado. Como afirma Choay (2018, p.39), “a história é um evolucionismo, um patrimônio, (...)hoje é um desenvolvimento e uma transformação do passado, não sua repetição”. Com isso, cria-se uma “temporalidade concreta e criadora”. Esse pensamento também foge a previsão, escapando conseqüentemente a ideia de criação de um modelo, o planejador urbano fica assim, suscetível a intuição, como ainda diz a autora (2018, p.39-40) “equivale precisamente a uma percepção da temporalidade concreta. (...) Não existe uma cidade-tipo do futuro, mas tantas cidades quantos casos particulares”. Ainda acrescentando que,

Essa abordagem esquemática mostra a contribuição nova de todos esses trabalhos que situam o planejamento urbano sob o signo da continuidade histórica, social, psicológica, geográfica. É, a princípio, a ruptura com uma forma de pensamento, o método apriorístico dos modelos, no qual a realidade concreta é, segundo as tendências, reduzida seja a seu aspecto tecnológico, seja a tradição cultural (CHOAY, 2018, p.41).

2. *O ponto de vista da higiene mental: defesa e ilustração do asfalto:* Possuindo seu conceito na higiene mental, essa metodologia estuda o comportamento humano inserido nas aglomerações urbanas se baseando em pesquisas da psicologia social.

Ao afirmar que uma boa personalidade e sociabilidade é formada através de boas condições de vida, a questão ainda fica aberta a várias percepções e ideias do que seria uma “boa condição”. Contudo, segundo Choay (2018), um bairro remodelado, segundo os princípios dos urbanistas progressistas, pode-se mostrar menos sadio e salubre, do que um bairro aparentemente degradado e insalubre.

Um planejamento higiênico e uma distribuição racional do espaço urbano são em si incapazes de assegurar aos habitantes o sentimento de segurança ou de liberdade. (...) A ilha insalubre pode revelar-se mais salubre que os bairros remodelados pelos urbanistas de conformidade com os princípios da higiene (CHOAY, 2018, p. 43).

A integração do comportamento humano ao meio urbano estava essencialmente ligada a presença de um certo clima existencial, que os urbanistas progressistas ainda não tinham considerado; um planejamento higiênico e uma distribuição racional do espaço urbano são em si incapazes de assegurar aos habitantes o sentimento de segurança ou de liberdade, a segurança na escolha das atividades, a impressão de vida e o elemento de distração necessários a saúde mental e sua repercussão na saúde física.

Foi a partir de um estudo em um bairro nos Estados Unidos, considerado por muitos, insalubre, porém em controvérsia, possuía o menor índice de mortalidade infantil e menor taxa de delinquentes, onde se constatou que os princípios abordados pelo Urbanismo Progressista poderiam ter resultados bem diferentes do que os imaginados. A partir disso a Antrópolis se tornaria, “um ponto de partida para uma crítica sistemática a esse urbanismo e suas realizações” (CHOAY, 2018, p. 44), a autora ainda acrescenta que então “o urbanismo progressista revelar-se-ia particularmente inviável no caso de habitantes com fortes ligações comunitárias”. Pois, segundo Choay (2018):

Por mais complexo e avançado que seja nosso mundo, a relação de proximidade continua a exercer um papel importante no desenvolvimento dos valores, das carreiras e dos modos de comportamento (CHOAY, 2018, p.45).

Por fim, entende-se que opondo-se aos princípios progressistas, destaca-se aqui os princípios de heterogeneidade do meio urbano. Fazendo inclusive, segundo a autora, apologia a cidade industrial por “reencontrar e reestabelecer certas formas próprias a grande cidade da era *industrial*” (CHOAY, 2018, p.46) , por conceber à forma e ao conteúdo dos bairros uma dinâmica para a cidade, sendo assim, foge-se dos espaços vazios ou espaços verdes que não sejam ativos, fugindo inclusive das *ciudades-jardins*, pois “o vazio gratuito é fonte de angústia e o verde pede para tomar forma e ser localizado em pontos “estratégicos”” (CHOAY, 2018, p. 45).

Sendo assim, a higiene mental contribui para as cidades “revelando uma dimensão do real, um dado suplementar a integrar, sob forma de formas e de princípios, na planificação das cidades” (CHOAY, 2018, p. 47).

De resto, a higiene não pode constituir em si um objeto essencial ou um fundamento para o planejamento urbano. Pode-se até dizer que a vida e a história são feitas de traumatismo e de estresses superados e ultrapassados: o nível de criatividade mede-se pelo poder de enfrentar situações novas (CHOAY, 2018, p.47)

3. *Por uma análise estrutural da percepção urbana:*

Segundo Choay (2018):

O ponto de vista de higiene mental está ligado a uma psicologia do comportamento; considera-se a ressonância da morfologia urbana sobre o comportamento humano, pondo-se, por exemplo, em evidência uma ligação de causa e efeito entre os espaços livres (verdes ou não) amorfos e a delinquência das populações infantis que eles recebem. Mas a crítica pode abandonar essa exterioridade, colocar-se na perspectiva da consciência, estudar como a cidade, enquanto entidade material, é percebida pelas consciências que a habitam. Essa abordagem metodológica situa-se de certa forma no oposto da construção do modelo. A proposta de planejamento feita *a priori*, objetivada, tratada como uma coisa (modelo), é aqui substituída por uma proposta *a posteriori* e que decorre do conhecimento do ponto de vista do habitante: (...) o habitante torna-se, diante do planejador, um tipo de interlocutor (CHOAY, 2018, p.47-48).

Essa abordagem, visa primeiramente esclarecer a *especificidade* da cidade, pois cada habitante a enxerga como algo organizado em função da *sua* efetividade e praticidade. Segundo a autora, “minha percepção é estruturada pela necessidade de encontrar aí minha casa, os melhores acessos de um ponto a outro, tal elemento de diversão” (CHOAY, 2018, p. 48). Em comparação esse ponto, a análise feita por Choay (2018),

demonstra, como afirma a autora, um erro dos urbanistas progressistas, pois eles preveem a cidade em uma irremediável estética, “como um quadro”.

Choay (2018) ainda completa que a percepção do meio urbano está ligada diretamente a uma série de noções complementares, entre essas, a de *legibilidade*. Essa legibilidade, é traduzida em forma e fundos, que significa respectivamente, pontos de referência, limites, caminhos, nós de direção, bem como, um certo dinamismo que concorde com a topografia, com a população, e seus interesses, afim tornar a morfologia urbana significativa. Sobre legibilidade e significância, a autora acrescenta que:

Ora, quaisquer que sejam os objetivos dos construtores da cidade, sejam eles dominados por uma ideologia progressista ou culturalista, as intenções precisam ainda aparecer, ser decifráveis pelos habitantes. Nenhuma prática das artes plásticas, nenhum conhecimento da geometria pode conduzir a concepção de um projeto legível; só pode fazê-lo a experiência da cidade (CHOAY, 2018, p. 49).

Filosofia da cidade

Filosofia da cidade, foi o termo utilizado por Choay (2018) para se referir à compreensão da cidade e da arquitetura trazida por escritores, filósofos, historiadores, entre outros, e registrada em seus livros. Assim foi, por exemplo, com Victor Hugo³, quando descreve Paris “Então não era só uma bela cidade; era uma cidade homogênea, um produto arquitetônico e histórico da Idade Média, uma crônica de pedra”, conforme reproduzido em Choay (2018, p. 323). Assim foi também com Georg Simmel⁴, com seus estudos sobre as grandes cidades e a vida do espírito; e assim foi ainda com as reflexões e escritos de Oswald Spengler⁵ sobre a grande cidade ocidental, e de Martin Heidegger⁶, que busca elucidar o “habitar”.

A fim de facilitar a compreensão sobre a linha de pensamento das correntes citadas, são apresentadas as figuras 18 e 19, que apresentam em uma tabela a identificação de cada corrente e seu respectivo ano de surgimento.

³ Victor-Marie Hugo (1802-1885), poeta, dramaturgo e estadista francês. Autor dos romances, "Os Miseráveis", "O Homem que Ri", e de "Notre-Dame de Paris", entre diversas outras obras.

⁴ Georg Simmel (1858-1918), filósofo e sociólogo alemão, que fez um estudo sobre “As grandes cidades e a vida do espírito”, foi fundador da chamada sociologia das formas.

⁵ Oswald Spengler (1880-1936), historiador e filósofo alemão, autor do livro “A decadência do Ocidente”, cuja obra foi uma grande referência para debates filosóficos, políticos e históricos.

⁶ Martin Heidegger (1889-1976), foi um filósofo, escritor, professor e reitor de universidades alemãs, possuindo o livro “Ser e Tempo” como referência no campo do urbanismo.

Figura 18 – Correntes do urbanismo (com base em Choay, 2005) do século XIX a 1965.

	1800	1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	199	
PRÉ-URBANISMO PROGRESSISTA																					
PRÉ-URBANISMO CULTURALISTA																					
PRÉ-URBANISMO SEM MODELO																					
URBANISMO PROGRESSISTA																					
URBANISMO CULTURALISTA																					
URBANISMO NATURALISTA																					
TECNOTOPIA																					
ANTRÓPOLIS																					
FILOSOFIA DA CIDADE																					

Fonte: Monfré, 2009, p.122.

Figura 19 – Caracterização dos modelos e correntes.

	1800	1810	1820	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890	1900	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
PROGRESSISTA																					
CULTURALISTA																					
SEM MODELO																					

Fonte: Monfré, 2009, p. 125.

Por fim, como afirma Choay (2018, p.1):

A sociedade industrial é urbana. A cidade é o seu horizonte. Ela produz as metrópoles, conurbações, cidades industriais, grandes conjuntos habitacionais. No entanto, fracassa na ordenação desses locais. A sociedade industrial tem especialistas em planejamento urbano. No entanto, as criações do urbanismo são, em toda parte, assim que aparecem, contestadas, questionadas (CHOAY, 2018, p.1)

Foi percebido, a partir das correntes e modelos elaborados pela autora, que o urbanismo desde a sua origem, questiona as necessidades e as soluções dada a cidade. É claro, que em cada época uma série de fatores contribuiu para a formação e mutação dessas necessidades bem como das suas soluções, mudança essa que podemos identificar em cada *fase urbanística*, ora a crítica era associada à cidade industrial, ora às *gardens cities*, ora à geometria rígida. Porém, todos os modelos aqui trazidos tiveram o intuito de evidenciar como o urbanismo foi percebido em cada década e como eles funcionaram e evoluíram como agentes modificadores do meio urbano, para a partir disso, chegarmos a corrente urbana contemporânea aos dias

atuais, refletindo no próximo capítulo sobre o objeto central dessa pesquisa, o Urbanismo Social aplicado na cidade de Medellín, na Colômbia (o qual foi inserido em um contexto de grande confronto social e político – como visto no capítulo anterior). Dito isso, Santos ([200-?]), simplifica o conceito de urbanismo contemporâneo, em:

Construir um conceito de Urbanismo contemporâneo, de maneira crítica, e, sobretudo buscar fugir do campo ideológico e do paradigma tradicional é uma tarefa difícil, até pelo fato de se buscar o avanço nas discussões sobre a ciência, em busca de soluções comuns para os problemas urbanos, nos remete a questões políticas e sociais (SANTOS, [200-?], p. 22).

3.3. Urbanismo Social

Primeiramente, é válido ressaltar que o contexto em que o Urbanismo Social se deu, é marcado pela formação de cidades urbanizadas, com grande densidade populacional, onde existem grandes diferenças socioeconômicas, problemas sociais e índices elevados de violência (dados já mostrados anteriormente no capítulo 2).

Empregado pela primeira vez na Colômbia entre os anos de 2004 a 2011, o Urbanismo Social ganhou destaque até hoje por promover por meio da urbanização e arquitetura, o diálogo entre a cidade e a sociedade nela inserida, atuando como uma ferramenta de desenvolvimento sócio-espacial (conceito esse que será analisado no próximo capítulo). Diante disso e para entender posteriormente como se ocorreu de fato tais transformações, cabe primeiramente nesse capítulo, uma reflexão acerca de seu conceito, suas características e ideologias.

Tendo isso em vista, pode-se dizer, primeiramente, que o Urbanismo Social, segundo Echeverri ([201-]), possui sua ideologia a partir de uma *posição ética* não só de atores políticos, como também de arquitetos, urbanistas, geógrafos, engenheiros. Característica essa possível de ser identificada em outros modelos e críticas ao urbanismo, como no caso da Filosofia da Cidade ou da Antrópolis, quando se pode observar a *contribuição de outros atores* fora do ramo especializado do urbanista.

Em segundo lugar, o Urbanismo Social tem sua configuração baseada em *ideologias humanistas*, valorizando o ser humano e suas condições de vida, remetendo um pouco ao estudo da higiene mental também visto na Antrópolis. Devido a essa ideologia e em combate a situação de violência que assolava na época, o urbanismo aqui refletido, visa às *aglomerações sobre os indivíduos*, ou seja, lida com

a busca de soluções para com toda a população, principalmente as de baixa renda que sofrem com a falta de infraestrutura e qualidade de vida.

Em suma, a intenção do Urbanismo Social é a *adaptação* do espaço existente, é o de transformá-lo em algo mais incluyente a toda a população, alcançando os locais mais excluídos, tornando-os atrativos, e em consequência a transformação do meio, menos violentos, pois como diz Echeverri ([201-]):

A crise e a violência fizeram que muitas das ruas da cidade fossem territórios de grupos à margem da lei, onde se dava a expressão do temor. A grande aposta foi tornar a cidade transparente, abri-la, produzir confiança e fazer uma troca de percepção para construir um mapa total da cidade. A transformação do espaço público foi uma das ferramentas estratégicas para a recuperação (ECHEVERRI, [201-], p.5).

Sobre isso, Jáuregui (2010) ainda acrescenta:

Hoje o urbanismo que se implementa é ainda (em geral), salvo algumas exceções, "de caráter reativo", baseado em operações de "correção" de situações não desejadas e já produzidas, mais do que operações para prevenir e poder influir para evitá-las (JÁUREGUI, 2010, p.1).

A transformação do espaço urbano abordado no urbanismo social não se dá exclusivamente pelo planejamento urbano e pelo traçado da cidade, mas também pelos projetos de arquitetura, que chamam atenção pela qualidade dos materiais usados e pela plástica, buscando do *uso da tecnologia* novas formas inovadoras e modernas. Devido a essa forma de produção, é fácil relacionar essas características com as do modelo *tecnológico*, contudo, apesar de ambos remeterem a inovações, o Urbanismo Social foge da utopia.

No mais, o estilo desse urbanismo não surge da mutação de nenhum outro modelo teórico, como no naturalista com a Broadacre-City, mas *surge a partir das necessidades da população*, visando além da qualidade de vida, uma população mais homogênea. Devido a essas características, não é possível classificá-lo em um modelo capaz de ser replicável em outras cidades, ou em um protótipo, visto que cada cidade, região ou país, possui uma série de diferenças sociais, políticas e econômicas.

Ainda é válido ressaltar algumas considerações do Urbanismo Social feitas por Jáuregui (2010):

O urbanismo social deve ser concebido na perspectiva da mobilização produtiva do território (detecção de potenciais) e os projetos de impacto urbano devem ser elaborados sob a ótica da eco eficiência no campo dos recursos tanto materiais quanto humanos. (...) Urbanismo

Social implica definir simultaneamente ações e recursos para materializá-las. Deve garantir também a participação da comunidade e a regularização da situação fundiária. (...) Deve articular construção de cidade (não só de habitação, mas também da habitação com seus complementos de equipamentos e serviços sociais: educação, trabalho, transporte, saúde, cultura) com condições de urbanidade e espaço público (JÁUREGUI, 2010, p.1).

Como dito por Jáuregui (2010), esse urbanismo ainda trata algumas questões, que dizem respeito à reorganização do território; à articulação entre cidade, urbanidade e espaço público; urbanização inclusiva e sustentável; participação dos destinatários dos projetos (representação política) através da interpretação das demandas; redução da lacuna urbana, acesso à terra e à moradia (financiamentos viáveis); mobilização produtiva do território, geração de trabalho e renda; elaboração dos projetos (arquitetônicos, urbanísticos e ambientais) com o conceito de eco eficiência; e por fim, capacidade intelectual e política de gerar e mobilizar os dispositivos necessários produzindo impactos transformadores enquanto o território os apropria.

Com isso, fica claro que das críticas ao urbanismo, surgiram cada vez mais teorias e modelos que culminaram no desenvolvimento do urbanismo contemporâneo que visa buscar por soluções comuns para os problemas urbanos, tendo como exemplo o Urbanismo Social. Este, com aspectos humanistas, prioriza o ser humano e suas condições, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população. Por isso, cabe afirmar que o Urbanismo Social se tornou uma ferramenta para se alcançar tal desenvolvimento sócio-espacial, cabendo no próximo capítulo um esclarecimento do que vem a ser e em que se caracteriza esse tipo de desenvolvimento.

4. DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL

4.1. Socioespacial ou sócio-espacial?

Antes de entrar de fato no tema, faz-se necessário o esclarecimento acerca de sua escrita, para entendermos seu significado. Souza (2008) traz um esclarecimento sobre as diferenças entre os termos técnicos *socioespacial* e *sócio-espacial*, esse último ainda não registrado nos dicionários atuais.

O termo *socioespacial* (sem hífen), se refere *apenas ao espaço social*, que é produto das relações sociais e é parte integrante da totalidade social concreta.

1) Fazer referência somente ao espaço social, que é um produto (enquanto substrato espacial material, território, “lugar” etc.) das relações sociais (trabalho/economia, poder/política, simbolismo/cultura) e, ao mesmo tempo, parte integrante da totalidade social concreta ou sociedade concreta (a qual compreende as relações sociais e o espaço). Quando dizemos, por exemplo, “a estrutura socioespacial preconizada no plano-piloto de Brasília” ou “a interpenetração dos espaços urbano e rural prevista pelo modelo de organização socioespacial das *garden cities* de Ebenezer Howard”, deseja-se fazer referência direta apenas ao espaço social (ou a algumas de suas características, retratáveis por meio de um mapa ou de um modelo gráfico), e não necessariamente à totalidade social concreta formada pelo espaço e pelas relações sociais que o produziram e animam. Nesses casos é justificável e, mais que isso, é recomendável a ausência do hífen. (SOUZA, 2008, p. 160).

Já o termo *sócio-espacial* (com hífen), se refere *ao mesmo tempo às relações sociais e ao espaço (social)*.

2) Fazer referência simultaneamente às relações sociais e ao espaço (social), como dimensões da sociedade concreta que, sem se confundirem, são, por outro lado, essencialmente interdependentes. Ambas as dimensões (relações sociais e espaço) não se confundem ontologicamente, e por isso tampouco se sobrepõem conceitualmente, porque, embora seja um produto das relações sociais, o espaço social pode sobreviver às relações sociais que o geraram, ao menos como substrato material; tome-se, para ilustrar, o caso extremo de uma cidade-fantasma ou das ruínas de uma cidade antiga “perdidas” na selva, em que a materialidade não retrocedeu à condição de “natureza primeira” (para usar a conhecida expressão de Marx) ou de “estrato natural originário” (nas palavras do filósofo greco-francês Cornelius Castoriadis). Nesse segundo caso, portanto, a lógica é similar à da formação de adjetivos como “austro-húngaro” (Império Austro-Húngaro) ou “dólico-louro” (indivíduo que é, ao mesmo tempo, dolicocefalo e louro): trata-se de integrar duas “entidades” e, por extensão, implicitamente, dois conceitos. Afinal, as relações sociais produzem o espaço e nele “se inscrevem”, “falam por meio dele”

(também), “se exercem por seu intermédio” (também), mas não são, obviamente, “parte do espaço” ou um “subconjunto” do espaço, ainda que sejam influenciadas e até mesmo condicionadas pela espacialidade; de sua parte, tampouco o espaço é um “subconjunto” das relações sociais.(SOUZA, 2008, p.p.160 e 161).

Essa reflexão permitiu ao autor mencionado, concluir que ambos os termos são corretos, e que “O uso de uma palavra ou de outra dependerá do contexto e dos propósitos.” (SOUZA, 2008, p.161). E será com o apoio do termo *sócio-espacial* que como visto, se refere ao mesmo tempo *às relações sociais e ao espaço (social)*, que o mesmo autor vai construir o seu entendimento sobre *desenvolvimento*, como será visto a seguir.

4.2. Desenvolvimento como mudança social positiva

Segundo Souza (2016), quase toda a literatura teórica que despontou após a segunda Guerra, e que discute “desenvolvimento”, trata desse assunto no contexto do *economicismo*, *etnocentrismo*, *teologismo* e do *conservadorismo*. Segundo o referido autor,

O usual, no tocante ao assunto, ainda é tomar “desenvolvimento” como sinônimo de desenvolvimento econômico, e mesmo a maioria das tentativas de amenizar o economicismo (inclusive da parte de um ou outro economista) não consegue ultrapassar o seguinte ponto: no limite, a modernização da sociedade, em sentido capitalista e ocidental, é o que se entende por desenvolvimento. Considerações sobre problemas ecológicos e sociais, via de regra, não tem servido para outra coisa que meramente relativizar ou suavizar o primado da ideologia modernizadora capitalista, sem destroná-la e mesmo sem tentar questioná-la radicalmente. (SOUZA, 2016, p.60)

Contudo, para Souza, o conceito de desenvolvimento se estende muito além do sentido econômico. Para incorporar de forma legítima os interesses da sociedade, ele deve ser analisado de forma *sócio-espacial*, pois como afirma o autor “(...) é preciso reconhecer o sistema político, os valores, os padrões culturais e a organização espacial, e não somente o progresso tecnológico e a produção desses bens”.

Ao contrário também dessa visão capitalista, Souza (2016) entende que *desenvolvimento* significa uma *mudança social positiva*, e que “Desenvolvimento é mudança, decerto: uma mudança para melhor. Um ‘desenvolvimento’ que traga efeitos colaterais sérios não é legítimo e, portanto, não merece ser chamado como tal” (SOUZA, 2016, p. 61).

Por outro lado, uma *mudança social positiva* precisa contemplar da mesma forma as *relações sociais* e a *espacialidade*, essa última muitas vezes negligenciada pela literatura sobre teoria do desenvolvimento. E é exatamente por querer enfatizar a importância de se tratar ao mesmo tempo das *relações sociais e do espaço (social)* no desenvolvimento, que o autor em questão se utiliza da expressão *desenvolvimento sócio-espacial*, para indicar desenvolvimento.

Para o referido autor, um autêntico processo de desenvolvimento sócio-espacial é reconhecido quando se constata uma *melhoria da qualidade de vida* e um *aumento da justiça social*.

No que se refere a melhoria da qualidade de vida, Souza afirma que só é possível haver essa melhoria se toda a sociedade se sentir cada vez mais suprida em suas necessidades, sejam elas materiais ou imateriais, básicas ou não básicas, ou seja, se cada vez mais a população se sentir satisfeita. Cabendo aos indivíduos decidirem como essa melhoria será analisada, por exemplo, em relação a satisfação quanto a moradia, a população determinou que o melhor parâmetro para essa avaliação será por meio da salubridade.

Para o caso da *justiça social*, conceito mais complexo por possuir muitas possibilidades de entendimento, foi tomado como ponto de partida “[...] o aforisma aristotélico segundo o qual ser justo é ‘tratar os iguais igualmente e os desiguais desigualmente’” (SOUZA, 2016, p. 62). São citados dois exemplos para ajudar na compreensão desse conceito: o acesso a equipamentos culturais deve ser dado a todos os indivíduos, tanto por lei como por condições efetivas de acesso, independentemente da sua etnia ou de sua condição de ser ou não portadores de deficiência física (quando deverá ser reconhecida sua desigualdade específica, por um lado, e a sua igualdade essencial, enquanto seres humanos, por outro).

Deve-se dizer que o aumento da justiça social calibra e contextualiza o objetivo de melhoria da qualidade de vida. Por exemplo, ao estabelecer que a satisfação das necessidades básicas dos grupos menos privilegiados terá prioridade sobre as satisfações das necessidades não-básicas dos grupos mais privilegiados. Nenhum dos dois objetivos é, em última análise, mais importante que o outro. Ambos são imprescindíveis. (SOUZA, 2016, p. 64).

Ainda sobre essa igualdade de indivíduos, o autor afirma que:

(...) a única forma de lhes garantir o acesso a vários equipamentos culturais é reconhecendo a sua desigualdade específica – ao mesmo tempo em que se lhes reconhece a igualdade essencial quanto seres

humanos merecedores de tratamento igualmente digno e respeitoso – e promovendo meios de acesso diferenciados (rampas, corrimões, (...) etc.) em face dos outros indivíduos (SOUZA, 2016, p.63).

Segundo o mesmo autor, a justiça social e o aumento da qualidade de vida possuem uma relação de complementariedade, pois:

Deve-se dizer que o aumento da justiça social calibra e contextualiza o objetivo de melhoria da qualidade de vida. Por exemplo, ao estabelecer que a satisfação das necessidades básicas dos grupos menos privilegiados terá prioridade sobre as satisfações das necessidades não-básicas dos grupos mais privilegiados. Nenhum dos dois objetivos é, em última análise, mais importante que o outro. Ambos são imprescindíveis (SOUZA, 2016, p.64).

Além disso, os próprios indivíduos devem “definir os conteúdos concretos e estabelecerem as prioridades para alcançar mais justiça social e melhor qualidade de vida”, entende-se que, para que isso se dê, os cidadãos devem participar da dinâmica da cidade, e só a partir daí, tem-se um caminho democrático e legítimo, pois como afirma Souza (2016):

Há de se fazer justiça aquilo que cada situação, no âmbito de uma dada sociedade ou cultura, em relação a um certo grupo ou conjunto de grupos sociais, e um determinado espaço e um dado momento histórico, possui de único (SOUZA, 2018, p.68).

Com isso, Souza (2016) estabelece a construção de duas perguntas, podendo ser aplicadas em áreas que sofreram intervenções urbanas, para poder mensurar sua contribuição quanto para a justiça social e a melhoria da qualidade de vida:

de que modo e em que extensão a intervenção ou estratégia em questão contribuiu, tem contribuído ou contribuiria para maior justiça social? e de que modo e em que extensão a intervenção ou estratégia em questão contribuiu, tem contribuído ou contribuiria para melhor qualidade de vida? (SOUZA, 2016, p.67).

Dessa forma, pode-se concluir que a **melhoria da qualidade de vida** e o **aumento da justiça social** são complementos essenciais um do outro e que seus parâmetros poderão ser utilizados para **avaliação** sob a ótica do **desenvolvimento sócio-espacial**, no **urbanismo social implantado na cidade de Medellín**, objeto da presente pesquisa. É o que será feito no capítulo a seguir.

5. URBANISMO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ESPACIAL EM MEDELLÍN, COLÔMBIA

Nesse item 5, será discutido o objeto empírico dessa pesquisa, a cidade de Medellín. Serão apresentadas inicialmente, no item 5.1, informações sobre a cidade (contexto geográfico e divisão político-administrativa, crescimento da cidade, e situação socioeconômica), e em seguida, no item 5.2, será discutido o urbanismo social implantado em Medellín, e sua vinculação ao desenvolvimento sócio-espacial da cidade, objetivo central dessa pesquisa.

5.1. A cidade de Medellín

- *Contexto geográfico e divisão político-administrativa* -

Localizada no Vale de Aburrá, no departamento⁷ de Antioquia, na Colômbia, Medellín é caracterizada por uma geologia acidentada, dotada de vales e montanhas, com sua área urbana situada às margens do Rio Medellín (Figura 20).

Figura 20 – Localização geográfica da cidade de Medellín.



Fonte: Rodriguez, 2019, p.4

⁷ Termo utilizado para denominar as subdivisões do território francês e de outras nações para fins administrativos. (Fonte: Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001) No Brasil, Departamento seria a mesma coisa que Estado.

Do ponto de vista político-administrativo, de acordo com dados da Prefeitura Municipal, Medellín se divide em área rural e área urbana. A área rural, divide-se em cinco *Corregimientos* (Santa Elena, Altavista, San Antonio de Prado, San Cristóbal e San Sebastián de Palmitas). Desses, San Antonio e San Cristóbal, são os mais populosos, possuindo mais de 30 mil habitantes. A área urbana é dividida em seis zonas, subdivididas em 16 *Comunas*, sendo estas também subdivididas em 249 bairros.⁸ (Figuras 21 e 22).

Figura 21 – Divisão territorial de Medellín, área urbana e rural.



Fonte: Communes of Medellín, 2014.

Figura 22 – Divisão territorial da área urbana de Medellín.



Fonte: Comunas de Medellín, [2011].

A Figura 22 mostra a divisão territorial da área urbana de Medellín. Cada mancha colorida representa uma zona e suas respectivas comunas, são elas:

- Amarelo: Zona 1 (Nordeste), com as comunas: Popular, Santa Cruz, Manrique e Aranjuez.
- Rosa: Zona 2 (Noroeste), com as comunas: Castilla, Doce de Octubre, Robledo.

⁸ Disponível em:

<https://www.medellin.gov.co/irj/portal/medellin?NavigationTarget=navurl://6488ef50a6787e1fdb4e42e62a46a67>. Acesso em: 16 nov. 2019.

- Roxa: Zona 3 (Centro-Leste), com as comunas: La Candelaria, Buenos Aires, Villa Hermosa.
- Verde: Zona 4 (Centro-Oeste), com as comunas: La América, San Javier, Laureles-Estadio.
- Laranja escura: Zona 5 (Sudeste), com a comuna: El Poblado.
- Laranja clara: Zona 6 (Sudoeste), com as comunas: Belém, Guayabal.

As 16 comunas e seus respectivos bairros são:

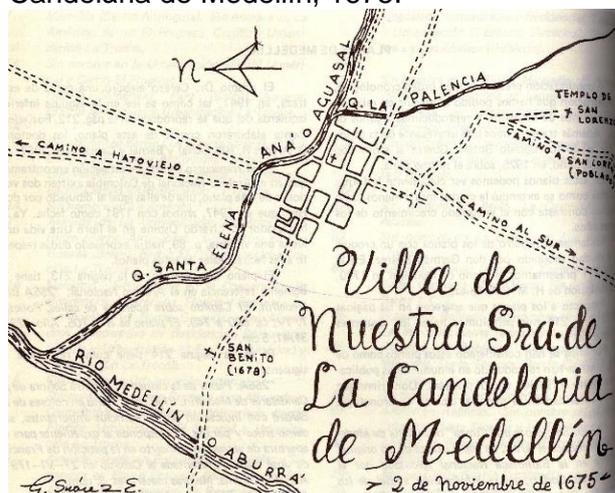
1. **Popular:** Santo Domingo Sabio N° 1, Santo Domingo Sabio N° 2, Popular, Granizal, Moscú N° 2, Villa Guadalupe, San Pablo, Aldea Pablo VI, La Esperanza N° 2, El Compromiso, La Avanzada, Carpinelo.
2. **Santa Cruz:** La Isla, El Playón de Los Comuneros, Pablo VI, La Frontera, La Francia, Andalucía, Villa del Socorro, Villa Niza, Moscú N° 1, Santa Cruz, La Rosa.
3. **Manrique:** La Salle, Las Granjas, Campo Valdes N° 2, Santa Inés, El Raizal, El Pomar, Manrique, Central N° 2, Manrique Oriental, Versailles N° 1, Versailles N° 2, La Cruz, Oriente, Maria Cano – Carambolas, San José La Cima N° 1, San José La Cima N° 2.
4. **Aranjuez:** Berlín, San Isidro, Palermo, Bermejál - Los Álamos, Moravia, Sevilla, San Pedro, Manrique Central N° 1, Campo Valdes N° 1, Las Esmeraldas, La Piñuela, Aranjuez, Brasilia, Miranda.
5. **Castilla:** Toscaza, Las Brisas, Florencia, Tejelo, Boyacá, Héctor Abad Gómez, Belalcazar, Girardot, Tricentenario, Castilla, Francisco Antonio Zea, Alfonso López, Caribe.
6. **Doce de Octubre:** Santander, Doce de Octubre N° 1, Doce de Octubre N° 2, Pedregal, La Esperanza, San Martín de Porres, Kennedy, Picacho, Picachito, Mirador del Doce, Progreso N° 2, El Triunfo.
7. **Robledo:** Cerro El Volador, San Germán, Barrio Facultad de Minas, La Pilarica, Bosques de San Pablo, Altamira, Córdoba, López de Mesa, El Diamante, Aures N° 1, Aures N° 2, Bello Horizonte, Villa Flora, Palenque, Robledo, Cucaracho, Fuente Clara, Santa Margarita, Olaya Herrera, Pajarito, Monteclaro, Nueva Villa de La Iguaná.
8. **Villa Hermosa:** Villa Hermosa, La Mansión, San Miguel, La Ladera, Batallón Girardot, Llanaditas, Los Mangos, Enciso, Sucre, El Pinal, Trece de Noviembre,

- La Libertad, Villa Tina, San Antonio, Las Estancias, Villa Turbay, La Sierra (Santa Lucía - Las Estancias), Villa Lilliam.
- 9. Buenos Aires:** Juan Pablo II, Barrios de Jesús, Bombona N° 2, Los Cerros El Vergel, Alejandro echevarria, Barrio Caicedo, Buenos Aires, Miraflores, Cataluña, La Milagrosa, Gerona, El Salvador, Loreto, Asomadera N° 1, Asomadera N° 2, Asomadera N° 3, Ocho de Marzo.
- 10. La Candelaria:** Prado, Jesús Nazareno, El Chagualo, Estación Villa, San Benito, Guayaquil, Corazón de Jesús, Calle Nueva, Perpetuo Socorro, Barrio Colón, Las Palmas, Bombona N° 1, Boston, Los Ángeles, Villa Nueva, La Candelaria, San Diego.
- 11. Laureles - Estadio:** Carlos E. Restrepo, Suramericana, Naranjal, San Joaquín, Los Conquistadores, Bolivariana, Laureles, Las Acacias, La Castellana, Lorena, El Velódromo, Estadio, Los Colores, Cuarta Brigada, Florida Nueva.
- 12. La América:** Ferrini, Calasanz, Los Pinos, La América, La Floresta, Santa Lucía, El Danubio, Campo Alegre, Santa Mónica, Barrio Cristóbal, Simón Bolívar, Santa Teresita, Calasanz Parte Alta.
- 13. San Javier:** El Pesebre, Blanquizal, Santa Rosa de Lima, Los Alcázares, Metropolitano, La Pradera, Juan XIII - La Quiebra, San Javier N° 2, San Javier N° 1, Veinte de Julio, Belencito, Betania, El Corazón, Las Independencias, Nuevos Conquistadores, El Salado, Eduardo Santos, Antonio Nariño, El Socorro, La Gabriela.
- 14. El Poblado:** Barrio Colombia, Simesa, Villa Carlota, Castropol, Lalinde, Las Lomas N° 1, Las Lomas N° 2, Altos del Poblado, El Tesoro, Los Naranjos, Los Balsos N° 1, San Lucas, El Diamante N° 2, El Castillo, Los Balsos N° 2, Alejandría, La Florida, El Poblado, Manila, Astorga, Patio Bonito, La Aguacatala, Santa María de Los Ángeles.
- 15. Guayabal:** Tenche, Trinidad, Santa Fe, Shellmar, Parque Juan Pablo II, Campo Amor, Noel, Cristo Rey, Guayabal, La Colina.
- 16. Belén:** Fátima, Rosales, Belén, Granada, San Bernardo, Las Playas, Diego Echevarria, La Mota, La Hondonada, El Rincón, La Loma de Los Bernal, La Gloria, Altavista, La Palma, Los Alpes, Las Violetas, Las Mercedes, Nueva Villa de Aburrá, Miravalle, El Nogal - Los Almendros, Cerro Nutibara.

- De vila a cidade -

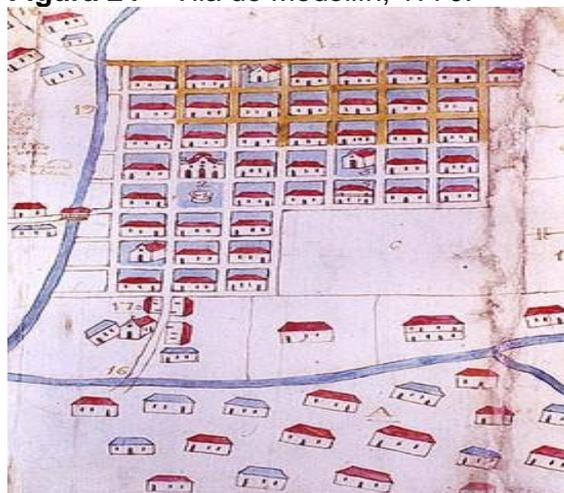
De acordo com Alcaldía (2011), a cidade foi fundada em 1541, dotada apenas de pequenos assentamentos, onde sua origem é dada em razão de uma expedição pelo espanhol Jerónimo Luis Tájelo em busca de terras e ouro. Em 1616, outra aldeia é erguida, chamada na época de “poblado” (onde atualmente é a Comuna de El Poblado). Em 1675 a rainha Mariane da Áustria, concede o título de Vila e funda a “Vila de Nossa Senhora de Candelária de Medellín” na antiga região de Anã (atual centro da cidade). Só em 1826 Medellín é reconhecida e nomeada capital de Antioquia. (Figuras 23 e 24).

Figura 23 – Vila de Nossa Senhora de Candelária de Medellín, 1675.



Fonte: Rodriguez, 2019, p.4.

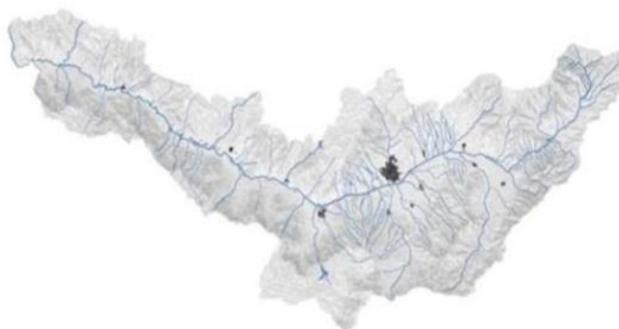
Figura 24 – Vila de Medellín, 1770.



Fonte: Rodriguez, 2019, p.4.

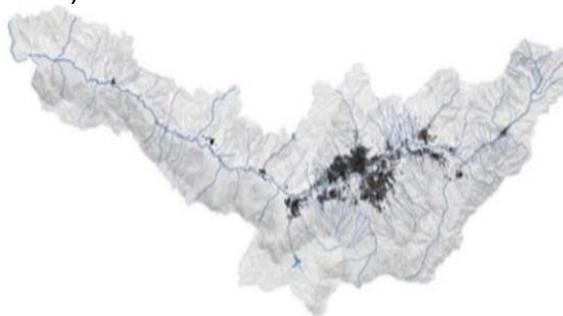
A cidade que inicialmente não passava de alguns pequenos assentamentos, hoje se tornou a segunda maior em importância comercial e industrial da Colômbia, com um total de 380,64 km² (dos quais 110,22 km² são em área urbana e 270,42 km² em área rural). Esse crescimento urbano, como visto no capítulo 2, teve suas origens associada a ocupação informal, tendo principalmente durante a segunda metade do século XX, uma notória aceleração. Nesse processo, a cidade aumentou quase dez vezes seu tamanho, enquanto em 1905 Medellín possuía aproximadamente 60 mil habitantes, estima-se que hoje ultrapasse os 3,5 milhões só na região metropolitana (Figuras 25 a 28). Ainda segundo o censo do Departamento Administrativo Nacional de Estatística (DANE), desse total de habitantes que vivem em Medellín, 61,3% nasceram na cidade, 38% são imigrantes de outras partes da Colômbia e 0,3% de outros países.

Figura 25 – Capital (1826-1915).



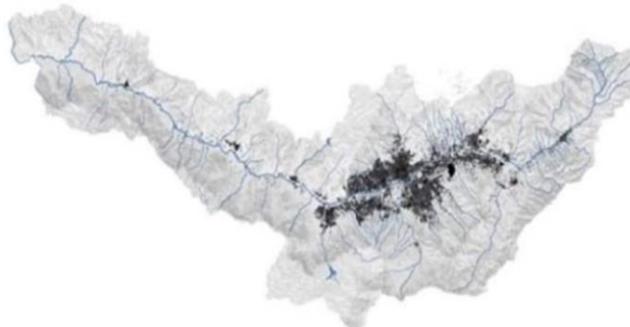
Fonte: Rodriguez, 2019, p.7

Figura 26 – Cidade transbordando (1948-1970).



Fonte: Rodriguez, 2019, p.7

Figura 27 – Crescimento e valorização (1970-1985).



Fonte: Rodriguez, 2019, p.7

Figura 28 – Mancha urbana de Medellín (Atualidade).



Fonte: Rodriguez, 2019, p.7

- *Dados Socioeconômicos: do macro para o micro* -

Considerando a cidade de Medellín como um todo, os principais indicadores de pobreza e qualidade de vida utilizados pelo governo Municipal - *Incidência da pobreza moderada*⁹, *Incidência da pobreza extrema*¹⁰, *Coeficiente de Gini*¹¹, *Índice de*

⁹ O Banco Mundial define como situação de *pobreza moderada*, viver com entre 1 e 2 dólares (dos Estados Unidos) por dia.

¹⁰ Situação de *pobreza extrema* (ou situação de indigência), segundo o Banco Mundial, seria viver com menos de 1 dólar (dos Estados Unidos) por dia.

¹¹ “O Coeficiente de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um (alguns apresentam de zero a cem). O valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um (ou cem) está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém toda a riqueza” (WOLFFENBÜTTEL, 2004).

Desenvolvimento Humano (IDH)¹², Índice de Qualidade de Vida (ICV)¹³, e Índice Multidimensional de Condição de Vida (IMCV)¹⁴, apontam para uma melhora expressiva entre os anos de 2002 e 2011 (Figura 29).

Figura 29 – Principais indicadores de pobreza e qualidade de vida, Medellín 2002-2011.

Indicador		Incidença de la pobreza moderada*	Incidença de la pobreza extrema*	Coefficiente de Gini*	Indicador de desarrollo humano - IDH-	Indicador de calidad de vida - ICV-	Indicador Multidimensional de condiciones de vida -IMCV-
Medellín	2002	36,1%	7,9%	0,547	-	-	-
	2003	34,5%	6,7%	0,557	-	-	-
	2004	31,6%	5,6%	0,541	80,21	82,2	-
	2005	29,4%	5,0%	0,522	80,72	82,46	-
	2006	-	-	-	83,65	83,28	-
	2007	-	-	-	84,1	83,72	-
	2008	25,0%	6,1%	0,542	84,72	82,77	-
	2009	23,9%	6,2%	0,534	84,81	81,89	-
	2010	22,0%	5,6%	0,538	85,15	83,3	46,65
	2011	19,2%	4,0%	0,507	86,44	83,48	47,02
Avance en período (puntos)**		-17,0%	-3,9%	-0,04	6,23	1,28	0,37
Referencia	Promedio Nacional/2011	34,1%	10,6%	0,548	-	-	-
	Promedio 13 Ciudades/2011	20,6%	3,5%	0,517	-	-	-

Fonte: Departamento Administrativo de Planeamiento de Medellín (DAPM) 2012, p.6.

¹² “Este índice é calculado com base em dados econômicos e sociais. O IDH varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Quanto mais próximo de 1, mais desenvolvido é o país. Este índice também é usado para apurar o desenvolvimento de cidades, estados e regiões. § No cálculo do IDH são computados os seguintes fatores: educação (anos médios de estudos), longevidade (expectativa de vida da população) e Produto Interno Bruto per capita”. (Disponível em: https://www.suapesquisa.com/o_que_e/idh.htm. Acesso em 20/10/2019).

¹³ As variáveis consideradas para o cálculo do Indicador de Qualidade de Vida (ICV) nas comunas e corregimientos de Medellín, estão centradas no **capital físico** (material predominante das paredes, material predominante dos pisos, total de eletrodomésticos, número de veículos); no **acesso a serviços públicos** (local de abastecimento de água das casas, serviços sanitários utilizados, formas de eliminação do lixo); no **capital humano** (escolaridade do chefe da família e do cônjuge, proporção de menores entre 6 e 12 anos que não estudam, proporção de menores entre 13 e 18 anos que não estudam, proporção de analfabetos); em **aspectos demográficos** (sobre população e proporção de crianças menores de 6 anos); e no **capital social** (número de pessoas ocupadas/ número de pessoas na moradia, seguro social do chefe da família, proporção de pessoas da família com seguro social).

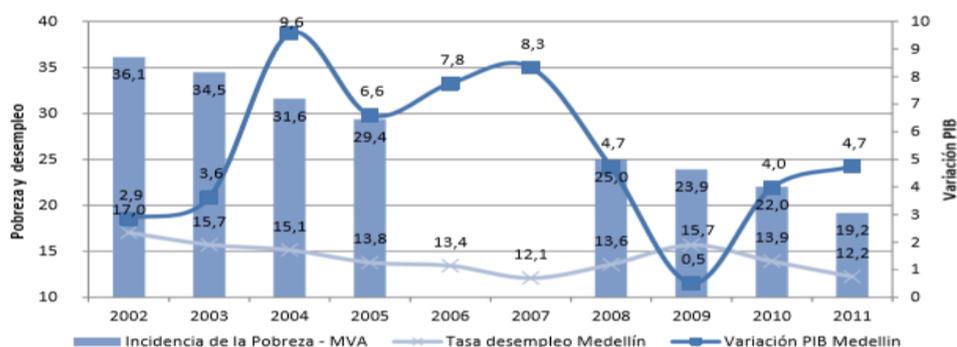
¹⁴ A partir de 2010, o Departamento Administrativo de Planeamiento da Alcaldía de Medellín, calculou o Indicador Multidimensional de Condições de Vida (IMCV), no qual são incorporadas novas dimensões que permitem aprofundar e atualizar as medidas de qualidade de vida dos domicílios, considerando um total de 42 variáveis agrupadas em 15 dimensões: 1. Entorno e qualidade da moradia, 2. Acesso a serviços públicos, 3. Meio ambiente, 4. Escolaridade, 5. Desescolarização, 6. Mobilidade, 7. Capital físico da moradia; 8. Participação, 9. Liberdade e segurança, 10. Vulnerabilidade, 11. Saúde, 12. Trabalho, 13. Recreação, 14. Percepção da qualidade de vida, 15. Renda.

Com relação à *Incidência de pobreza moderada* observa-se uma redução em torno de 17 pontos percentuais no período considerado. Entre os anos de 2002 e 2011 o percentual de população em situação de pobreza moderada caiu de 36,1% para 19,2%, podendo-se dizer até que essa redução aponta para uma melhora no mercado de trabalho que conseqüentemente aumenta a renda das famílias, conforme afirma o DAPM (2012). Também representando essa melhora, observa-se na *Incidência de pobreza extrema* uma redução de 4 pontos percentuais, passando de 7,9% em 2002 para 4% em 2011.

Com relação ao *Coefficiente de Gini*, que mede o grau de concentração de renda de renda, nota-se uma pequena variação no período, permanecendo a cidade sem apresentar concentração de renda acentuada. O índice diminuiu 0,04 no período, oscilando entre 0,547 em 2002 e 0,507 em 2011. Já em relação ao *Índice de Desenvolvimento Humano* (IDH) esse cresceu em média 6% entre 2002 e 2011, passando respectivamente de 80,21% para 86,44%. Torna-se assim, o segundo índice a apresentar as maiores variações no período.

É possível também observar o *Índice de Qualidade de Vida* (ICV). Entre os anos estudados, houve um crescimento de 1,28 pontos percentuais nesse índice, que passou de 82,2% para 83,48%. Esse índice confirma juntos aos demais indicadores, melhorias na qualidade de vida da cidade de Medellín. E quanto ao Indicador Multidimensional, utilizado apenas a partir de 2010 (ver nota de rodapé n.8), também já apresenta uma melhora, passando de 46,65 em 2010 para 47,02 em 2011.

Ainda segundo o Departamento Administrativo de Planejamento de Medellín (DAPM) (2012), os indicadores econômicos da cidade apresentaram melhoras, com um crescimento médio anual de 5% no PIB, o que, como dito anteriormente e segundo o DAPM (2012), “conseqüentemente gerou um impacto positivo na geração de renda familiar e no mercado de trabalho”. Além disso, a taxa de emprego e desemprego variaram de 51% e 17% para 56 e 12,2% respectivamente. Ainda de acordo com os mesmos dados, a cidade no ano de 2010 foi a que mais gerou empregos assalariados. (Figura 30).

Figura 30 – Variação do PIB, taxa de desemprego e pobreza. Medellín 2002-2011.

Fonte: Departamento Administrativo de Planeamiento de Medellín (DAPM) 2012, p.22.

No entanto, os indicadores socioeconômicos quando calculados para comunas e corregimientos, demonstram com mais nitidez situações de desigualdade existentes dentro da cidade de Medellín (Tabela 1).

Tabela 1 – Medellín: Indicadores socioeconômicos de comunas e corregimientos.

COMUNAS	População 2019	IMCV 2018	Extrato socioeconômico 2018 (% das moradias)						Taxa de desemprego %	Taxa de homicídios x 100.000 hab
			Baixo baixo	Baixo médio	Médio Baixo	Médio médio	Médio alto	Alto alto		
1. Popular	132.482	34,74	38,47	64,47	0,03	0,03	14,91	9,10
2. Santa Cruz	113.520	37,08	13,40	86,50	0,10	0,10	11,16	9,70
3. Manrique	162.374	37,45	28,60	56,50	14,80	0,10	11,98	10,50
4. Aranjuez	163.489	44,12	9,50	34,00	56,30	0,20	11,03	23,90
5. Castilla	151.785	48,06	1,40	14,30	82,80	1,60	8,90	17,20
6. Doce de Octubre	195.800	40,79	17,20	55,90	26,80	0,10	13,30	11,80
7. Robledo	176.810	46,12	13,80	42,70	30,50	10,60	2,40	...	10,77	31,10
8. Villa Hermosa	139.493	39,67	33,90	39,10	24,40	2,60	12,28	14,40
9. Buenos Aires	137.494	49,91	3,90	24,20	59,10	11,00	0,90	0,80	11,20	5,10
10. La Candelaria	85.783	56,42	0,01	6,96	35,47	53,77	3,80	0,01	9,08	126,00
11. Laurelis - Estadio	123.185	69,62	...	0,20	1,10	33,30	65,10	0,03	6,08	25,20
12. La América	97.457	61,94	0,20	2,30	27,10	43,80	26,60	0,10	10,94	30,90
13. San Javier	140.243	40,42	36,30	35,50	22,50	5,80	9,89	65,08
14. El Poblado	133.814	76,60	...	1,40	1,40	4,50	19,00	73,70	2,30	8,30
15. Guayabal	96.142	52,35	0,80	16,70	55,00	27,60	7,11	31,30
16. Belén	197.593	57,43	1,60	16,30	36,60	24,70	20,70	...	7,73	20,30
Total Comunas	2.247.464									
CORREGIMIENTOS										
50. San Sebastian de Palmitas	7.819	39,22	30,70	65,40	3,80	0,10	s/informação	0,00
60. San Cristóbal	105.977	38,76	21,80	49,10	23,90	5,20	0,10	...	s/informação	21,10
70. Altavista	40.911	39,44	8,81	57,86	6,82	6,98	19,52	0,01	s/informação	110,80
80. San Antonio de Prado	126.285	45,70	2,93	49,19	47,22	0,61	0,04	0,01	s/informação	12,30
90. Santa Elena	21.081	45,57	43,18	38,41	9,95	3,02	3,12	2,31	s/informação	0,00
Total Corregimietos	302.073									
TOTAL MEDELLÍN	2.549.537	48,77							9,98	25,00

Fonte: Alcaldía de Medellín. **Cifras y Estadísticas por comuna e corregimiento**, 2019. Montagem do quadro e edição: a autora, 2019.

Como pode ser observado na Tabela 1, com relação à **população**, a comuna mais populosa é **Belén**, que abriga 7,8% da população de Medellín, com 197.593 habitantes. Em segundo lugar está a comuna **Doce de Octubre** com 7,7% da população da cidade, ou 195.800 pessoas. Em terceiro lugar **Robledo**, com um total de 176.810 moradores, correspondendo a 6,9% da população de Medellín. Contudo, maiores ou menores populações não significam necessariamente melhores condições de vida, pois essas três comunas se encontram em quarto, decimo primeiro e nono lugar respectivamente, no ranking de classificação do *Índice Multidimensional de Condição de Vida (IMCV)*.

Em relação a esse mesmo Índice, quando se analisa as comunas em melhores condições de vida, observa-se que em primeiro lugar está **El Poblado** com IMCV igual a 76,60, maior que o da cidade com apenas 48,77. As comunas que apresentam menores IMCV, ou seja, condições mais precárias de vida são **Popular** (34,74), **Santa Cruz** (37,08), **Manrique** (37,45), **Vila Hermosa** (39,67) e **San Javier** (40,42), todas abaixo do índice de Medellín.

Com relação aos extratos socioeconômicos, observa-se que a comuna **Popular** é a que tem os percentuais mais altos das suas moradias nas categorias indicativas de maiores precariedades (baixo baixo e baixo médio). Essa é mesma situação das comunas com menores IMCV apontadas acima (**Santa Cruz, Manrique, Vila Hermosa e San Javier**).

No lado oposto estariam as comunas com percentuais mais altos das suas moradias nas categorias indicativas de menos precariedade (média, média alta e alta), e que são **El Poblado** (73,70% das suas moradias são de padrão alto), **Laurelis-Estado** (65,10% de moradias de padrão médio alto) e **La Candelaria** (53,77% das moradias são de padrão médio). Com IMCV mais altos, ou seja, com as melhores condições de vida figuram **El Poblado** (76,60), **Laurelis-Estado** (69,62), **La América** (61,94) e **La Candelaria** (56,42).

Quanto à taxa de desemprego, as mais altas são encontradas nas comunas de condições de vida mais precária, **Popular** (14,91%), **Doce de Octubre** (13,30%), e **Vila Hermosa** (12,28%). No lado oposto, as mais baixas taxas de desemprego são encontradas em **El Poblado** (2,30%), **Guayabal** e **Belén**, respectivamente com taxas de desemprego de 7,11% e 7,73%, e que são as comunas com melhores condições de vida.

E quanto ao número de homicídios por 100.000 habitantes, observa-se que são as comunas com melhores condições de vida onde são encontradas as taxas de homicídios mais altas. Em **La Candelária**, a taxa de homicídio é de 126,00 por 100.000 habitantes, muito acima da taxa de todas as demais comunas e também da cidade de Medellín. Seguem-se o **corregimiento Altavista**, com taxa também muito alta, de 110,80, e as comunas **San Javier** (65,98) e **Guayabal** (31,30). Nas comunas com mais precariedade na qualidade de vida, são encontradas as mais baixas taxas de homicídios, **Buenos Aires** (5,10), **Popular** (9,10) e **Santa Cruz** (9,70). Chama a atenção os corregimientos **San Sebastian de Palmitas** e **Santa Helena**, que apresentam as mais baixas taxas de homicídios de toda Medellín, não chegando sequer a pontuar.

Entendidas essas diferentes condições de vida nas várias comunas e corregimientos, será discutido a seguir, conforme antecipado, o urbanismo social implantado em Medellín, e sua vinculação ao desenvolvimento sócio-espacial da cidade.

5.2. O Urbanismo Social

5.2.1 Seus precursores

Medellín apresentou um grande desenvolvimento nos últimos anos, tanto em extensão urbana, quanto em qualidade de vida, como visto no capítulo anterior. É certo dizer que a cidade se tornou uma referência mundial, sendo considerada um símbolo de inovação por reconstruir uma narrativa urbana para si, diante de uma grande crise econômica social e política.

Nesse contexto de crescimento populacional, foi a partir dos anos 70 que a cidade entrou em conflito, não só em consequência da violência e do tráfico de drogas (época de surgimento dos maiores carteis e grupos de guerrilha), mas devido também ao declínio econômico gerado principalmente pelo desaparecimento do sistema ferroviário, que conseqüentemente gerou impactos na sua base de empregos e condições de gerar uma boa qualidade de vida, e, aliado a urbanização acelerada, acabou formando um cenário de extrema pobreza e desigualdade social. Além disso,

segundo Jaramillo (2014, p.8) “o sistema político geral estava em uma fase de profundas contradições e descrédito social”.

Na década de 80, a cidade cria sua área metropolitana formada em grande parte por ocupações informais, que ainda hoje existem e estão em parte localizados nas Comunas¹⁵. Nessa mesma década, houve altíssimos níveis de violência urbana (como mostra a Figura 6 do capítulo 2.2) associada ao narcotráfico, “com 381 mortos por 100.000 habitantes, quase 6.700 mortos, a maioria com menos de 26 anos” afirma Echeverri ([201-], p.2), chegando a ser considerada a cidade mais violenta do mundo pela revista Time. Os locais mais dominados pelos carteis eram nos bairros mais afastados.

Nessa onda de violência que assolava, morreram vários políticos assassinados, como o prefeito Carlos Gustavo Monroy Arenas a mando de Pablo Escobar, como também Hernando Baquero Borda, magistrado do Supremo Tribunal de Justiça. Além disso, houve ataques com carros-bomba a residência da família de Pablo Escobar em Monaco efetuada pelo Cartel de Cali, bem como a edifícios e instalações importantes. No final da década de 80, já em 1989 inicia-se uma guerra contra o Estado, fazendo com que a violência atingisse o nível de 10 mortes por dia.

O início dos anos 90 também foi marcado pela violência, com a formação das milícias populares dos guerrilheiros e do grupo paramilitar das Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), grupos estes já explicados no capítulo 2, bem como a consolidação do Cartel Los Pepes em 1992.

Em 1993 houve a morte de Escobar pela polícia colombiana, sendo um marco histórico para o mundo, por representar a fragmentação do Cartel de Medellín, e principalmente para a cidade, por oferecer a esperança de um futuro melhor (Figura 31).

¹⁵ “Termo utilizado na colômbia para se referir a uma unidade administrativa na qual é subdividida uma área urbana de uma cidade” (Echeverri, [201-]). Em Medellín existem 16 comunas que são subdivididas em 275 bairros oficiais.

Figura 31 – Folha de jornal com anúncio da morte de Pablo Escobar.



Fonte: Medellín Vida y Ciudad, 2014, p.228.

Nesse contexto, houve uma grande mobilização nos anos 90, na tentativa de reverter essa realidade violenta que ainda existia, tanto por organizações governamentais, como por não-governamentais, pelo setor privado, por instituições de ensino e pela própria população.

Simultaneamente, nossa sociedade, com base em seu rico tecido humano, construiu sua história diante de um estágio incontrolável de violência marcado pelo narcotráfico, legalidade e uma crise generalizada de governança e governabilidade. Como resposta, a comunidade desencadeou um processo diversificado de mobilização social (JARAMILLO,2014, p.9).

As universidades começaram a olhar para essa porção do território mais afetada, pois eram onde os maiores problemas sociais existiam. Segundo Echeverri ([201-], p.3), “A Universidade Nacional e a Universidade Pontifícia Bolivariana (UPB) decidiram direcionar uma parte importante de seus projetos e programas de pesquisa para essas localidades. Além disso, Echeverri ([201-]) afirma ter fundado uma “Oficina de Projetos do Norte”, para a criação de soluções de pequena a média escala. A EDU (Empresa de Desenvolvimento Urbano) é uma das principais instituições públicas que participou e liderou o Urbanismo Social desde sua criação, gerenciando projetos urbanos. Segundo Echeverri ([201-], p.3), que foi diretor da EDU, “na EDU, lideramos a estratégia de Urbanismo Social, além da implementação e do desenvolvimento dos Projetos urbanos Integrais (PUI), dos programas dos Parques Bibliotecas, do Projeto da Zona Norte, entre muitos outros”.

Em relação a esforços governamentais, Echeverri ([201-]) afirma que o primeiro programa a mudar essa realidade com ações de diálogo e inclusão foi o programa do Governo Nacional da Consejería Presidencial para Medellín (1990-1997), dele, surgiram ações que originaram o PRIMED (Programa Integral de Melhoramento de Bairros Subnormais de Medellín) entre os anos de 1992 e 1996, que posteriormente influenciaria o Urbanismo Social. Nesse mesmo ano, é iniciado o Centro de Vida Cidadã do Ministério Presidencial, oferecendo equipamentos públicos nos bairros, e o instituto Rio M, focado na limpeza do rio Medellín, ambos reforçando o sentimento de comunidade e pertencimento.

Em 1995 o metrô começou a funcionar, bem como entrou em vigência o Plano Estratégico de Medellín para a área metropolitana.

Outro fator importante para a cidade foi a alteração na Constituição de 1991, tornando uma democracia mais participativa, descentralizada, oferecendo mais autoridade as entidades locais. Tornando a inclusão e participação social um direito de todos.

A Constituinte de 1991 determinou, no artigo 2º, como fins essenciais do Estado os seguintes: “Servir à comunidade, promover a prosperidade geral e garantir a efetividade dos princípios, direitos e deveres consagrados na Constituição; facilitar a participação de todos nas decisões que os afetarem e na vida econômica, política, administrativa e cultural da Nação; defender a independência nacional, manter a integridade territorial e assegurar a convivência pacífica e a vigência de uma ordem justa. As autoridades da República estão instituídas para proteger todas as pessoas residentes na Colômbia, em sua vida, honra, bens, crenças e demais direitos e liberdades e para assegurar o cumprimento dos deveres sociais do Estado e dos particulares. (COLOMBIA, 2016, p.14)

Outro fator histórico importante que contribuiu para a transformação da cidade, foi a implantação da Lei 152 em 1994 e da Lei 388 já no final da década, em 1997. Ambas contribuíram para o plano de desenvolvimento e de ordenamento territorial, estabelecendo diretrizes.

Foi finalmente no final dos anos 90 que o governo iniciou uma fase de diálogo de paz com o grupo FARC. Foi também no final dos anos 90 e começo de 2000, que foi construído o Parque dos Pés Descalços (1999) e o Parque dos Desejos (2003) (Figuras 32 e 33), e que marcariam um momento onde “o bom projeto e a arquitetura apareceram pela primeira vez depois de muitos anos”, como assegura Echeverri ([201-], p.2). Os parques, assim como o programa do governo Consejería, mostrava os espaços públicos como instrumentos de mudança e inclusão social.

Figura 32 – Parque dos Pés Descalços.**Figura 33** – Parque dos Desejos.

Fonte: Medellín Vida y Ciudad, 2014, p. 229.

As transformações que ocorreram em Bogotá na mesma época, influenciaram posteriormente algumas mudanças ocorridas em Medellín. Em 2002 durante o governo do presidente Álvaro Uribe Vélez deu-se início a uma intensa presença da força armada da polícia e exército nas ruas com uma ação chamada Segurança Democrática. Em Medellín, um exemplo dessa ação foi a Operação Órion na Comuna 13, que resultou em uma guerra urbana na região.

Em 2003, com a Lei de Justiça e Paz, iniciou-se uma desmobilização das autodefesas de guerrilha rural e urbana, seguindo de um processo de reintegração a sociedade. Já nessa época é possível evidenciar a redução na taxa de homicídio, que cai para metade em comparação aos anos 80 e 90 (184 mortos para 100.000 habitantes em 2002 e 98.2 em 2003).

No mesmo ano, a reforma política que começou com a vitória de Sergio Fajardo para prefeito de Medellín, foi ponto chave para que ocorressem as transformações urbanas e sociais de atualmente (chamadas de Urbanismo Social). O ex-prefeito foi líder do movimento cívico “Compromisso Cidadão” durante seu mandato (2004-2007), que junto com instituições de ensino, empresas privadas, organizações sociais e especialistas de diversas ideologias tinham o ideal da mudança através da transparência, ética e do compromisso social. De acordo com Echeverri ([201-]), esse movimento:

Compartilhava a urgência de efetuar uma mudança estrutural, resgatando a ética como razão central na política e tendo como objetivo recuperar a confiança no poder público por meio de

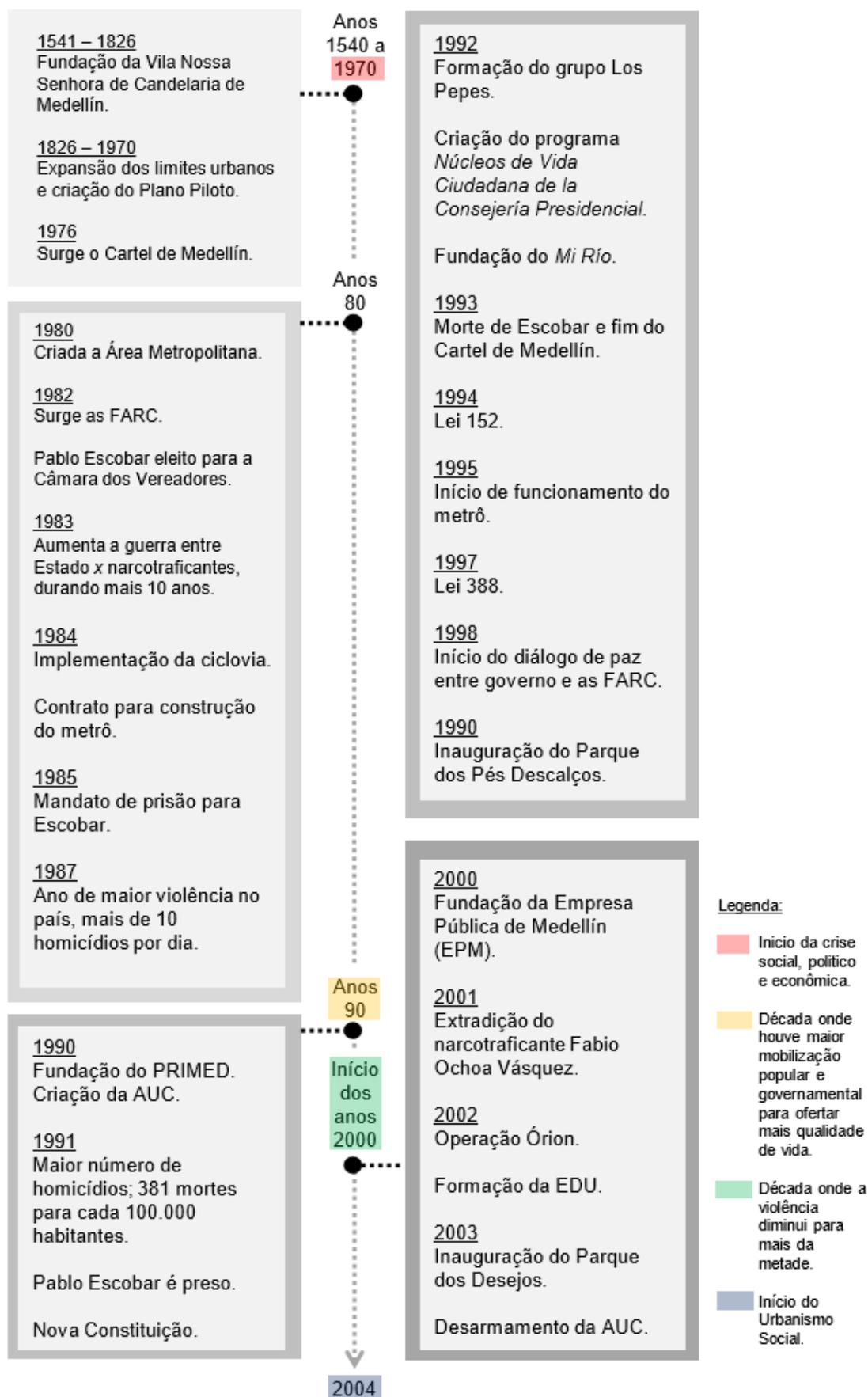
programas de inclusão, educação e projetos urbanos, próximo a realidade das pessoas (ECHEVERRI, [201-], p.4)

Após Fajardo, Alonso Salazar, que também participou do movimento, foi prefeito de Medellín durante o período entre 2008-2011, e a principal característica que ambos prefeitos tiveram, foi a capacidade de se comunicar com a população, reconhecendo e procurando solucionar suas necessidades, principalmente de comunidades mais excluídas. Echeverri ([201-]) ainda acrescenta que:

Medellín se transformou em um laboratório vivo, em um espaço de inovação, por meio de programas sociais de educação e cultura, focados nos bairros do norte da cidade, onde estavam os problemas de desigualdade mais estruturais (ECHEVERRI, [201-], p.4)

Com isso, é possível dizer que Medellín passou por uma grande reviravolta política, urbana e social entre as décadas de 70 a 90 (Figura 34). Com a elaboração de políticas e leis de desarmamento, de reintegração, políticas de desenvolvimento urbano, entre outras, as quais contribuíram para a criação de espaços públicos de qualidade que se tornaram instrumentos de mudança e não mais de exclusão social, com ações públicas de geração de trabalho, e sobretudo, reconhecendo a necessidade de uma mudança que deveria ocorrer desde a teoria (Constituição de 1991) até a prática (ações de pequeno e médio porte nas comunidades). Tais mudanças deveriam emergir tanto da transparência e da ética na política, quanto da elaboração de uma arquitetura de qualidade, indiferentemente do local. Todas essas premissas foram a base para o chamado Urbanismo Social, que se refere aos programas e ações instaladas durante o período de 2004 a 2011 e que será abordada mais profundamente no próximo capítulo.

Figura 34 – Linha do tempo dos principais marcos históricos de 1540 a 2003.

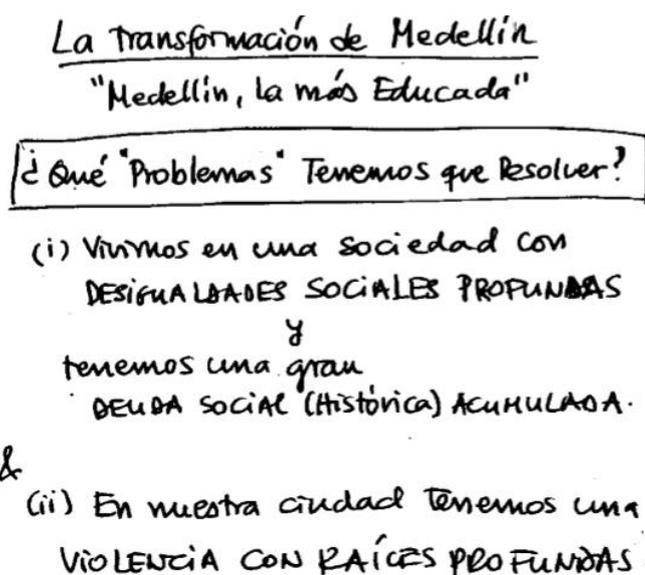


Fonte: Medellín vida y ciudad (2014), editado pela autora, 2019.

5.2.2. “Trocando a pele a partir do Urbanismo Social”

Ao longo de toda pesquisa foi possível constatar que Medellín tem sua história cercada de marginalização e temor. Contudo, a partir de 2004, a cidade sofreu, e pode-se dizer que ainda vem sofrendo, a partir do Urbanismo Social, uma renovação e transformação do espaço urbano, chamado por Echeverri de “troca de pele”, onde, a partir da boa arquitetura e do urbanismo, tem-se uma ferramenta para alcançar maiores desenvolvimentos socioespaciais. E é com foco no período entre 2004 a 2011 onde houve as principais e grandes mudanças, que o presente capítulo irá se desenvolver. (Figura 35).

Figura 35 – La transformación de Medellín.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Sobre o Urbanismo Social Echeverri ([201-]) afirma:

(...) A grande aposta foi tornar a cidade transparente, abri-la, produzir confiança e fazer uma troca de percepção para construir um mapa total da cidade. (...) Fajardo costumava dizer que “estamos trocando a pele dos bairros de Medellín”. A essa estratégia de “troca de pele” que combina de forma simultânea programas sociais, culturais e de educação com projetos de arquitetura e urbanismo, damos o nome de Urbanismo Social. (ECHEVERRI, [201-], p.3).

Em suma, esse urbanismo surge como uma resposta estratégica a um grave problema de exclusão social da maior parte das comunas e bairros da cidade. Tal problema foi refletido no espaço urbano criando um contexto social excluído de toda

cidade. Para reverter essa realidade, foram realizados projetos de arquitetura e urbanismo em conjunto, e em diferentes escalas, a fim de organizar e articular o espaço para dignificá-lo. E é a através dos Projetos Urbanos Integrados (PUI) que esses projetos puderam ser planejados e executados. Sendo uma ferramenta de intervenção do Urbanismo Social, os Projetos Urbanos Integrados (PUI) surgiram em 2004 durante o governo de Sergio Fajardo, e foram desenvolvidos pela Empresa de Desenvolvimento Urbano (EDU). De acordo com Echeverri ([201-]):

Entre os anos de 2004 e 2011, por meio da estratégia de Urbanismo Social, foram realizadas importantes inovações. Este programa se concretizou como uma ferramenta de intervenção urbana que denominamos de Projetos Urbanos Integrais (PUI). Um instrumento operacional que, mediante projetos urbanos de escala intermediária, retrata um processo holístico para desenvolver a concepção, o projeto e a execução de obras de infraestrutura, articulados com diferentes programas governamentais (ECHEVERRI, [201-]).

Em uma cidade onde originalmente possui suas intervenções isoladas uma das outras, a intenção de criação do PUI, é de buscar justamente a integração urbana por meio de três componentes, sendo eles, segundo a Alcaldía (2011):

- *Físico*: Atua em áreas com maiores riscos ambientais, sociais e urbanos, buscando ferramentas de soluções para o mesmo, com ações de melhoria do espaço e de instalações públicas, de mobilidade e de recuperação ambiental.
- *Social*: Incluindo a sociedade na tomada de soluções contra problemas de violência e exclusão, promovendo sua participação. Esse conceito é fundamentado por duas ações: a primeira, pela criação de espaços de discussão, conselhos, comissões. A segunda, por ações para melhorar a qualidade de vida, como estratégias para gerar empregos, novas habitações, entre outros.
- *Institucional*: Já o institucional, tem seu conceito na integridade, buscando conhecer o território ao mesmo tempo que mantém uma relação com a comunidade, além de uma gestão ética das verbas direcionadas para as intervenções. É baseado também em experiências internacionais e no aprendizado da própria cidade com o PRIMED.

Ou seja, seus três componentes unem várias esferas e entidades institucionais para a realização de programas, projetos e planos de maneira a melhorar a qualidade de vida. “Os PUIs apontam para a necessidade da implementação de políticas

públicas de transformação do espaço urbano, mediante ações estruturadas e com a participação comunitária” (JESUS, 2016, p. 297)

Os PUI são provavelmente a contribuição mais importante do experimento de Medellín no campo do melhoramento de assentamentos informais. Representam um compêndio de ações de planejamento, gerenciamento e desenho, cuidadosamente coordenados para criar sinergia e impulsionar essas comunidades para aumentar sua qualidade de vida. (ANTONUCCI e BUENO, 2018)

Além desses três componentes, há também quatro fases para a realização do PUI, segundo a Alcaldía (2011), sendo elas:

- *Fase de planejamento*: Analisar a cidade para ter uma ideia geral da intervenção a ser feita, não só escolhendo quais ações serão feitas em cada local, mas também para definir modelos de gestões e desenvolvimento.
- *Fase do diagnóstico e formulação*: Identificar na área o problema, a causa, bem como os potenciais. A partir disso é elaborado e articulados planos e processos orçamentados, estabelecendo prioridades e sendo desenvolvido junto à comunidade. É elaborado todo um cronograma para a execução da intervenção dentro de três meses.
- *Fase de desenvolvimento do projeto*: É nessa fase onde o projeto arquitetônico e urbanístico é executado, regulamentado com o Plano Diretor.
- *Fase final*: Fortalece os planos de desenvolvimento local contribuindo para reapropriação do espaço público e de conexão com a comunidade. Entrega dos projetos a entidades locais responsáveis a dar continuidade as ações do município.

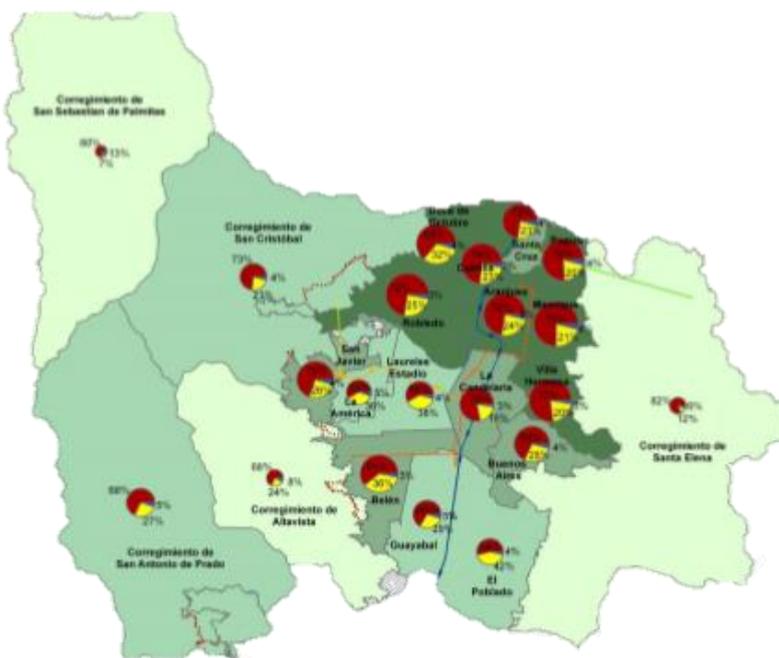
Com isso, e depois de ter analisado como o Projeto Urbano Integrado – PUI (uma ferramenta de intervenção do Urbanismo Social) se caracteriza, vale agora verificar quais foram essas intervenções, onde foram instaladas e qual sua contribuição para melhorar a qualidade de vida e justiça social. Echeverri ([201-]) classifica em sete, as ideias que fundamentaram o Urbanismo Social, são elas: as *Zonas em ação – Enquadramento*; *Projetos Holísticos – Confluência*; *Projetos de Conexão – União*; *Cidade Transparente – Visibilidade*; *Dignidade Social – Qualidade*; *A “pele” do bairro – Proximidade*; e *Projeto dos processos – Cocriação*.

Primeira ideia: Zonas em Ação – Enquadramento:

Devido a limitação de recursos econômicos e humanos, foi necessário primeiramente determinar quais seriam as Zonas em Ação dos PUIs. Essas Zonas foram enquadradas de modo a determinar seus tamanhos e limites, e segundo Echeverri ([201-], p.5) “era determinante ter sucesso nos primeiros exemplos de intervenção e selecionar lugares reconhecidos, na memória urbana, como problemas históricos da cidade”. A primeira zona a receber investimento foi a urbana, ou seja, as comunas. As primeiras foram as do norte e nordeste, pois como já visto no capítulo anterior, são as mais vulneráveis e possuem indicadores de condições de vida mais baixos, expandindo-se depois para as do centro. (Figura 36).

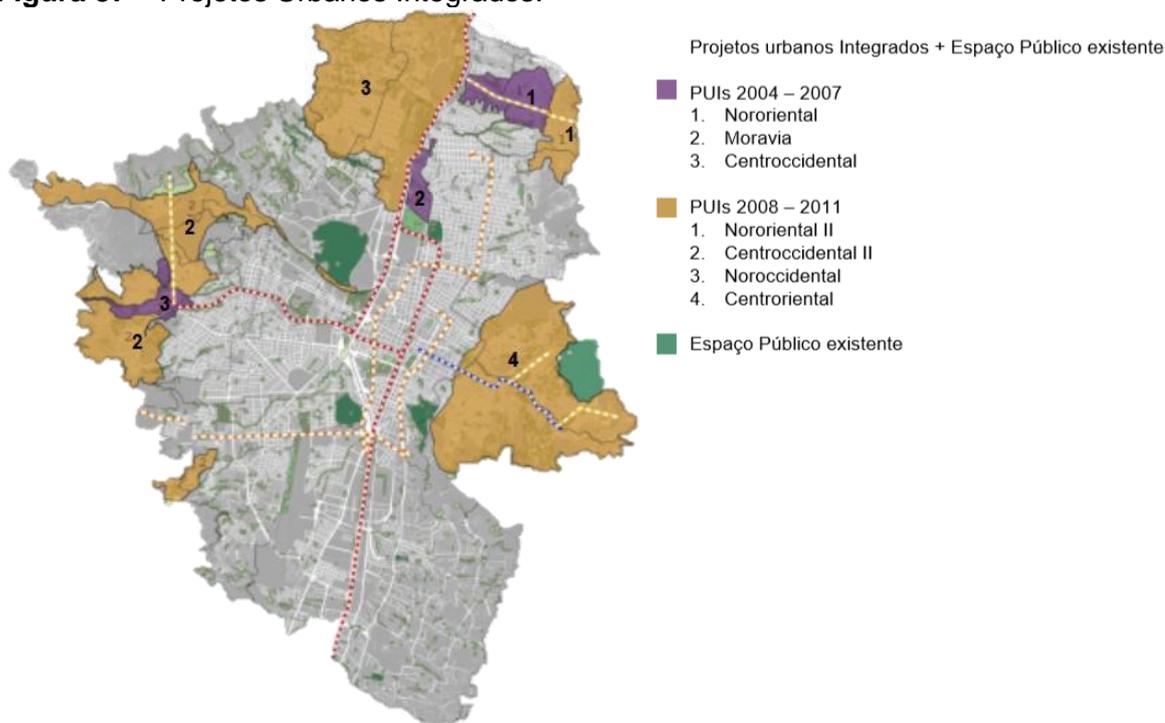
É válido também dizer que os projetos urbanos se dividiram de duas formas, entre os anos de 2004 a 2007 (prefeito Sergio Fajardo) e 2008 a 2011 (prefeito Alonso Salazar). Nos primeiros quatro anos foram realizados o PUI Norte e Nordeste, na Comuna 13 e em Moravia (bairro da Comuna 4). E nos anos seguintes iniciou o PUI Nordeste II e Comuna 13 II, ampliando para o PUI Centro-Oeste e Centro-Leste (Figura 37).

Figura 36 – Investimentos por comuna e corregimiento, 2012.



Fonte: Alcaldía de Medellín, 2013, p.40.

Figura 37 – Projetos Urbanos Integrados.



Fonte: Antonucci e Bueno, 2018.

Segunda ideia: Projetos Holísticos – Confluência:

De acordo com Echeverri ([201-]),

Os Projetos Urbanos Integrais (PUI) implementados nas Zonas de ação se transformaram na ferramenta mais eficiente para poder conceber, desenhar e coordenar um processo holístico de grande complexibilidade, tentando articular harmonicamente os diferentes programas de governo no âmbito dos diferentes processos de transformação física (ECHEVERRI [201-], p.6).

Tal articulação combinou programas de educação e cultura com a construção de obras em diferentes escalas. Ou seja, ao mesmo tempo que se iniciam os projetos de grande porte de arquitetura, como os Parques Bibliotecas, começam também os de pequeno porte, como a reurbanização ao redor do mesmo, a partir de ruas e calçadas. Essa união é combinada com programas e ações com a comunidade que contribui para criar uma relação de colaboração entre os entes locais e governamentais. Alguns desses projetos realizados nos bairros (como será visto com mais detalhe nos próximos itens) são: os sistemas de transporte (Metrocable, Metroplús, Tranvía e Encicla) e de mobilidade (escadas rolantes); os projetos de arquitetura (os museus, os Parques Bibliotecas, as Unidades de Vida Articulada (UVAs)); e os projetos urbanos (revitalização de áreas públicas, como o Paseo Andaluzia, a Ponte Mirador).

Terceira ideia: Projetos de Conexão – União:

Os projetos de conexão são aqueles que criaram de alguma forma a união entre o bairro e a comunidade, com a cidade, convertendo-as em uma parte integrante e contribuindo para a formação do sentimento de unidade, desfazendo assim as fronteiras invisíveis e o preconceito de uma época marcada pela violência.

São dois tipos de projetos que contribuíram para essa união: O primeiro se refere a mobilidade e os novos sistemas de transporte público, que são como uma espécie de “ação capilar de conexão”. O segundo, se refere à os novos equipamentos de grande impacto, como os parques bibliotecas, as Unidades de Vida Articulada (UVAs), entre outros. Ambas intervenções promoveram um “olhar mais completo e transparente sobre o território em geral” (ECHEVERRI, [201-], p.7), oferecendo mais dignidade e igualdade principalmente aqueles que moram em locais de precariedade e difícil acesso.

1. Em relação aos sistemas de transportes e mobilidade:

Os sistemas de transportes (Metrocable, Metroplús, Tranvía e Encicla) são meios de transporte público de massa, que conduzem grande quantidade de pessoas diariamente e foram implantados a partir de 2004, para aumentar a rede de mobilidade e conectar bairros isolados ao metrô. Esses, são administrados pelo Sistema Integrado de Transporte do Valle do Aburrá (SITVA) (SITVA, 2019). Além disso, a implantação desses meios de transportes, promovem o transporte público como principal forma de locomoção, ao invés dos meios individuais, como o carro (Figura 38). Em relação ao transporte e a mobilidade, um dos principais elementos de destaque foram as escadas rolantes da Comuna 13.

Figura 38 – Pirâmide invertida da mobilidade.



Fonte: Rodriguez, 2019.

- Metrocable:

Sendo o primeiro da América Latina a ser um meio de transporte em massa, o Metrocable foi implantado em Medellín em 2004 como uma forma de aproximar e facilitar a locomoção das pessoas de bairros mais distante e de difícil acesso a outras partes da cidade, fazendo ligação com outros tipos de transporte. Ele faz parte da ideia de criar uma alternativa aos veículos individuais, com transportes públicos de qualidade e alta eficiência. Atualmente possui 5 linhas (M, K, J, L, H) e 13 estações (3 superficiais e 10 elevadas), formando 10,7km de extensão. (Figuras 39 e 43).

Recentemente, Medellín recebeu o prêmio bienal internacional *Lee Kuan Yew World City*. O prêmio é dado para as cidades que contribuem para a criação de “comunidades urbanas vibrantes, habitáveis e sustentáveis”, e um dos reconhecimentos principais dessa premiação, foi dado pelo sistema de transporte Metrocable. Segundo o ICLEI apud Trentinni (2016) “o Metrocable oferece opções de transporte para as comunidades menos privilegiadas de Medellín, aproximando-as de oportunidades de emprego, bem como outras infraestruturas como parques e bibliotecas”.

Figura 39 – Metrocable.



Fonte: Rodriguez, 2019.

- Metroplús:

Já o Metroplús, começou a funcionar em 2011 e nada mais é do que um sistema de ônibus de rápido transporte (BRT), também idealizado sob uma visão mais sustentável por serem movidos a gás natural. Os ônibus fazem parte de uma rede de sistemas de transportes integrados, inclusive ao metrô, percorrendo a cidade de norte a sul. Atualmente ele é composto por duas linhas (1 e 2) com 28 estações, formando 26km de extensão, a uma distância de 500m entre cada estação. (figura 40 e 43).

Ainda sobre os ônibus, além deles serem movidos a gás, que conseqüentemente gera menos poluição, eles também possuem acessibilidade, pagamento eletrônico com cartão e qualidade visual.

Figura 40 – Ônibus da frota Metroplús.



Fonte: Rodriguez, 2019.

- **Tranvía:**

Com o nome de Tranvía de Ayacucho, esse transporte é uma espécie de bonde, que teve sua construção iniciada em 2011, mas só foi inaugurada em 2015. Contendo apenas uma linha (T-A) com nove estações e totalizando apenas 4,3km de extensão, o Tranvía só opera em três comunas da zona centro-leste, porém, todas as suas paradas fazem integração com estações do Metrocable, Metroplús e do metrô. (Figuras 41 e 43).

Figura 41 – Curiosidade sobre o Tranvía.



Fonte: Rodriguez, 2019.

- **EnCicla:**

O EnCicla faz parte de um sistema de transporte público de bicicletas atuando em toda região metropolitana da cidade, que entrou em vigor em 2011 e contém 51 estações. (Figura 42).

Figura 42 – Estação de bicicletas EnCicla.



Fonte: SITVA, 2019.

Figura 43 – Linhas e pontos dos transportes públicos da área urbana de Medellín.



Fonte: SITVA, 2019.

- Escadas Rolantes:

Também como um exemplo de mobilidade, transporte e inovação, as escadas rolantes inseridas na Comuna 13 são as primeiras escadas elétricas ao ar livre do mundo. Em funcionamento desde 2011, substituem os 350 degraus da antiga escadaria, e foram distribuídas em 6 lugares estratégicos. Uma média de 60 mil pessoas utilizam as escadas mensalmente. “A escada é um sonho realizado” disse Holguin (apud BBC, 2011), moradora da comuna. (Figuras 44 e 45).

Figura 44 – Escada rolante (vista interior)

Fonte: Mindêlo, 2018.

Figura 45 – Escada rolante (vista externa)

Fonte: Mindêlo, 2018.

2. Em relação aos Equipamentos de grandes impactos:

Segundo Echeverri, os equipamentos de grandes impactos são os novos projetos de arquitetura, construídos em locais estratégicos e que oferecem programas de educação, cultura e lazer, podendo ser usado por qualquer pessoa, moradora ou não da comunidade. Esses edifícios proporcionam maior visibilidade ao local, tornando-se um ponto de referência para a cidade. Ainda de acordo com o autor, a característica mais importante é a “reassignificação da identidade destas comunidades o aspecto que possibilita uma integração real com a cidade”, ou seja, a partir da arquitetura desses equipamentos, é possível alterar a identidade (memória urbana) desse local. Alguns desses equipamentos, são:

- Os Parques Biblioteca:

Como dito anteriormente, os edifícios fazem parte da construção de equipamentos públicos com caráter educativo, cultural e social, se transformando em referência para as comunidades e culturas locais. Iniciado em 2004, até hoje foram construídos nove Parques Biblioteca (Figuras 47 a 55), sendo os cinco primeiros os principais a alterar simbolicamente a imagem violenta da cidade, “pois em cada local que foram inseridos representam na história, algo de extrema violência” (ECHEVERRI, [201-], p.7).

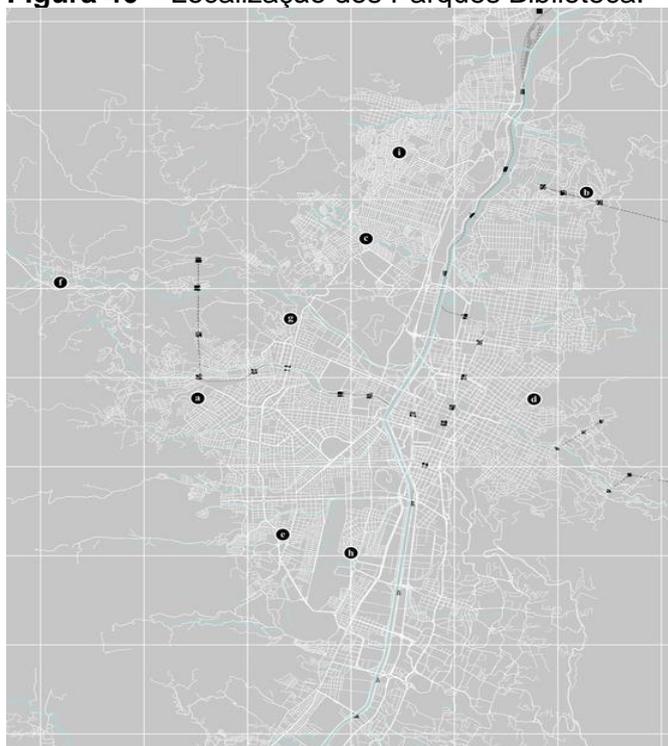
Segundo Capillé (2017), esses edifícios apresentam efeito positivo na educação da comunidade devido os programas oferecidos, como aulas de informática, administração, artes, entre outros. Contudo, além dos programas tradicionais a biblioteca, a mesma também oferece áreas públicas de lazer.

No entanto, como pode a mudança social depender do uso público de um edifício? Intuitivamente, podemos sugerir que “uso público” implica, a um certo nível, que formas de ocupação, movimento e interação são imprevistos e não programados. Nesse sentido, se considerarmos todo o investimento em assegurar que os Parques Biblioteca funcionem como extensões de espaço público, isto é, abertos a todos (acesso livre) e permitindo um certo nível de liberdade de uso, eles não podem ser considerados como meras instalações educacionais ou culturais (CAPILLÉ, 2017, p. 9).

Os Parques Biblioteca implantados são (primeiro: nome; segundo: local; terceiro: ano de construção):

- Presbítero Jorge Luis Arroyave - San Javier (2006)
- España - Santo Domingo (2007)
- Tomás Carrasquilla - La Quintana (2007)
- León de Grieff - La Ladera (2007)
- Belén – Belén (2008)
- Fernando Botero - San Cristóbal (2009)
- José Horacio Betancur - San Antonio de Prado (2011)
- Manuel Mejía Vallejo - Guayabal (2012)
- Gabriel García Marquez - Doce de Octubre (2013)

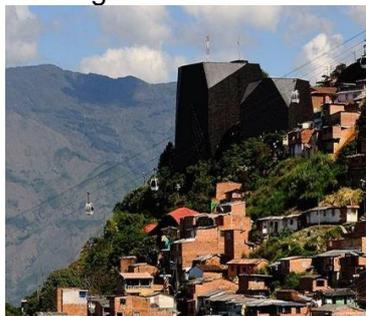
Figura 46 – Localização dos Parques Biblioteca.



- a San Javier (2006)
- b España (2007)
- c La Quintana (2007)
- d La Ladera (2007)
- e Belén (2008)
- f Fernando Botero (2009)
- g José Betancur (2011)
- h Guayabal (2012)
- i Doce de Octubre (2013)

Fonte: Capillé, 2017.

Figura 47 – Santo Domingo.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 48 – La Quintana.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 49 – La Ladera.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 50 – San Javier.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 51 – San Cristóbal.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 52 – San Antonio de Prado.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 53 – Guayabal.



Fonte: Silva, 2017.

Figura 54 – Doce de Octubre.

Fonte: Silva, 2017.

Figura 55 – Belén.

Fonte: Silva, 2017.

- As Unidades de Vida Articulada (UVA):

A partir de um plano de iluminação para a cidade, a empresa estatal colombiana (EPM) observou a existência de ilhas de escuridão em vários locais da zona urbana de Medellín. Esses locais correspondiam a 144 reservatórios de água, que foram construídos entre 1910-1950 na época em que essas áreas ainda eram periféricas. Dos 144 tanques, 14 foram escolhidos “sob os aspectos de área útil, densidade populacional e as necessidades das comunidades do entorno, restrições geológicas, expansão do serviço de água e seu entorno” (Ferrário, 2019), para se tornarem novos espaços públicos, as UVAs. (Figuras 56 a 70)

O partido do projeto das UVAs é composto pela água e pela luz, ressaltando a infraestrutura dos tanques e gerando a consciência de respeitar a água e contribuindo para um consumo consciente.

Segundo Valencia (2016),

Descrição oficial: Cada tanque de água foi visto como uma ferramenta para participar de uma nova relação de confiança com suas comunidades. Trabalhando em estreita colaboração com as pessoas locais na concepção do projeto, através de oficinas comunitárias, o objetivo comum era transformar o que estava escondido e fechado, na oportunidade do que se iria abrir e integrar. O projeto resultante é uma mistura de infraestrutura existente de água, como recurso valioso, com os espaços públicos.

Os tanques de água foram abertos, as cercas foram removidas e seu entorno redesenhado para dar à infraestrutura um novo espaço público, criando conexões entre a comunidade, antes separada pelas barreiras da infraestrutura dos reservatórios. Os muros e fechamentos foram derrubados para criar um espaço para a igualdade, que agora vem substituindo a divisão e exclusão através do projeto. Como resposta à carência de espaços públicos nesses bairros, foram derrubados os muros e cercas que protegiam os tanques de água e,

em vez disso, foram entregues para a cidade espaços de reuniões públicas, promovendo o lazer e a cultura. Em um ato de generosidade e confiança estas intervenções convertem infraestrutura hidráulica em infraestrutura pública, costurando bairros e comunidades (VALENCIA, 2016).

Figura 56 – UVA De La Imaginación.



Fonte: Valencia, 2016.

Figura 57 – UVA De La Esperanza.



Fonte: Valencia, 2016.

Figura 58 – UVA Los Sueños.



Fonte: Valencia, 2016.

Figura 59 – UVA De La Alegria.



Fonte: Valencia, 2016.

Figura 60 – UVA De La Armonia.



Fonte: Valencia, 2016.

Figura 61 – UVA Nuevo Amanecer.



Fonte: Valencia, 2016.

Figura 62 – UVA La Libertad.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 63 – UVA San Fernando.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 64 – UVA Los Guayacanes.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 65 – UVA Mirador San Cristóbal.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 66 – UVA De La Cordialidad.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 67 – UVA El Poblado.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 68 – UVA El Encanto.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 69 – UVA Aguas Claras.

Fonte: Valencia, 2016.

Figura 70 - Localização das UVAs.



Fonte: Valencia, 2016.

- O Parque Explora:

Inaugurado em 2008, o Parque Explora é composto por um parque de ciência e tecnologia, um aquário (o maior da América do Sul) e um planetário. O edifício é considerado o maior centro de divulgação e promoção tecnológica da cidade, e em sua concepção, a idealização de algo grandioso já era pensado, por isso, o Parque Explora é uma peça chave de estratégia do Urbanismo Social, tornando-se uma referência e um símbolo de recuperação física e social (ECHEVERRI, 2008). (Figura 71).

Somos um parque de ciência e tecnologia, um aquário, um planetário. Somos espaços versáteis, cenários memoráveis localizados debaixo d'água, na borda do universo e em salas premiadas nacional e internacionalmente por suas experiências não convencionais, que nos permitem viver o significado mais profundo e verdadeiro da inovação. Mais do que um trabalho físico, somos uma ideia em expansão com vida vigorosa fora do Parque, porque já há algum tempo nossos domínios foram estendidos a outros bairros da cidade e até outros municípios de Antioquia, por meio de oficinas, processos comunitários e experiências itinerantes como o Exploramóvel. (ECHEVERRI, 2008)

Figura 71 – Parque Explora.



Fonte: Parque Explora, 2017.

- O Centro de Desenvolvimento Cultural:

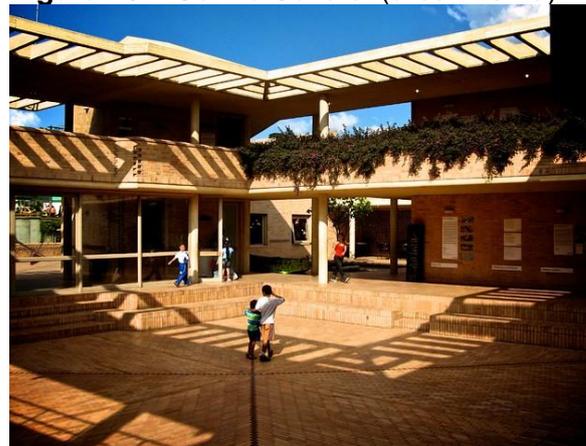
Localizado historicamente em uma área mais carente, o bairro de Moravia é formado principalmente por assentamentos informais daqueles que saíram de suas terras natais fugindo da violência. Outro aspecto característico do bairro, além da precariedade das moradias, era o lixo, sendo considerado em 2006 uma zona de calamidade pública. Contudo, entre os anos de 2004 a 2011, o bairro ganhou uma nova vida diante de novas ações do governo para limpeza e revitalização da área. Um dos projetos realizado no processo foi o Centro de Desenvolvimento Cultural. (Figuras 72 e 73).

O Centro, inaugurado em 2007, foi concebido com a ideia de criar a partir de sua forma e material, uma conexão entre o espaço e a comunidade, fazendo-as parte integrante do mesmo local (Madriñán, 2008). Nele, diversas atividades são concebidas, como música, teatro, dança, artes, entre outros.

O Centro Cultural foi concebido como um local que reúne a vida comunitária do bairro por meio de atividades artísticas e criativas que incentivam a prática da música, teatro, dança, cinema e artes plásticas. A arquitetura reforça o senso comunitário por sua abertura e transparência e está estruturada em torno de um eixo que liga dois locais públicos de caráter distinto: a praça de recepção em direção ao barranco e o teatro onde são realizadas as apresentações artísticas. No meio, o pátio afundado centralizado estende seus limites para se conectar visualmente com as várias unidades próximas e com a paisagem urbana distante. A presença de água em pequenos lagos, a escala íntima dos espaços e as superfícies tecidas com texturas de tijolos evocam o senso fundamental de lugar e interpretam as qualidades da arquitetura popular do bairro (MADRIÑÁN, 2008).

Figura 72 – Centro Cultural (área externa).

Fonte: Madriñán, 2008.

Figura 73 – Centro Cultural (área interna).

Fonte: Madriñán, 2008.

Quarta ideia: Cidade Transparente – Visibilidade:

Conforme Echeverri ([201-]), um dos aspectos mais valiosos de estratégia do Urbanismo Social está associado a levar visibilidade às áreas mais segregadas da cidade. Ou seja, levando o “reconhecimento da cidade real, que procura estender as dinâmicas urbanas, culturais e econômicas a algumas das áreas segregadas” (ECHEVERRI, [201-], p.8), e é através de decisões e prioridades políticas administrativas em conjunto com a população, onde esse processo se inicia, transformando em unidade o mapa mental da cidade, pois “o processo de mudança se inicia quando o mapa mental de grande parte de seus habitantes começa a incluir toda a cidade, e não apenas um fragmento dela” (ECHEVERRI, [201-], p. 8).

Como já dito anteriormente, os projetos de conexão (sistema de transporte, mobilidade, equipamentos de impacto) são as principais ferramentas usadas nesse processo de formação de unidade e inclusão. Por meio deles, os bairros se tornaram mais visíveis, tais projetos se transformaram em atrativos e conseqüentemente possibilitaram um maior intercâmbio para essas áreas.

Quinta ideia: Dignidade Social – Qualidade:

Ainda nesse processo de ressignificação da identidade das comunidades para a formação de maiores integrações com a cidade, Echeverri ([201-]) acrescenta que sentimento de dignidade também é a chave para essa questão. A partir dele, outros sentimentos como o de orgulho, autoestima, cuidado e admiração pelo espaço surgem, de modo que contribuem para a redução de vandalismo ou qualquer outro tipo de depreciação.

E, para aflorar esses sentimentos, o governo buscou na elevação da qualidade de suas obras, essa fonte. Com o aumento da qualidade na mão de obra, na realização de concursos de projetos de arquitetura e urbanismo, e inclusive na própria qualidade dos materiais (lema “mais para os mais pobres”), conseguiram que a população as “adote” e cuide. “A qualidade da educação começa pela dignidade dos espaços” (FAJARDO, apud TRAVÉZ, 2017). (Figuras 74 a 79).

Figura 74 – Unidade Esportiva Granizal: antes da intervenção.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Figura 75 – Unidade Esportiva Granizal: depois da intervenção.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Figura 76 – Parque De La Candelaria: antes da intervenção.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Figura 77 – Parque De La Candelaria: depois da intervenção.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Figura 78 – Parque De La Imaginación Villa Del Socorro: antes da intervenção.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Figura 79 – Parque De La Imaginación Villa Del Socorro: depois da intervenção.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Além de todos esses exemplos apresentados, pode ser acrescentado como equipamento de alta qualidade, segundo a percepção da autora, o Parque Moravia, a seguir descrito.

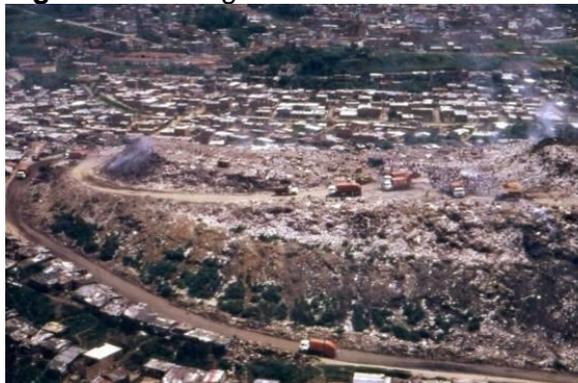
- Parque Moravia:

Localizado no bairro de Moravia, assim como o Centro de Desenvolvimento Cultural, o Parque Moravia só foi inaugurado em 2014, mas faz parte de uma série de ações que se iniciaram em 2004 (ver tópico sobre o Centro de Desenvolvimento Cultural). Onde anteriormente era um lixão a céu aberto chamado de El Morro, acumulando mais de 500mil quilos de lixo por dia, chegando a atingir 35 metros de altura e existindo mais de 15mil pessoas morando ali, hoje existe um jardim de 30mil metros quadrados, e as pessoas que antes viviam ali, foram relocadas para conjuntos habitacionais ao redor do parque. O Parque Moravia é considerado um exemplo de dignidade por ter transformado um local marginalizado, em uma área “viva e pulsante” da cidade, além de contribuir na qualidade de vida dos moradores da região. (Figuras 80 a 83).

"Isto era um lixão. Agora estamos vivendo na glória. Para poder caminhar, era preciso se esquivar das cabeças de animais. Saíam uns líquidos do lixo" contou à AFP Oriol Arturo Arango, um dos jardineiros que morou 22 de seus 31 anos de idade em meio ao lixo, até que sua casa se incendiou (TERRA, 2014).

"Todo ano tínhamos pelo menos um incêndio por causa dos gases", conta Neira Agudelo, de 27 anos, ex-moradora do morro de lixo que também virou jardineira (TERRA, 2014).

Figura 80 – Antigo lixão.



Fonte: Fonte: Medellín Vida y Ciudad, 2014, p.50.

Figura 81 – Depois da intervenção: Parque Moravia



Fonte: Fonte: Medellín Vida y Ciudad, 2014, p. 50.

Figura 82 – Parque Moravia.

Fonte: Fonte: Medellín Vida y Ciudad, 2014, p. 100

Figura 83 – Parque Moravia.

Fonte: Fonte: Medellín Vida y Ciudad, 2014, p. 100.

Sexta ideia: A “pele” do bairro – Proximidade:

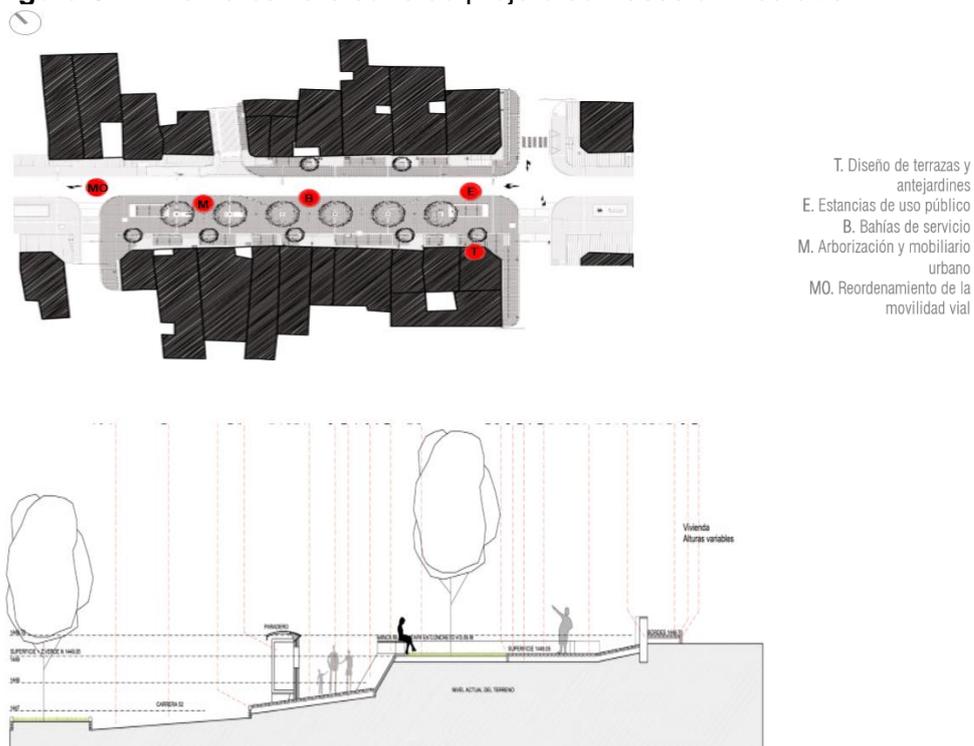
Tais transformações de arquitetura e urbanismo vistas até agora, foram robustecidas por uma outra ideia fundamental do Urbanismo Social: a proximidade, que significa uma valorização do local para aproximar os espaços aos usuários. A recuperação de espaços públicos com ações de pequena escala, segundo afirma Echeverri ([201-]), podem ter um impacto maior que os de grande escala, possibilitando acima de tudo, que os usuários voltem a percorrer a rua (elemento chamado pelo autor de “pele”) sem medo.

Como são de pequena escala, essas intervenções buscam alterar esses espaços adicionando ou retirando elementos já existentes, sem nenhuma renovação brusca. Sobre isso, Echeverri ([201-], p. 9-10) afirma: “A rua vizinha, a esquina para o encontro, o parque do bairro, e onde quer que as pessoas passem parte de sua vida diária, devem se transformar em peças estratégicas de uma intervenção integral.” Alguns exemplos trazidos por Echeverri ([201-]), são:

- Passeio Andaluzia: (Figuras 84 e 85)

“Criar espaços públicos onde nunca houve espaço público” (GARCIA, 2019)

Figura 84 – Planta baixa e corte do projeto do Paseo Andaluzia.



Fonte: Rodriguez, 2019.

Figura 85 – Antes e depois da intervenção do Paseo Andaluzia.



Fonte: Rodriguez, 2019.

- Ponte Mirador Andaluzía – La Francia: (Figura 86)

Não tínhamos para onde andar, eram casinhas e casinhas ao longo do riacho e foi por isso que disseram que era El Pesebre. Luz Marina Gómez, líder comunitária do bairro La Francia, antes da construção da ponte. (Agência de Cooperação e Inversão de Medellín (ACI), 2018).

Figura 86 – Ponte Mirador.



Fonte: Rodriguez, 2019

- Rua 106: (Figura 87 e 88)

Figura 87 – Rua 106: antes da intervenção.



Fonte: Alcaldía de Medellín, [201-].

Figura 88 – Rua 106: depois da intervenção.



Fonte: Alcaldía de Medellín, [201-].

Sétima ideia: Projeto dos processos – Cocriação:

Segundo Echeverri ([201-]), no processo de criação de projetos de arquitetura e urbanismo, foi necessário a colaboração de vários atores sociais, pois as áreas que esses projetos estão inseridos possuem diversas realidades diferentes, por isso, quanto mais atores envolvidos, mais flexível e rápido o projeto é realizado, além de possuir mais identidade com o local.

Por isso, com o intuito de construir maior confiança, em cada “Zona de Ação” é escolhido um representante da comunidade e um representante do governo, para

facilitar o cumprimento dos acordos durante o processo de implantação dos projetos. Essa fase, é marcada pelo projeto do processo de colaboração, e é tão importante para ocorrer as transformações desejadas, quanto as próprias obras.

A base do sucesso dos meios de colaboração entre comunidades e o governo, entre as equipes técnicas e os líderes locais está na habilidade para se construir espaços fundamentados no respeito e em uma linguagem comum. Em uma realidade repleta de preconceitos de ambos os lados é imprescindível que todos compreendam da mesma forma o significado das palavras, sendo esse o primeiro passo para se realizar um processo transparente. Afinal, comunicação e confiança compõem a base de qualquer processo de colaboração. (ECHEVERRI, [201-], p.10).

5.2.3. A percepção dos usuários e participantes do projeto

É certo afirmar que o Urbanismo Social foi um instrumento para a realização de diversos projetos com a finalidade de aumentar a justiça social e melhorar a qualidade de vida dos habitantes daquela região. Contudo, foi necessário buscar através de questionário online, entrevista presencial e entrevista obtida por mídias digitais, a percepção de usuários e responsáveis envolvidos nos projetos, para saber como e se de fato, os moradores das comunas foram impactados positivamente por estas intervenções. Tais pesquisas serão apresentadas no presente capítulo e nos Apêndices A e B.

- Questionário “Online”

O questionário foi realizado “online”, constando 15 perguntas de múltiplas escolhas e algumas abertas, tendo obtido três respostas oriundas de três diferentes comunas.¹⁶ Considerando que o foco desse instrumento de pesquisa visa atingir os moradores da cidade de Medellín, o mesmo foi escrito em espanhol. O roteiro do questionário pode ser visto no Apêndice A.

Observou-se que o questionário foi respondido por moradores das comunas: La Candelaria, Laureles-Estadio e Aranjuez, respectivamente dos bairros: Villanueva, Laureles e Palermo, todas localizadas na zona urbana de Medellín.

¹⁶ O questionário foi disponibilizado no período entre 23 de outubro a 10 de novembro de 2019, através de um link divulgado pelo <https://www.surveio.com/survey/d/F3J2C3W5O2L7A9H8G>.

Desses, apenas o morador do bairro Villanueva respondeu que em sua comuna, todos os bairros haviam sido contemplados de alguma forma com novos equipamentos urbanos, sendo eles, museus e/ou galerias, unidades educativas, parques e praças e ruas para pedestres; os outros dois moradores responderam que em alguns bairros de suas comunas foram implantados apenas parques e praças.

Antes da implantação desses equipamentos, 66,7% (correspondendo aos moradores de Villanueva e Palermo) afirmaram que houve algum tipo de consulta a população do bairro e apenas 33% (corresponde ao morador de Laureles) afirmou que não houve. Em Villanueva, as consultas ocorreram em assembleias nos bairros, debates públicos e através da socialização de projetos. Em Palermo, a consulta se deu apenas através de assembleias nos bairros.

Quando perguntados se consideravam que as propostas e reivindicações da população foram atendidas, 66,7% (moradores de Laureles e Palermo) afirmaram que sim, e 33, 3% (morador de Villanueva) afirmaram que em parte, justificando que “É mais importante para o atual governo concluir as obras antes do final de seu período de governo do que concluí-las bem”. Aqui já pode ser observada uma crítica à qualidade das obras implantadas em Villanueva.

Também com os dados coletados, foi possível evidenciar que todos aqueles que responderam ao questionário, apesar de expressarem algumas críticas, consideram que a cidade sofreu uma mudança para melhor, e que hoje isso contribui para aumentar seu sentimento de orgulho pelo local onde moram.

Quando pedidos para avaliarem (através da pontuação proposta entre 1 e 5) as transformações que ocorreram em Medellín, o morador de Villanueva as classificaram com nota 4, enquanto os moradores de Laureles e Palermo as classificaram com nota 5. A média dessas três respostas foram 4.7.

Os aspectos mais importantes desta transformação, de acordo com as respostas obtidas, são: a cultura cidadã, a cidade, e poder transformar a cidade no que a população deseja; todos responderam que essas transformações sentidas pela cidade, contribuem para melhorar a qualidade de vida dos moradores, atendendo as necessidades básicas e não básicas.

Sobre as lições que o Urbanismo Social trouxe às suas vidas, apenas dois moradores (os de La Candelaria e Aranjuez) responderam: “Que o oposto da insegurança não é segurança, mas coexistência” e “qualidade de vida”,

respectivamente. As respostas ao questionário podem ser vistas em resumo, no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Resultados do questionário.

Perguntas ¹⁷	Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3
1	Comuna	Comuna	Comuna
2	La Candelaria	Laureles-Estadio	Aranjuez
3	Villanueva	Laureles	Palermo
4	Sim, todos receberam	Não todos, só alguns bairros receberam	Não todos, só alguns bairros receberam
5	Museus e galerias, unidades educativas, parques e praças, ruas para pedestres	Parques e praças	Parques e praças
6	Sim	Não	Sim
7	Debates públicos, assembleias de bairros, socialização de projetos	-	Assembleias de bairros
8	Em parte. Justificativa: É mais importante para o atual governo concluir as obras antes do final de seu período de governo do que as concluir bem.	Sim	Sim
9	Sim	Sim	Sim
10	Cultura cidadã	A sociedade	Poder transformar a cidade no que a população deseja
11	4	5	5
12	Melhorar a qualidade de vida dos residentes (necessidades básicas e não básicas atendidas)	Melhorar a qualidade de vida dos residentes (necessidades básicas e não básicas atendidas)	Melhorar a qualidade de vida dos residentes (necessidades básicas e não básicas atendidas).
13	Que o oposto da insegurança não é segurança, mas coexistência	-	Qualidade de vida
14	Sim	Sim	Sim
15	Sim	Sim	Sim

Fonte: Autora, 2019

A partir da análise das respostas do questionário “online”, foi possível concluir que os diversos projetos realizados em Medellín, que contribuíram para mudar a cidade, de fato melhoraram a realidade de seus moradores. Apesar de possivelmente, alguns dos projetos ao serem finalizados, não apresentarem o esperado, mesmo assim, aumentaram a qualidade de vida e influenciaram no sentimento de orgulho pelo local de moradia.

¹⁷ O roteiro das perguntas está no Apêndice A.

- Entrevista com Carlos Rodriguez:

No dia 17 de setembro de 2019 foi realizada pela autora, uma entrevista com o arquiteto e urbanista Carlos Rodriguez, participante nos projetos do Urbanismo Social em Medellín. Abaixo, seguem as perguntas feitas pela autora e as respostas dadas pelo entrevistado (transcrito para português, em livre tradução pela autora, a partir de gravações consentidas pelo arquiteto). Pequenos trechos inaudíveis, foram identificados por reticências no trecho traduzido e reproduzido a seguir. (Ver Apêndice B)

Pergunta 1: A área urbana de Medellín é dividida em 16 comunas que se subdividem em 275 bairros oficiais e 20 áreas institucionais. Qual espaço geográfico foi utilizado como referência para as ações do urbanismo social? Comunas? Bairros?

Resposta: *Essa divisão é uma divisão fundamentalmente político-administrativa. É uma divisão por zonas. São 6 zonas. Depois por comunas. E depois por bairros. Essa divisão refere-se a um conjunto de unidades político-administrativas que tem alguma relação em termos de indicadores de gestão dos bairros... de gestão municipal. Como se relacionam ao município em termos de investimentos, em termos populacionais... De alguma maneira, são mecanismos para se chegar a indicadores no desenvolvimento da cidade. Eu creio que seja muito mais interessante falar de bairros. Bairros, porque são os que têm realmente uma identidade comunitária. As comunas não têm identidade comunitária. São apenas uma política administrativa de subdivisão que junta “peras com maçãs”. Os bairros são consolidações e fundações que tem um caráter, uma identidade, e que tem realmente uma noção de comunidade muito mais clara e muito mais estreita.*

Comentário: No capítulo cinco do presente trabalho fica evidente as diferenças de cada bairro, desde os dados socioeconômicos, até os investimentos sofridos em cada um deles.

Perguntas 2 e 3: Todas as 16 comunas foram de algum modo contempladas com intervenção? Todos os bairros das comunas selecionadas foram contemplados?

Resposta: *Não, há bairros mais complexos que outros. Há bairros que ficam na zona de encosta, enquanto há bairros que ficam na zona plana.*

[Dando um exemplo da Comuna 13] *Aqui está: San Javier. Esta é a Comuna 13. Mas o problema é que esta divisão define uma área da Comuna 13 com características*

diferentes desta zona da Comuna 13. São completamente diferentes. As características são diferentes. A população é diferente. Esta é uma zona mais precária e esta é uma zona mais formal, embora haja alguns pequenos desenvolvimentos informais aqui. Por isso é muito importante avaliá-los a partir dos bairros, e não a partir das comunas. Porque as comunas... a intervenção dos teleféricos se deu nas Comunas 1 e 2. Por isso é muito melhor e mais claro referenciar os bairros que as comunas.

Comentário: Tanto pelos dados obtidos durante a pesquisa, como pelo questionário “online”, é possível evidenciar que nem todos os bairros de todas as comunas foram contemplados da mesma forma.

Pergunta 4: Qual o critério de escolha das comunas e dos bairros a serem objeto de intervenção?

Resposta: *Os que existem são fundamentalmente indicadores de moradia e de índice de qualidade de vida. Quando se vê o índice de qualidade de vida na cidade, a primeira zona na qual trabalhamos foi a Zona Nororiental. Era a que tinha mais questões.*

Comentário: Ao responder essa pergunta, o entrevistado foi mostrando a ordem de intervenção por um mapa, e que coincidem com os dados oficiais coletados.

Pergunta 5: Qual o critério para a escolha do tipo de intervenção a ser feito em cada bairro ou comuna selecionado? Foi feita uma consulta aos futuros beneficiários?

Resposta: *O que se faz primeiro é localizar os bairros onde se vai trabalhar. Depois se faz o plano mestre, que é como o que viste lá. Este plano mestre possui várias etapas. Uma: reconhecimento territorial, desenvolvimento do plano mestre, desenvolvimento de projetos, e recursão de projetos. Especializado por temas econômicos, de saúde, de educação, de segurança.*

Pergunta 6: Quais foram os mecanismos de consulta à população para a definição das comunas/bairros a serem beneficiados com intervenção?

Resposta: *Foram realizados debates, carros passando nas ruas chamando para assembleias, panfletos.*

Comentário: Cabe lembrar que os entrevistados deram diferentes respostas a respeito dos mecanismos de consulta empregados em cada bairro.

Pergunta 7: Quais foram (caso tenham existido) os principais problemas enfrentados antes/durante/depois da implantação?

Resposta: *O primeiro problema se encontra praticamente no diagnóstico que define os problemas que existem com relação à moradia e à saúde. O segundo: os problemas de segurança. O terceiro: a fragmentação que existe entre os projetos de crescimento da cidade. E quase que alguns desses bairros se convertem em um fragmento. Então, há problemas de conectividade.*

Pergunta 8: Qual a contribuição efetiva que a comunidade beneficiária trouxe ao longo do processo de concepção e implantação do projeto?

Resposta: *[a pergunta foi entendida de forma confusa pelo entrevistado, mas este afirmou que a comunidade contribuiu cuidando e posteriormente, trabalhando nos equipamentos.] No momento em que a população se sente pertencente, dona destes investimentos, ela contribui cuidando. Na etapa de recursão, há cursos de formação para o trabalho.*

Comentário: A resposta do questionário “online” confirma a fala do arquiteto, afirmando que hoje a população se sente orgulhosa, e como consequência desse orgulho, surge o cuidado pela conservação do equipamento urbano.

Pergunta 9: Você considera que Medellín sofreu uma transformação? Se sim, qual o aspecto mais importante dessa transformação? Se não, por quê?

Resposta: *Sim, três. Evidenciar territórios, ou seja, articulá-los à vida formal da cidade... da dinâmica da cidade. Dois: reconstruir os direitos dos cidadãos. Três: contribuir com a segurança e com a igualdade territorial. Quando você tem problemas em uma cidade. Olha, vamos admitir que isso é um problema absolutamente político. Em todos os bairros, em todos os locais latino-americanos, há problemas nos bairros. E daí é de onde vêm os grandes problemas de vivência. Mas os prefeitos e os dirigentes se fazem de cegos frente a isto. E aí está. Não vão a trabalhar nos bairros. Não os interessa. Pois quando tu trabalhas é porque queres fazer dele teu território. É que esse território foi construído de maneira fragmentada e com uma dívida social infinita. São pessoas que vem deslocadas por processos de violência. São pessoas que vem a uma cidade e se põem em solos ilegais e informais. São pessoas que chegam... que simplesmente durante anos podem utilizar serviços públicos, podem*

ter cobertura de saúde, mas a dívida social segue. Então, se tu não atacas este problema, ali é onde vai estar o foco de violência. Como tivemos na década de 60. Não há oportunidades. Então, não creias que a guerra se vive no bairro. Se vive nesta cidade. Vens, roubas e retornas. Então, de onde operar a cidade? É de onde estão os problemas.

Comentário: Com o depoimento de Carlos Rodriguez e pela pesquisa feita para o Capítulo 5 do presente trabalho, é possível dizer que a transformação que a cidade de Medellín sofreu é fruto de uma série de ações que tem como resultado a reconstituição da cidade como unidade, e na transformação de uma sociedade mais igualitária. Evidenciar os problemas do território é o primeiro passo para solucioná-los, a entrevista com Jorge Melguizo (item 5.2.3.3) deixa claro como foram essas etapas para alcançar a transformação que se tem hoje, desde o processo de construção dos equipamentos até a relação com a população.

- Entrevista com Jorge Melguizo:

A entrevista feita por Mindêlo (2019) com Jorge Melguizo, ex-secretário de Cultura e Desenvolvimento Social de Medellín, em dezembro de 2018, sobre Medellín e suas mudanças está reproduzida a seguir:

CONTINENTE Você costuma dizer que o oposto da violência é a convivência. Por quê?

JORGE MELGUIZO Nessa frase, se encerram duas coisas: primeiro, a necessidade de compreender que as condições de segurança não se dão somente ativando medidas puras e duras, como infraestrutura policial, formação de polícias e vigilância. Isso precisa ser feito, sim, mas não é suficiente. Se chego a uma cidade e vejo muita polícia, não me sinto seguro, ao contrário, digo comigo: “Como deve ser insegura essa cidade que necessita de tanta polícia”. O segundo ponto é o que sempre afirmamos em Medellín: temos que construir a convivência mais do que a segurança. A convivência como essa forma radical de entendermos o outro, apreciarmos o outro e aprendermos a viver com o outro, condição fundamental para termos uma cidade mais segura. E a convivência se constrói com projetos sociais, educativos e culturais. Por isso, o trabalho que temos feito em Medellín, durante anos, tem esse foco como estratégia de construção da convivência.

CONTINENTE Por que a cultura é transformadora?

JORGE MELGUIZO Porque nos permite apreciar a própria vida e aprender a viver com o outro. Para mim, a definição básica de cultura é esta: apreciar a vida e ver que o seu valor é fundamental, aprendendo a viver com o outro e a pensar nele, a não ser indiferente.

A cultura é um antídoto contra a indiferença. E a cultura é muito mais do que belas artes, é o que nos transforma em pessoas dentro de uma sociedade comum.

CONTINENTE Você pegou o início da transformação de Medellín, no começo dos anos 1990?

JORGE MELGUIZO Sim. Nesse período, estava trabalhando com ONGs. Em uma ONG para o desenvolvimento humano e a democracia e, ao longo de 17 anos, numa organização não governamental de prevenção ao consumo de drogas. A primeira se chamava Corporación de la Región, a segunda, Surgir. E, estando nas duas, desenhei um programa para a televisão regional sobre os jovens de Medellín. Eram duas horas e meia direto e o que fazíamos era trabalhar com grupos de jovens e meninos de toda a cidade, especialmente nos bairros mais conflituosos. O programa segue aí, 27 anos depois. Eu já não o faço, mas digamos que seja parte de mim.

CONTINENTE E como foi o trabalho estratégico envolvendo a cultura, especificamente, durante a prefeitura de Fajardo?

JORGE MELGUIZO Existe algo fundamental. A prefeitura e seu grupo de trabalho elegeram a educação pela cultura como algo de maior relevância, com os maiores orçamentos. Para a Secretaria de Cultura, o orçamento previsto era ser 6% e nós chegamos a 5% do orçamento municipal, cerca de 60 milhões de dólares, aproximadamente, por ano, para uma cidade de 2 milhões e meio de habitantes. Isso é simbólico, porque Medellín tinha mais orçamento para a cultura do que o governo nacional para todo o país.

CONTINENTE E como se deu essa mágica?

JORGE MELGUIZO Nesse tempo, trabalhávamos juntos com a ministra de Cultura em projetos para Medellín. Mas creio que foi algo importante, no início dos 1990, em meio à pior fase de violência da cidade, sermos, na sociedade civil, capazes de reagir e agir de maneira organizada, e a juntar quem nunca se juntava. Pensávamos juntos, propúnhamos juntos e buscávamos saídas juntos. Então, isso foi chave. Empresários, organizações comunitárias, coletivos de bairro, fizemos um plano para Medellín até 2015, a fim de trabalharmos especialmente com a juventude. Então, quando ganhamos a prefeitura, em 2004, os 15 anos anteriores haviam sido um processo, essa possibilidade de pensarmos juntos a cidade.

CONTINENTE Então, vocês colocaram em prática o que haviam pensado nesse tempo?

JORGE MELGUIZO Não. No início dos anos 1990, quando começamos a pensar juntos, pusemos em acordo duas ou três chaves para o plano estratégico de Medellín: era preciso intervir nos bairros de maior pobreza e teríamos que fazê-lo de maneira integral; tínhamos que gerar muitíssimos espaços para a infância e a juventude; e tínhamos que gerar projetos de grande valor simbólico e alta qualidade. Quando ganhamos o governo, 12 anos depois, parte dos projetos tinha essas quatro características. Nos parques-bibliotecas, nos colégios públicos de qualidade, nas unidades desportivas, no sistema de transporte, na intervenção das escadas rolantes nos

bairros, nas unidades de vida articulada. Tudo isso foram intervenções de um alto simbolismo.

CONTINENTE Como foi esse processo de construção?

JORGE MELGUIZO Nos governos municipais, estaduais ou nacionais, o mais difícil é os gabinetes e as equipes trabalharem de maneira articulada. Nós nos pusemos de acordo com critérios populacionais e territoriais, não com setoriais. O mais importante era o menino, o jovem, a luta maior, e o território, o bairro, a comuna. Não a “cultura”, o “esporte”, em si, mas como trabalhar a cultura, o esporte e as obras públicas nesse território e com essa população. Após oito anos, a chave era a sustentação, a sustentabilidade de todas as ações, que teriam que depender da apropriação pela comunidade do que a gente havia estudado e desenvolvido no governo.

CONTINENTE Qual a importância de se construírem prédios como os parques-bibliotecas?

JORGE MELGUIZO Por três razões. Uma pelo acesso das populações mais pobres ao melhor da cultura. Dois, pela formação e criação cultural, esses são lugares para impulsionar a criação a desenvolver projetos. Três, porque é um lugar para os serviços culturais, para que a cultura seja direito e não privilégio.

CONTINENTE A arquitetura foi discutida com a população?

JORGE MELGUIZO A arquitetura é chave, porque simbólica. O que quisemos fazer? Os melhores edifícios nos bairros mais pobres. O edifício mais importante nos bairros era o templo religioso e não pode ser. A religião é um assunto privado e converter o público no principal símbolo do bairro, em um dos principais motivos de orgulho, é uma das chaves da transformação.

CONTINENTE E a relação com a população?

JORGE MELGUIZO Primeiro, desenhamos vários espaços de participação para a comunidade, mas reconhecendo todos os espaços que a comunidade tinha e não eram reconhecidos antes pela prefeitura. Então, nossa missão era desenhar novos espaços e momentos de participação, mas reconhecer e valorizar os que já existiam, como grupos juvenis, organizações eclesiais de bairro, grupos de terceira idade nos territórios e agrupamentos infantis que nunca haviam existido para a prefeitura. Meninos que pensavam seu território, mulheres que faziam defesa de seu bairro, organizações, inclusive, que estavam contra o estado e jamais eram escutadas, porque eram contra. Ninguém simplesmente pensava em dialogar com elas, e dizíamos que tínhamos que conhecer, valorizar e potencializar o que já era feito sem o estado, apesar do estado ou mesmo contra ele. Por exemplo, dizia-se que os jovens não participam, então fizemos uma convocatória de grupos de rock e se apresentaram 280 bandas, com média de cinco a seis integrantes por banda. Eram 1.500 jovens compondo letras, participando, fazendo oficinas. Então dissemos: “Isso é uma potência”. E tinha os jovens do skate. Ninguém os escutava. Assim, as primeiras pistas de skates fizemos na prefeitura, escutando esses jovens. Hoje o skate é uma das glórias de Medellín, porque há umas 20 pistas de alta qualidade.

CONTINENTE Como a população de Medellín lida com a imagem de Pablo Escobar hoje?

JORGE MELGUIZO Pablo Escobar havia desaparecido do imaginário de Medellín, da Colômbia. O seu túmulo, visitavam quatro turistas que vinham de Israel e feirantes que trabalhavam lá. Não era um personagem recordado. A série de televisão o colocou outra vez em moda. Hoje, encontramos nas ruas camisetas dele que não encontrávamos antes. Pode ser simplista, mas poderia dizer que ele existe mais para os mochileiros de países desenvolvidos do que para os jovens de Medellín. Também digo que não gosto da série Narcos, mas gosto muito da série Pablo Escobar, o senhor do tráfico. Aí a história dele foi muito bem-contada e em canal aberto. Acho a memória necessária e preciso dela, mas não necessito de espetáculo.

A entrevista de Melguizo corrobora e complementa todas as sete ideias que fundamentam o Urbanismo Social colocadas por Echeverri ([201-]) no capítulo anterior (5.2.2), deixando em evidência a importância dos equipamentos implantados na cidade de Medellín.

6. CONCLUSÃO

Essa pesquisa teve como principal objetivo analisar até que ponto o urbanismo pode contribuir para o desenvolvimento sócio-espacial de uma comunidade ou uma cidade. Para isso foi definido como questão norteadora: em que medida, o Urbanismo Social pode contribuir para o desenvolvimento sócio-espacial de uma comunidade ou cidade? A hipótese adotada é que o Urbanismo Social pode sim contribuir para o desenvolvimento sócio-espacial de uma comunidade ou cidade na medida em que transformações físicas e sociais em conjunto promovam a integração socio-territorial e resgatem a autoestima dos moradores das áreas objeto de intervenção. Foi escolhido como objeto empírico para verificação dessa hipótese, o Urbanismo Social implantado na cidade de Medellín/Colômbia.

Como método de abordagem, foi utilizado o método hipotético dedutivo de Bunge (1980), e como método de procedimento o estudo de caso, em forma de uma análise exploratória. Como técnicas de pesquisa, foram utilizados pesquisa bibliográfica, trabalhos acadêmicos, sites jornalísticos, questionário “online” para a população de Medellín, entrevista presencial com o arquiteto envolvido nos projetos para a cidade, e entrevista obtida por mídia digital com o ex-secretário de cultura e desenvolvimento social de Medellín.

Como apoio teórico, buscou-se os conceitos de urbanismo por Choay (2003), Urbanismo Social por Echeverri ([201-]), e desenvolvimento sócio-espacial por Souza (2002).

A partir dessa metodologia, pode-se concluir que a Colômbia é marcada em sua história por um longo processo de violência e disputas por terra, que fizeram com que a população nos centros urbanos crescesse consideravelmente mais do que na parte rural do país. Devido ao êxodo rural, o centro urbano que mais sofreu com esse inchaço populacional foi a cidade de Medellín, que sem o crescimento econômico e industrial necessário para dar suporte a esse crescimento, gerou diversos problemas sociais e espaciais, entre eles, insuficiência de empregos, falta de habitações de qualidade, fragmentação socioespacial do território e o surgimento de áreas periféricas.

Esses sérios problemas e crises que a cidade enfrentou, deixaram claro a urgência para se pensar em soluções para esses núcleos urbanos, de maneira que fosse garantia a todos, um espaço dotado de infraestrutura, educação, cultura e lazer

com segurança. Diante dessa necessidade, o urbanismo, que desde a sua origem, surge em diferentes épocas com novos modelos de cidades e de ordenamento territorial, agora surge como uma ferramenta para unificar uma cidade fragmentada, alcançando os locais mais excluídos, tornando-os atrativos e menos violentos. E é nesse contexto, que em 2004 surge o Urbanismo Social (termo pela primeira vez empregado).

A partir desse ano, foi possível observar verdadeiras mudanças e renovações para melhorar o contexto urbano de Medellín, e foi através de programas sociais aliados à construção de projetos urbanos e de arquitetura com qualidade, que se alcançou esse desenvolvimento socioespacial. Visando essa confluência, foi possível evidenciar zonas estratégicas, essas, com possibilidade real de integração com a cidade e sociedade, que poderiam através das intervenções ocorridas ali, trazer uma sequência encadeada de respostas positivas para a comunidade. Algumas das intervenções implantadas foi a requalificação de antigos parques degradados, novas áreas públicas de convívio, novos parques, bibliotecas, escolas, unidades de esporte, bem como novos meios de mobilidade, todos evidenciados na pesquisa.

Como abordado ao longo dos capítulos, essas ferramentas tornaram visíveis áreas que antes eram excluídas, tornando a cidade mais transparente e conectada. Através do Urbanismo Social foi possível valorizar a cidade, e pelas análises de entrevistas e questionários realizados, notou-se que de fato houve melhoria na qualidade de vida dos moradores, bem como o sentimento de orgulho pela área objeto de estudo. O que comprova a hipótese adotada no trabalho de que desenvolvimento sócio-espacial através do urbanismo é possível, na medida em que melhoria da qualidade de vida e justiça social, como entendidos por Souza (2002), se complementem, e que transformações físicas e sociais em conjunto promovam a integração sócio territorial e resgatem a autoestima dos moradores das áreas objeto de intervenção. Foi o que ocorreu em Medellín.

REFERÊNCIAS

- AGENCIA DE COOPERACIÓN E INVERSIÓN DE MEDELLÍN (ACI). **Los sueños cumplidos de una Medellín en metamorfosis**. Mar, 2018. Disponível em: <https://www.acimedellin.org/los-suenos-cumplidos-de-una-medellin-en-metamorfosis/>. Acessado em: 06 nov. 2019.
- ALCALDÍA de Medellín. Laboratorio Medellín: **Catálogo de diez practicas vivas**. 1. ed. Medellín: Mesa editores, 2011. 224 p. ISBN 978- 958-8493-62-6
 _____. **Proyectos estratégicos 2004-2007**. [201-].
 _____. Cifras y Estadísticas por comuna e corregimiento, 2019.
- ANTONUCCI, Denise; BUENO, Lucas. **A construção do espaço público em Medellín. Quinze anos de experiência em políticas, planos e projetos integrados** Arqtextos, São Paulo, ano 19, n. 218.00, Vitruvius, Jul. 2018. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/19.218/7022>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BBC, Brasil. **Favela de Medellín ganha escada rolante de 384 metros**. Estadão, dez. 2011. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,favela-de-medellin-ganha-escada-rolante-de-384-metros,815708>. Acesos em: 02 nov. 2019.
- BENEVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUNGE, Mario. **Epistemologia: curso de atualização**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- CAPILLÉ, Cauê. **Arquitetura como dispositivo político**. Revista Prumo (on line), [S.l.], v. 2, n. 3, july 2017. ISSN 2446-7340. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/325>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- COLOMBIA. [Constituição (1991)]. **CONSTITUCIÓN POLÍTICA DE COLOMBIA 199**. 2019. ed. atual. [S. l.]: Corte Constitucional Consejo Superior de la Judicatura, Centro de Documentación Judicial -CENDOJ, Biblioteca Enrique Low Murtra- BELM, 2016. P.170. Disponível em: <http://www.corteconstitucional.gov.co/inicio/Constitucion%20politica%20de%20Colombia.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.
- COMMUNES OF MEDELLÍN. In: *Wikipedia, the free encyclopedia*. 2014. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Communes_of_Medellín. Acesso em: 24/10/2019.
- COMUNAS DE MEDELLÍN. Gifex, Mapas do Mundo. [2011]. Disponível em: https://www.gifex.com/detail/2011-08-16-14284/Comunas_de_Medellin.html. Acesso em: 24 out. 2019.

CROMWELL, Adriana Carla Souza. **Os Loteamentos urbanos de acesso controlado e seus impactos no uso de espaços públicos segregados, no município de Manaus.** Universidade do Estado do Amazona. Manaus, 2018.

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO DE PLANEJAMENTO DE MEDELLÍN. **Pobreza y condiciones de vida de los habitantes de Medellín.** Observatório de Políticas Públicas de Medellín. Medellín, 2012.

DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

ECHEVERRI, Alejandro. **Explora Park Museu Interativo de Ciência e Tecnologia.** Vitruvius, fev 2008. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.134/4263>. Acesso em: 05 nov.2019.

_____. **Medellin reescreve seus bairros – Urbanismo social 2004-2011.** Universidade EAFIT, Medellín, Colômbia. Revista online do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica -Puc-Rio, Rio de Janeiro Brasil, Ano III – N° III. [201-].

FERRÁRIO, Lorena. **A incrível capacidade de se reinventar.** Revista Conexão. Set, 2019.

GARCIA, Cecília. **Cidade como ferramenta de equidade: 4 estratégias de Medellín para combater a violência.** ArchDaily Brasil, Abr 2019. 2019. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/914352/cidade-como-ferramenta-de-equidade-4-estrategias-de-medellin-para-combater-a-violencia>. Acesso em: 05 nov. 2019.

HADDAD, Fernando; LEITE, Carlos; ACOSTA, Claudia; SUTTI, Weber. **Urbanismo social em São Paulo. Política pública fundiária e instrumentos indutores desenvolvidos no período 2013-2016** (gestão Haddad). Arquitectos, São Paulo, ano 19, n. 219.06, Vitruvius, Ago. 2018. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/19.219/7103>. Acesso em: 24 mar. 2019.

HOLANDA, de Marina. **Clássicos da Arquitetura: Marina City / Bertrand Goldberg.** Archdaily, Out. 2012. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-77828/classicos-da-arquitetura-marina-city-bertrand-goldberg>. Acesso em 24 set. 2019.

JARAMILLO, Jorge Pérez. **Metamorfosis de Medellín: vida y ciudad.** In Medellín vida y ciudad. Hong Kong: IF Cultura S.A de C.V, Mesa Editores, Editorial RM S.A de C.V, RM Verlag S.L, 2014. Pg 7-13.

JÁUREGUI, Jorge Mario. **Urbanismo Social.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Revista Desafios do Desenvolvimento. 2010. Ano 7. Edição 63 - 19/11/2010

JESUS, Lígia Pinheiro de. **Projeto de intervenções urbanas como articulador de políticas públicas**. In: Eixos de Estruturação da Transformação Urbana. Inovação e Avaliação em São Paulo. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. P. 285-308.

LUCCHESI, M. C. (2012). **O planejamento urbano de Londres (1943 – 1947)**. Risco Revista De Pesquisa Em Arquitetura E Urbanismo (Online), (15), 67-81. Edição n. 15. 2012.

MADRIÑÁN, María Elvira. **Centro cultural de Moravia**. Revista Terracota N° 30. Jan, 2008. Disponível em: <http://obra.fundacionrogeliosalmona.org/obra/proyecto/centro-de-desarrollo-cultural-moravia/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MEDELLÍN VIDA Y CIUDAD. Hong Kong: IF Cultura S.A de C.V, Mesa Editores, Editorial RM S.A de C.V, RM Verlag S.L, 2014.

MINDÉLO, Olivia. **A cultura é um antídoto contra a indiferença**. In: Revista Continente (online). Dez. 2018. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/216/ra-cultura-e-um-antidoto-contra-a-indiferencar>. Acesso em: 02 nov. 2019.

MONFRÉ, Maria Alzira Marzagão. **Elementos de Urbanização: Quintalões da Brasital e os Modelos de Composição Urbana**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2009.

MONTEIRO, Felipe Ferreira e OJIMA, Ricardo. **A transição urbana latina e a dimensão das cidades**. Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población. Lima-Perú, de 12 a 15 de agosto de 2014.

PARQUE EXPLORA, 2019. Disponível em: <https://www.parqueexplora.org/>. Acesso em: 04 nov.2019.

PIRES, Aparecida Cristina Ferreira da Silva. **Êxodo Rural e Violência Urbana na Colômbia**. Universidade de São Paulo. 200-?.

PRESSE, France. **Acordo de paz com as Farc completa um ano com redução drástica das mortes; veja como está a situação na Colômbia**: Desmobilização da guerrilha foi assinada em 24 de novembro de 2016, após 53 anos de conflito. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/acordo-de-paz-com-as-farc-completa-um-ano-com-reducao-drastica-das-mortes-veja-como-esta-a-situacao-na-colombia.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2019.

RODRIGUEZ, Carlos Mário. **Medellín: 20 años de transformación social. Retos y caminos**. In PALESTRA CONEXÃO RECIFE-MEDELLÍN, 1., 2010, Recife. Recife, 2019.

ROVATTI, João F. **Urbanismo versus planejamento urbano?** Estudos urbanos e regionais. V. 15. N°1. Mai 2012.

SALVI, Luís A. W. **Comunicidades - a nova face da utopia**. BlogSpot, ago. 2015. Disponível em: <http://projeto-exodus.blogspot.com/2015/08/comunicidades-nova-face-da-utopia.html>. Acesso em 24 set. 2019.

SANTOS, José Lázaro de Carvalho. **Reflexões por um conceito contemporâneo de urbanismo**. Universidade do Estado da Bahia. Bahia, [200-?].

SILVA, Edson Jacinto da. **Loteamento Urbano**. Leme: Mizuno, 2014.

SILVA, José Afonso da. **Direito Urbanístico Brasileiro**. São Paulo: Malheiros Editores, 2006.

SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. **Town Planning Conference, Londres, 1910 Intercâmbios internacionais nos primórdios do urbanismo moderno e seus reflexos no Brasil**. Vitruvius, Jul 2014. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.170/5272>. Acesso em: 14 set. 2019.

SISTEMA INTEGRADO DE TRANSPORTE DO VALLE DO ABURRÁ (SITVA). Colômbia. Medellín, 2019. Disponível em: <https://www.metropol.gov.co/movilidad/Paginas/transporte-publico/sitva.aspx>. Acesso em: 02 nov. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE URBANISMO. **O Urbanismo**. Sociedade Brasileira de Urbanismo. Disponível em: <https://sburbanismo.wordpress.com/apresentacao/>. Acesso em: 10 set. 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e a gestão urbanas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____ **Em torno de um hífen**. Revista Formação (on line), n. 15 volume I (2008), p. 159-161.

TERRA. **Lixão símbolo da marginalidade de Medellín vira um jardim**. Abr 2014. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/ciencia/lixao-simbolo-da-marginalidade-de-medellin-vira-um-jardim,d9e363f194165410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>. Acessado em: 05 nov. 2019.

TRÁVEZ, Hernán Orbea. **Sergio Fajardo: A qualidade da educação começa pela dignidade dos espaços**. ArchDaily Brasil, set 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/880177/sergio-fajardo-a-qualidade-da-educacao-comeca-pela-dignidade-dos-espacos>. Acesso em: 06 nov. 2019.

TRENTINNI, Sergio. **Prêmio mundial reconhece a transformação da Cidade de Medellín no caminho da sustentabilidade**. The City Fix Brasil, São Paulo, Abril. 2016. Disponível em: <https://www.thecityfixbrasil.org/2016/04/06/premio-mundial-reconhece-a-transformacao-da-cidade-de-medellin-no-caminho-da-sustentabilidade/>. Acesso em: 03 nov. 2019.

VALENCIA, Nicolás. **Como Medellín transformou seus reservatórios de água em verdadeiros parques públicos.** ArchDaily Brasil, Jul 2016. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/791843/como-medellin-transformou-seus-reservatorios-de-agua-em-verdadeiros-parques-publicos>. Acesso em: 06 nov 2019.

WORLD URBANIZATION PROSPECTS 2018. © 2018 United Nations. Disponível em: <https://population.un.org/wup/Maps/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

**Apêndice A- Roteiro do questionário online para a população residente em
Medellín**

1. Se você é morador de Medellín, você mora em **comuna** (zona urbana) ou **corregimiento** (zona rural)?
 Comuna
 Corregimiento

2. Se você mora na zona urbana, em qual comuna você mora? (assinalar uma das opções)

<input type="checkbox"/> 1. Popular	<input type="checkbox"/> 6. Doce de octubre	<input type="checkbox"/> 11. Laureles-Estadio
<input type="checkbox"/> 2. Santa Cruz	<input type="checkbox"/> 7. Robledo	<input type="checkbox"/> 12. La América
<input type="checkbox"/> 3. Manrique	<input type="checkbox"/> 8. Villa Hermosa	<input type="checkbox"/> 13. San Javier
<input type="checkbox"/> 4. Aranjuez	<input type="checkbox"/> 9. Buenos Aires	<input type="checkbox"/> 14. El Poblado
<input type="checkbox"/> 5. Castilla	<input type="checkbox"/> 10. La Candelaria	<input type="checkbox"/> 15. Guayabal
		<input type="checkbox"/> 16. Belén

3. Dentro dessa comuna, em qual bairro você mora? (opção para escrever)

4. Todos os bairros da sua comuna receberam equipamento urbano com esse novo urbanismo social?
 sim, todos receberam
 apenas um bairro recebeu
 não todos, mas alguns bairros receberam
 nenhum bairro da minha comuna recebeu

5. Qual equipamento urbano seu bairro recebeu com esse novo urbanismo social? (múltipla escolha)
 Biblioteca
 Escada rolante
 Museus e galerias
 Escolas
 Moradias
 Metrocable
 Parques
 Outros
Se também escolheu "Outros", diga quais.

6. Antes da implantação dessas intervenções, houve no seu bairro/comuna algum tipo de consulta à população? (assinale uma das respostas)
 Sim
 Não

7. Se houve algum tipo de consulta, quais práticas participativas foram empregadas?

- oficinas realizadas nos bairros para que os moradores registrassem suas propostas/reivindicações
- consultas aos moradores pela internet
- debates públicos
- assembleias de bairros
- pactos cidadãos
- outros

Se também escolheu “Outros”, diga quais.

8. Você considera que as propostas/reivindicações dos moradores foram atendidas?
 - Sim
 - Não
 - Em parte. Justifique sua resposta.
9. Você considera que Medellín sofreu uma transformação para melhor?
 - sim
 - não
10. Qual o aspecto mais importante dessa transformação?
11. Qual a sua nota de 0 a 5, para as transformações ocorridas em Medellín?
Considere 1 (péssimas) 2 (ruins) 3 (regulares) 4 (boas) 5 (excelentes)
12. Você acha que a transformação pela qual passou a cidade de Medellín contribuiu para:
 - melhorar a **qualidade de vida dos moradores** (necessidades básicas e não básicas atendidas)
 - aumentar a **justiça social** na cidade (igualdade de oportunidade para todos)
 - nenhuma das opções
 - ambas as opções
13. Qual lição essas transformações trouxeram para sua vida? (opção para escrever)
14. Você acredita que com essas transformações urbanas, os moradores estão mais orgulhosos de viver na cidade?
15. E você?

Apêndice B - Roteiro para entrevista com Carlos Mario Rodriguez

1. A área urbana de Medellín é dividida em **16 comunas** que se **subdividem em 275 bairros oficiais e 20 áreas institucionais**. Qual espaço geográfico foi utilizado como referência para as ações do urbanismo social? Comunas? Bairros?
2. Todas as **16 comunas** foram de algum modo contempladas com intervenção?
3. Todos os **bairros das comunas** selecionadas foram contemplados?
4. Qual o critério de escolha das comunas e dos bairros a serem objeto de intervenção?
5. Qual o critério para a escolha do tipo de intervenção a ser feito em cada bairro ou comuna selecionado? Foi feita uma consulta aos futuros beneficiários?
6. Quais foram os mecanismos de consulta à população para a definição das comunas/bairros a serem beneficiados com intervenção? Quais foram os mecanismos de consulta à população para a definição das intervenções a serem feitas em cada bairro/comuna selecionado?
7. Quais foram (caso tenham existido) os principais problemas enfrentados antes/durante/depois da implantação?
8. Qual a contribuição efetiva que a comunidade beneficiária trouxe ao longo do processo de concepção e implantação do projeto?
9. Você considera que Medellín sofreu uma transformação? Se sim, qual o aspecto mais importante dessa transformação? Se não, por quê?